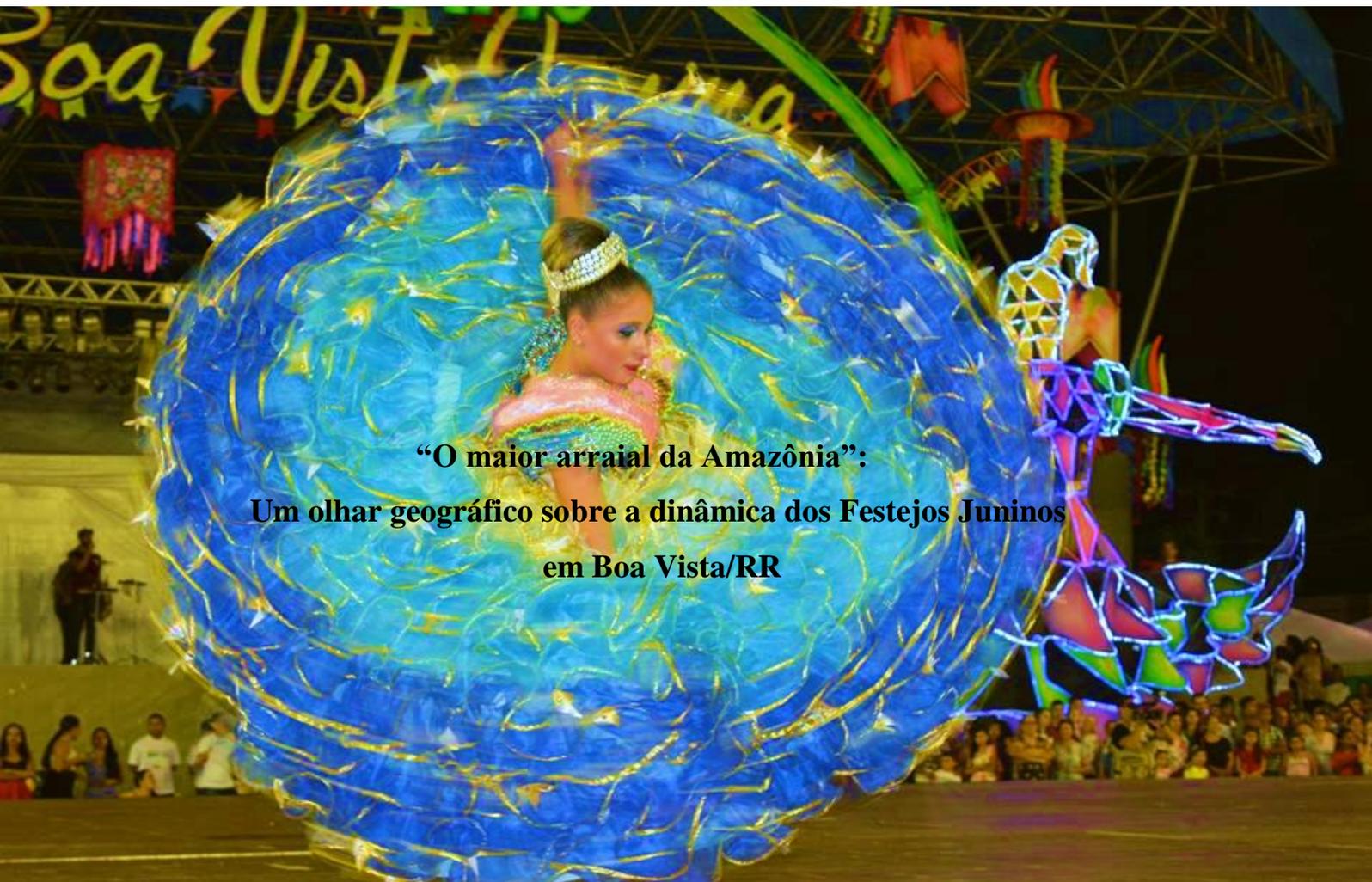




UFRR

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA-UFRR  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS-CCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E FRONTEIRAS  
PPGSOF

**GLAUCIENE DUTRA SILVA**



**“O maior arraial da Amazônia”:  
Um olhar geográfico sobre a dinâmica dos Festejos Juninos  
em Boa Vista/RR**

Boa Vista/RR  
2017

GLAUCIENE DUTRA SILVA

**“O maior arraial da Amazônia”:**

**Um olhar geográfico sobre a dinâmica dos Festejos Juninos  
em Boa Vista/RR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – PPGSOF, da Universidade Federal de Roraima, como Pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Fronteira.

Área de concentração: Sociedade e Fronteira na Amazônia. Linha de pesquisa II – Fronteiras e Processos Socioculturais

Orientador: Prof. Dr. Antônio Tolrino de Rezende Veras;

Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leila Adriana Baptaglin.

Boa Vista/RR

2017

**GLAUCIENE DUTRA SILVA**

**“O maior arraial da Amazônia”: Um olhar geográfico sobre o “Patrimônio Imaterial dos Festejos Juninos”, em Boa Vista/RR.**

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras, da Universidade Federal de Roraima. Área de concentração: Sociedade e Fronteiras na Amazônia. Defendida em 21 de Fevereiro de 2017 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

  
Prof. Dr. Antonio Tolrino Rezende Veras  
Orientador – UFRR

  
Profª. Drª. Roseli Bernardo Silva dos Santos  
Membro Externo – IFRR

  
Profª. Drª. Carla Monteiro de Souza  
Membro Interno – UFRR

Dedico aos meus pais...

Antônio Marques Silva e Maria da Solidade Dutra Silva,  
estes que amo e respeito. Que em nenhum momento  
deixaram de me apoiar e amar, sendo eles meu suporte  
para essa caminhada tão árdua, na qual meu pensamento  
estava em cumprir com meu dever em dar esse orgulho a  
eles.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter chegado até aqui, Ele com sua infinita bondade me carregou em seus braços nos meus momentos mais difíceis, guiando-me para que chegasse onde estou no momento, e ter força de vontade para continuar nessa longa estrada da vida. Sem dúvida, foi o seu amor e sua benção que me fez ter fôlego para encarar essa missão e retribuir dando o meu melhor.

Agradeço a meus pais, Antônio Marques e Maria da Solidade. Eu não poderia ter tido pais mais maravilhosos, que me apoiam, acreditam em mim e colaboram com muito amor e carinho nessa jornada estressante, de cansaço, de desânimo, mas que no final é saborosa, como diz a letra de Damares “a minha vitória hoje tem sabor de mel”, o mérito é meu, porém foram graças aos ensinamentos que tive dos meus pais, ensinamento de vida, de valor, de caráter, respeito e amor. Obrigada meus queridos pais. Saibam que meu amor por vocês é eterno.

Minha família, minha fortaleza, meus irmãos minha alegria, são meus presentes divino (Silvangelica, Luciene, Ecleene, Soledade, Gleuson Edson e José Raimundo), em especial minhas irmãs Soledade que chegavam a brigar e me defender para que estudasse, e a Luciene, por inúmeras vezes, que chegou a minha casa limpando, e lavando minhas coisas para que pudesse ter meu tempo de estudo ou até mesmo de descanso do trabalho e do mestrado. Aos meus sobrinhos (Júnior, Bilinho, Lulu, Enzo, Henrique, Rhianna, Davi e Miguel) que me alegram com suas inocências podendo ter ao lado deles momentos únicos de felicidades. E os cunhados que, por Deus, foram colocados para acrescentar a minha família. Meu muito obrigada a cada um de vocês. Família amor é incondicional.

Quero agradecer ao professor Veras (meu orientador), por cada ‘puxão’ de orelha, cada chamada de atenção, porque, sem dúvida, sem eles não teria tido o privilégio de decolar na minha carreira profissional. O que seria de nós sem um verdadeiro mestre? A ele dedico também esse trabalho que acreditou no meu potencial acadêmico em poder chegar a fazer parte de sua equipe de orientandos. Crescer profissionalmente é um mérito de cada um, porém sejamos humildes em dizer que crescemos graças a algumas pessoas, e hoje sou digna a dizer que sou o que sou profissionalmente graça a você *teacher* Veras. Obrigada por ter acreditado em mim

durante minha trajetória na graduação e na pós-graduação, mesmo tendo passado por situações adversas.

A minha co-orientadora, professora Leila Adriana Baptaglin, que acompanhou esta pesquisa, sendo suas orientações de suma importância para desenvolvimento da mesma, nas vezes que estava sem rumo, foram suas ideias/orientações que não me deixaram em desespero de não saber mais o que fazer. Meu muito obrigada!

Agradecer às amigas? Não agradeceria nenhuma amiga caso elas não fossem tão importantes. Agradeço minhas amigas-irmãs-comadre, Kely Pinheiro e Gleiciane Oliveira por mostrar o verdadeiro significado da palavra amizade que se resume em cumplicidade. Acredito que vocês são eternamente gratas a Deus por ele ter me colocado na vida de vocês, assim como sou muito grata por ter amigas no qual posso confiar e dizer vocês são presentes divino.

Aqui cabe agradecer uma pessoa que se tornou mais que um simples amigo, talvez posso dizer que um companheiro dos momentos bons e ruins, que me ajudou a enxergar a vida de outra maneira, exigindo mais de mim mesma e não dos outros, fazendo-me perceber que a vida está além de nossas fantasias criadas em nossas mentes, no qual é mais difícil que pensamos, mas se torna fácil quando temos força de vontade. Obrigada, Mário Codó, meu querido amigo/companheiro Codozão, que do início ao fim do mestrado esteve meu lado. Esteve mesmo que fosse me estressando ainda mais, mas também me fez rir e sentir bem comigo mesma, o importante que acompanhou minhas angústias e reclamações e soube me apoiar, com sua frase: “vai dar certo, codozinha”. E deu! Graças a Deus.

Nessa caminhada muitas pessoas passam em nossas vidas e por isso agradeço aos amigos que conquistei e que acreditam em mim, Lúcia Brito e Marcos Nogueira, Suzana Vianna, Eva Vilma e Ana Cláudia. Pessoas estas, que mesmo com a distância, e mesmos com poucas conversas, sei que estão torcendo para minha felicidade. Amizade só é verdadeira quando você percebe que o amigo se alegra tão quão você em suas conquistas.

Agradeço à Universidade Federal de Roraima e ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira, que possibilitaram a realização de mais uma fase da minha vida acadêmica e a todos os professores do programa e as meninas da secretaria p<sup>o</sup> dúvidas tiradas durante esses dois anos.

Um agradecimento em especial aos grupos de quadrilhas Zé Monteirão, Eita Junino, Explosão Caipira, grupos com os quais realizei minhas pesquisas, sendo eles

compreensivos e atenciosos, esclarecendo dúvidas e indagações que possibilitaram entender melhor esse mundo quadrilheiro. Agradeço por cada depoimento, entrevista, questionário respondido e permissão de uso das fotos das duas apresentações, pois foram elementos de suma importância para a realização desta dissertação.

À Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura, (FETEC), pelo apoio nas minhas pesquisas de campo, cedendo-me a oportunidade de acompanhar as quadrilhas de perto, em suas concentrações nos dias de suas apresentações, assim podendo registrar o momento e coletar entrevistas com os brincantes. O meu agradecimento mais que especial a Chiquinho Santos, que por várias vezes tirou uma manhã para que pudesse realizar minhas entrevistas, a quem eu devo meu segundo capítulo.

Meu muito obrigada a todos! Obrigada meu Deus!

## RESUMO

A presente dissertação “O maior arraial da região norte”: Um olhar geográfico sobre a dinâmica dos Festejos Juninos em Boa Vista/RR tem como objetivo internalizar como se projeta a dinâmica das festas juninas na Capital de Roraima, que se configurou como “patrimônio cultural imaterial”, relacionando com os aspectos políticos, econômicos e socioculturais. Para entender esse conjunto das festas juninas com meio social, foram necessárias metodologias *in loco*, pesquisa bibliográfica sobre as temáticas: cultura popular, patrimônio cultural, identidade, reprodução do espaço, territorialidades, conceitos que foram de suma importância para entender a dinâmica da festa junina com o conjunto social. Tendo como método qualitativo e quantitativo, uma vez que estes métodos dão suporte para entender as complexidades dos objetos e sujeitos de estudo, sendo a festa junina e os grupos de quadrilhas. A metodologia teve como suporte as entrevistas, observações e aplicação de questionário com os grupos de quadrilhas envolvidos na pesquisa. Os grupos foram escolhidos através de três critérios: o grupo que venceu o concurso do “Boa Vista Junina” 2015, ano em que se iniciou a pesquisa; a pioneira do arraial e o grupo que apresenta uma cultura de massa. Os sujeitos de pesquisa, conforme os critérios mencionados, estão aqui representados pelos grupos: Explosão Caipira, a quadrilha Zé Monteirão e o grupo Eita Junino. Os grupos foram acompanhados durante os meses de ensaios e durante suas apresentações no “Boa Vista Junina”. O que obteve como um dos resultados que a cultura popular quando passa ser considerada com o “patrimônio cultural”, não significa dizer que o mesmo não pode ser modificar, ao contrário cultura se renova de acordo com mudanças sociais, já que de certa forma é resultado do comportamento da sociedade.

**Palavras-Chave:** Dinâmicas Socioculturais. Quadrilha. Cultura.

## ABSTRACT

This research titled "The biggest camp in the northern region": A geographical look on the dynamics of the Juninho Celebrations in Boa Vista / RR, aims to understand how to design the dynamics of state fairs in Roraima capital, which set as "intangible cultural heritage", relating to the political, economic, and sociocultural. understand this set of state fairs with social, methodologies were needed on site, bibliographic research on the themes: popular culture, cultural heritage, identity, play space, territoriality, concepts that were very important to understand the dynamics of this junina with the social set. With the phenomenological method, since this method is more suitable to understand the complexities of the objects and subjects of study, and the June Festival and the gang groups. The methodology was supported by interviews, observations and questionnaire with gang groups involved in the research. The groups were chosen by three criteria: the group that won the contest of "Boa Vista Junina" 2015 year that begins this research; the pioneer of the camp and the group has a mass culture. The research subjects, according to the mentioned criteria, here are represented by groups: Grit blast, the gang Ze Monteiro, and Eita Junino group. The groups were followed during their months of rehearsals and during his performances in "Boa Vista Junina". What obtained as a result that popular culture when it passes be considered as "cultural heritage" that is not to say that it can not change, unlike culture is renewed in accordance with social changes, as is somehow result of their behavior.

**Key Words:** Dynamic Sociocultural. Gang. Culture.

## **SIGLAS**

BVJ – Boa Vista Junina

CEQUAJ – Confederação Nacional de Quadrilha Juninas.

CODEMTUR – Coordenadoria Municipal de Turismo de Campina Grande.

CONAQJ – Confederação Nacional de Quadrilhas Juninas e Grupos Folclóricos.

CONFEBRAQ – Confederação Brasileira de Quadrilhas.

DETRAN – Departamento Estadual de Trânsito

FETEC – Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura de Boa Vista.

IFRR – Instituto Federal de Roraima

IPCBV – Inventário do Patrimônio Cultural de Boa Vista.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

LIQUAJUR-GF – Ligas das quadrilhas Juninas e grupos Folclóricos do Estado de Roraima.

MPB – Música Popular Brasileira.

PM – Polícia Militar.

SMTRAN – Secretaria Municipal de Trânsito.

SEJEL – Secretaria de Esporte, Juventude e Lazer.

SEDE – Secretaria de Desenvolvimento Econômico.

UFRR – Universidade Federal de Roraima.

UERR – Universidade Estadual de Roraima.

## LISTA DE FIGURA

<b>Figura 1</b> - Espaços públicos onde ocorreram e acontecem os festejos juninos no Município de Boa Vista/RR.....	20
<b>Figura 2</b> - Organização das entrevistas com as observações em campo.....	39
<b>Figura 3</b> - Dimensões que compõem os festejos juninos.....	46
<b>Figura 4</b> - Território e sua relação com a Territorialidade.....	50
<b>Figura 5</b> - Características culturais.....	53
<b>Figura 6</b> - O movimento cultural como reprodutora do espaço.....	58
<b>Figura 7</b> - Elementos que compõem a produção do espaço.....	59
<b>Figura 8</b> - Diferentes sentidos das festas.....	70
<b>Figura 9</b> - Apresentação do grupo junino em Zé-Doca Maranhão, 1995.....	78
<b>Figura 10</b> - Vestimenta de grupos culturais em Zé-Doca Maranhão 1995 (A e B).....	80
<b>Figura 11</b> - Envolvimento das cores no tablado do Boa Vista Junina.....	81
<b>Figura 12</b> - Rainhas Caipiras de 1995 do Maranhão (A) e 2015 de Roraima (B).....	82
<b>Figura 13</b> - Torcida quadrilheiras (A, B e C).....	84
<b>Figura 14</b> - Transversalidade da cultura nas quadrilhas.....	94
<b>Figura 15</b> - Brasil país do arraial.....	98
<b>Figura 16</b> - Cultura e suas relações.....	101
<b>Figura 17</b> - Produção dos vestidos das quadrilhas.....	103
<b>Figura 18</b> - Dinâmica do arraial.....	104
<b>Figura 19</b> - Dinâmica do Boa Vista Junina na empregabilidade.....	105
<b>Figura 20</b> - Distribuição da maior paçoca do mundo.....	106
<b>Figura 21</b> - Transversalidade na festa junina (A, B, C, D, E, e F).....	110
<b>Figura 22</b> - Localização dos grupos em estudos.....	114
<b>Figura 23</b> - Localização dos grupos de Boa Vista/RR por Bairro.....	116
<b>Figura 24</b> - Mascote da Quadrilha Eita Junina.....	119
<b>Figura 25</b> - Ações sociais do grupo Eita Junina (A, B, C e D).....	120
<b>Figura 26</b> - Premiação de campeã nacional da Quadrilha Eita Junino.....	122
<b>Figura 27</b> - Rodado da saia, ‘giro da mulherada’.....	128
<b>Figura 28</b> - Mascote da Quadrilha Explosão Caipira.....	129

<b>Figura 29</b> - Mascote da Quadrilha Zé Monteirão.....	131
<b>Figura 30</b> - Casal de noivos da Quadrilha Zé Monteirão.....	133
<b>Figura 31</b> - Tempo cronometrado.....	136
<b>Figura 32</b> - Genealogia das quadrilhas.....	141
<b>Figura 33</b> - Palavras herdadas da quadrilha francesa.....	143

## LISTA DE QUADRO E TABELAS

<b>Quadro 1</b> - Percepções territoriais.....	47
<b>Tabela 1</b> - Quadrilhas do grupo de acesso.....	88
<b>Tabela 2</b> - Quadrilhas do grupo especial.....	88
<b>Tabela 3</b> - Apresentações no Boa Vista Junina.....	89
<b>Tabela 4</b> - Estrutura do grupo Eita Junina.....	121
<b>Tabela 5</b> - Estrutura do grupo Explosão Caipira.....	124
<b>Tabela 6</b> - Estrutura do grupo Zé Monteião.....	130
<b>Tabela 7</b> - Quadrilhas Campeãs do Boa Vista Junina.....	141

## SUMÁRIO

	O LOCUS E O DESENHO DA PESQUISA.....	16
<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>21</b>
1.1	DETALHANDO O TEMA.....	28
1.2	JUSTIFICATIVA.....	34
1.3	MÉTODO E TÉCNICAS.....	35
<b>2</b>	<b>GEOGRAFIA HUMANA E A PRODUÇÃO TERRITORIAL.....</b>	<b>41</b>
2.1	GEOGRAFIA CULTURAL COMO EXPRESSÃO SOCIAL.....	41
2.2	PATRIMÔNIO IMATERIAL CULTURAL COMO PRODUTOR DO ESPAÇO URBANO.....	51
2.3	A DINÂMICA DA CULTURA POPULAR COMO REPRESENTAÇÃO DE UMA IDENTIDADE SIMBÓLICA.....	61
2.4	TERRITORIALIDADES DAS FESTAS URBANAS.....	68
<b>3</b>	<b>“EVOLUIR PARA CONSERVAR” .....</b>	<b>75</b>
3.1	E VIVA OS SANTOS! UMA RECONSTITUIÇÃO DO ONTEM E O HOJE.....	75
	<b>3.1.1 Arraial do ONTEM.....</b>	<b>77</b>
	<b>3.1.2 Arraial do HOJE.....</b>	<b>80</b>
	<b>3.1.3 Reconstrução da festa junina em Boa Vista/RR.....</b>	<b>85</b>
3.2	DINÂMICA DAS FESTAS JUNINAS EM BOA VISTA/RR. DO ÓCIO AS RELAÇÕES COMERCIAIS.....	91
	<b>3.2.1 Amores de arraiais.....</b>	<b>100</b>
	<b>3.2.2 Geração de renda.....</b>	<b>101</b>
3.3	A POLÍTICAS E OS MOVIMENTOS CULTURAIS.....	107
<b>4</b>	<b>“ANARRIÊ SÔ, QUE A FESTA VAI COMEÇAR!” .....</b>	<b>114</b>
4.1	DISTRIBUIÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DAS QUADRILHAS DE BOA VISTA/RR .....	114
	<b>4.1.1 Ecoou um Canto Norte, e Dançou a Eita no Arraiá! Quadrilha Eita Junina.....</b>	<b>119</b>
	<b>4.1.2 Muito prazer sou Explosão! Quadrilha Explosão Caipira.....</b>	
	<b>4.1.3 A mais matuta desse arraial! Quadrilha Zé Monteirão.....</b>	
4.2	A METAMORFOSE CULTURAL DAS QUADRILHAS JUNINAS	

	COMO UMA REPRESENTAÇÃO DE IDENTIDADE.....	133
4.3	IDENTIDADES QUADRILHEIRA/REPRESENTAÇÃO CULTURAL...	137
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>145</b>
	REFERENCIAS.....	148
	APÊNDICES.....	154

## O *LOCUS* E O DESENHO DA PESQUISA

A proeminência por pesquisar as dinâmicas apresentadas pelos festejos juninos se deu pela dimensão que auferiu nos últimos dez anos em Boa Vista/RR. Boa Vista é a única capital da região norte totalmente localizado acima da linha do Equador. O estado de Roraima é uma região setentrional, tendo o nome em homenagem ao Monte Roraima, por delimitar fronteira com a República Bolivariana da Venezuela e República Cooperativa da Guiana<sup>1</sup>. E ao sul o estado faz limite territorial com a região do Amazonas, ao leste com a Guiana e com Estado do Pará.

A dissertação refere-se à festa junina em Boa Vista/RR que se tornou “patrimônio cultural imaterial” para a capital de Roraima, mesmo ainda não sendo tombada pela prefeitura, visto que é assim que a sociedade consagra esse movimento cultural que se tornou popular e bastante prestigiado pelos boa-vistenses, por seguir uma sequência cronológica que vem ocorrendo todos os anos desde 2001.

Em 2015, o ‘Boa Vista Junina’ teve sua 15ª edição, ano em que se iniciaram as pesquisas sobre esse festejo popular para esta dissertação. Durante essa periodização, as formas como a festa junina se organizam, foram apresentando um resultado de uma ampla transformação no contexto social.

Essas mudanças estão relacionadas, principalmente, ao modo como as quadrilhas juninas se apresentam. Atualmente, os tablados ou arena junina (novo termo utilizado nos arraiais) tornaram-se palco de grandes espetáculos. Vale ressaltar que, por sua vez, as quadrilhas de Boa Vista/RR são reconhecidas nacionalmente, devido a várias premiações nos concursos nacionais.

Outro aspecto de mudança é a importância econômica que a festa gera para o estado de Roraima. As músicas criadas por parte dos grupos suscitam lucro ao estado, sendo um dos quesitos analisado na apuração. Algumas dessas músicas, por exemplo, são reconhecidas fora do estado de Roraima, valorizando a cultura local. Além do reconhecimento cultural, há os empregos diretos e indiretos que o festejo proporciona, sem contar o destaque turístico que possibilita ao estado na época junina.

No que se refere à modificação nos fatores social e político, ambos com grandes influências nesse movimento há uma ligação bastante visível. Essa ligação refere-se à forma como esse movimento é realizado devido às administrações que estão na gerência. O que se torna uma disputa de poder de territorialidade na produção

---

<sup>1</sup> Conforme menciona SILVA, R. F; OLIVEIRA, R. da. S. (Org.) **Roraima 20 anos: as geografias de um novo estado**. Boa Vista: Editora da UFRR. 2008.

socioespacial do estado, pois, dependendo como a festa está estabelecida e estruturada é que despertará o interesse social para apreciar o movimento junino.

Resultado dessas novas organizações foi relevância para os governantes em realizarem uma festa cultural popular, que é tão almejada no contexto social. A festa chegou, assim, a um evento com maior estrutura, digna de uma festa popular que se tornou patrimônio imaterial cultural para Boa Vista/RR. Quando se trata de patrimônio cultural para o estado, esse evento acarreta transformações dentro dos fatores sociais, espaciais e econômicas. A dimensão que a festa junina ganha dentro da sociedade deu início a algumas perdas simbólicas. O que antes era uma simples manifestação religiosa em comemoração a Santo Antônio, São João e São Pedro se tornou, atualmente, um evento com grandes espetáculos no que tange às apresentações dos grupos culturais, as “quadrilhas juninas”.

Devido a sua relevância, a festa junina passa a ser realizada nos espaços públicos e não mais apenas nas Igrejas Católicas. Vale destacar que as entidades religiosas ainda permanecem com suas homenagens, porém, de forma que a Igreja Católica em Roraima realiza os arraiais em todas as comunidades nas festas de seus padroeiros, independentemente de ser Santo Antônio, São João e São Pedro ou de ser no mês de junho. Os arraiais são realizados com o objetivo de arrecadar fundos para as comunidades construírem seus templos, reformarem os já existentes ou adquirir materiais.

Na visão sociopolítica, a festa junina acarreta uma reprodução dos espaços urbanos. De que forma? No momento em que esses festejos passam a simbolizar um produto mercantil. “O processo de (re) produção do espaço é, ao mesmo tempo, condição e produto da (re) reprodução humana”, conforme menciona Carlos (2008, p. 98). Ou seja, enquanto que para as entidades religiosas o interesse desta festa está em homenagens aos santos com propósito de contribuir para manutenção da igreja, no campo sociopolítico e econômico esse interesse se revela como um produto que será consumido pela sociedade a fim de reproduzir o capital.

A reprodução do espaço como condição da ação humana como se refere à autora estão também relacionadas com as alterações nos espaços públicos, criando novos lugares para realização do mesmo. Devido a essas mudanças, esses espaços são pensados mais em suas funcionalidades que suas próprias estruturas arquitetônicas, pois as funções dos espaços públicos assumem um papel de materialidade para produção cultural, social e econômica.

Nessa perspectiva, a cultura é um agente reformulador dos espaços geográficos, que por sua vez está relacionado com as políticas públicas inseridas em ambos. Já que os espaços onde ocorrem as manifestações culturais são de responsabilidade dos governantes, esses lugares são contemplados de acordo com sua importância econômica, cultural e política. Sua significância é que os transforma.

E a contemplação social? Essa é uma pergunta que pode parecer ser fácil para responder, porém, não o é, uma vez que quando se trata de mudanças nos espaços para pensar no social, esse ponto é deixado de lado, sem nenhuma estrutura de uso adequado.

Não está na proposta trabalhar as funcionalidades dos espaços públicos, mas ressaltar que atualmente os espaços são criados e recriados de maneira pensada para produzir algum fim lucrativo na grande maioria deles. O homem cria um valor simbólico para esses lugares priorizando sua funcionalidade, entende-se que espaço e cultura, onde os dois se interligam. Segundo Castro (2012, p. 15), “as relações entre o espaço e a cultura são, pois, múltiplas e põem em questão fenômenos que são ao mesmo tempo materiais e imateriais objetivos e subjetivos, tradicionais e modernos, particulares e universais, coletivos e individuais”.

Por isso o olhar geográfico desta dissertação abre um leque de como interpretar as influências dos diversos agentes produtores dos espaços urbanos no caso o foco desta pesquisa os Festejos Juninos em Boa Vista/RR, conseguem realizar uma dinâmica influenciando vários campos geográficos, econômico, cultural e social em apenas um festejo.

Assim, “a geografia pode almejar esse papel, pois vem, cada vez mais de forma mais clara e enfática, demonstrando que, em sua concepção de espaço geográfico, há mais do que simplesmente uma ideia de extensão ou de suporte” (CASTRO, 2012, p.20). Ela vem na forma de compreender as dinâmicas do homem dentro do seu espaço, suas ações (desejos e necessidades) movem as formas de reproduzir os espaços públicos, porém, vai de cada interesse envolvido.

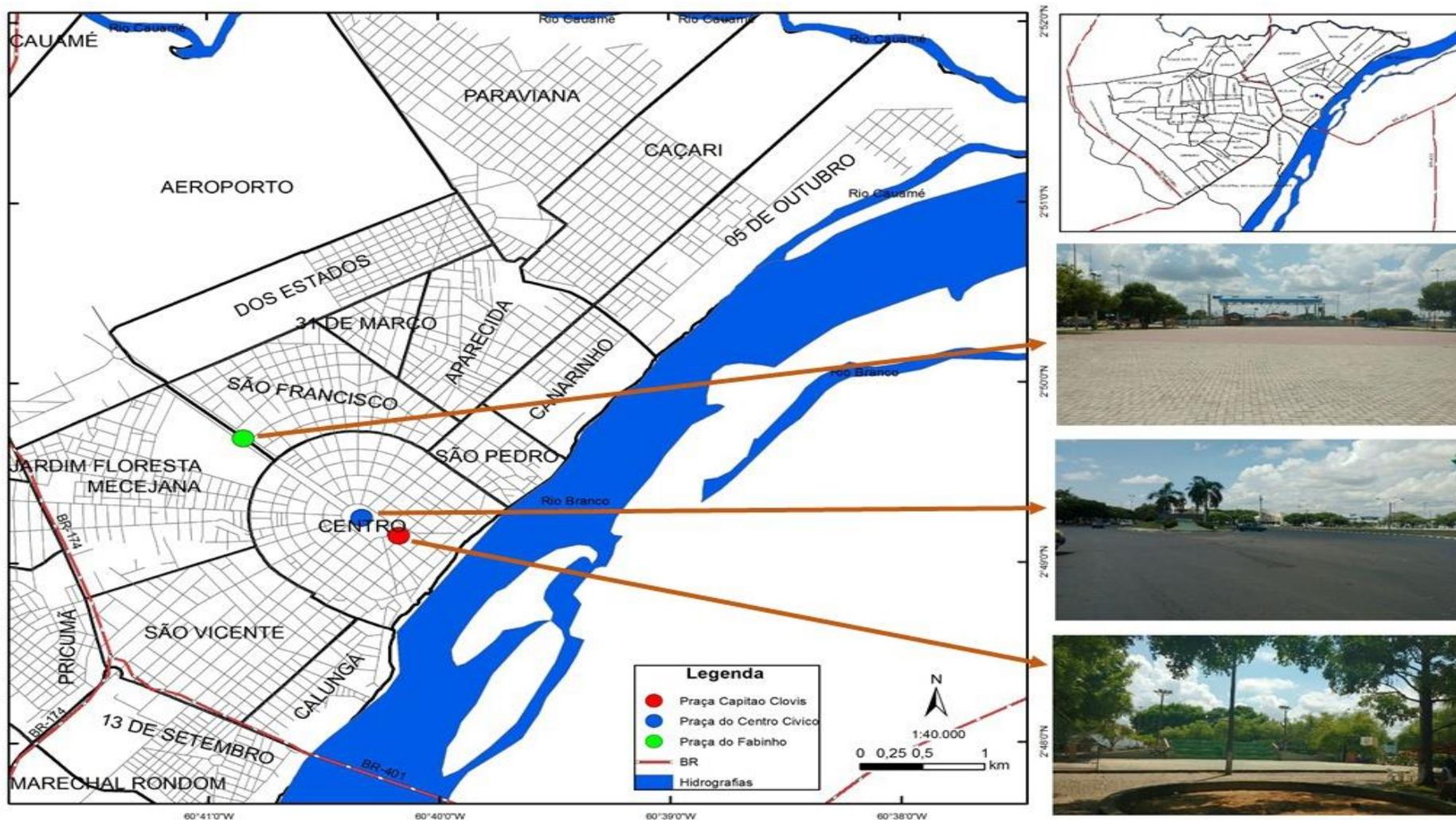
O *locus* da pesquisa onde ocorreram e ocorrem atualmente as festas está representado da figura 1. O “Boa Vista Junina”, desde 2015, está sendo realizado na Praça de Evento Fábio Marques Paracat. O nome foi em homenagem ao estudante de família tradicional do estado, que faleceu no ano de 2015. Inaugurada no dia 13 de junho do mesmo ano, a praça está localizada a zona central de Boa Vista/RR, situada no Complexo Poliesportivo Ayrton Senna. Nos primeiros anos, os regozijos foram realizados na Praça Capitão Clovis, situada na Avenida João Pereira de Melo,

construída em 1946, porém, o arraial ainda não recebia o nome de “Boa Vista Junina”, (este que se tornou patrimônio cultural para a capital do estado). Era denominado apenas “Arraial da Prefeitura”. Posteriormente, o evento foi transferido para Praça Centro Cívico, situada na área central de Boa Vista, permanecendo no local por 14 anos.

Houve a mudança do lugar onde se realizavam os festejos pela dimensão que a festa ganhou e, com isso, a necessidade de ampliar o espaço, pois segundo a comissão da FETEC (Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura de Boa Vista) a Praça Centro Cívico, já não comportava a população que ia prestigiar o evento.

Fica nítido que as formas de realizar cultura reconstroem os espaços públicos, como mostra a Figura 1. Com isso, a cultura junina de Roraima abre caminhos para o estado se comunicar com as demais regiões brasileiras.

**Figura 1** - Espaços públicos onde ocorreram e acontecem os festejos juninos no Município de Boa Vista/RR.



Organização e elaboração: Glauciene Dutra e Filipe Brito/UFRR, 2015.

## 1. INTRODUÇÃO

*O forró estereofônico estava mesmo um barato  
Muita música na praça e muita dança lá no mato  
Quem gozou da brincadeira, muito bom, muito bem  
Quem tomou chá de cadeira, só no ano que vem  
Pois nesse ano, como todo ano, uma vez por ano  
Tem quadrilha no arraial  
E nesse ano, como sempre, salvo chuva e salvo engano  
A satisfação é geral  
Ninguém leva a mal<sup>2</sup>*

A letra da música de Chico Buarque e Francis Hime retrata como os festejos juninos são vistos no meio social, como uma brincadeira que acontece apenas uma vez ao ano, que envolve a população em geral com manifestações de danças e comidas típicas. Dessa maneira, esses festejos são representações simbólicas que passam por reconstruções de significado de acordo com a dinâmica social.

O arraial é uma festa popular que abrange por todas as regiões brasileiras, porém prevalecendo na região nordestina. A festa e a cultura popular formam um conjunto intrínseco, no qual ambos são uma junção dos comportamentos culturais da sociedade, uma vez que resulta na dinâmica sociopolítica, pois, eles também são responsáveis por dinamizar o espaço.

Portanto, o objetivo da dissertação foi analisar a dinâmica da festa junina realizada na capital do estado de Roraima, Boa Vista, sendo este um “patrimônio cultural imaterial”. Cunha (2005, p. 15) coloca que “patrimônio imaterial se compõe de processos tantos, que provavelmente mais, de que produtos; que ele não se compõe de formas fixas, mas de uma recriação permanente que tem a ver com sentimento de continuidade em relação a gerações anteriores”.

Assim sendo, patrimônio imaterial é dinâmico, porém, histórico, e que é submetido a mudanças. Cunha conclui como uma “condição de reprodução que dependem, entre outras coisas, de acesso a território e recursos naturais” (2005, p. 15).

Para tanto, a dissertação apresenta, como proposta do sumário, três capítulos, os quais mantêm relações, seguindo o contexto no qual chegou-se ao objeto e sujeitos da pesquisa.

---

<sup>2</sup> Quadrilha. Chico Buarque e Francis Hime. Álbum, A arte de Chico Buarque. Universal Music, 1977.

Os capítulos compreendem uma descrição de alguns conceitos-chave para interpretar a cultura popular como uma dinâmica social que reproduz os espaços urbanos, uma vez que são neles que as influências ocorrem com maior visibilidade, reconstruindo novos espaços a partir desses movimentos.

Esses conceitos serão interpretados de acordo com as observações, entrevistas e questionários, contribuindo para uma análise geral do objeto de estudo. “As técnicas e os instrumentos decorrem, pois, de decisões que são tomadas no início da pesquisa, como a formulação do problema a ser investigado”. (CHIZZOTTI, 2009, p.51). O que coube a esta pesquisa analisar foram as formas como os festejos juninos estão sendo realizados em Boa Vista/RR, através destas técnicas.

Seguindo com esses métodos, as observações foram perpetradas em três grupos culturais e nos dias da realização dos festejos para uma compreensão *in loco*, assim obtendo resultados mais científicos, que foram analisados como fruto da pesquisa, com as possíveis formas de territorialidades presentes no festejo.

Dentre as estratégias para chegar aos grupos culturais, foram escolhidos a partir de três critérios: a campeã do concurso de 2015 do “Boa Vista Junina” (Explosão Caipira); o grupo mais antigo do estado que é representado pela Zé Monteiro e o grupo que apresenta maior popularidade dentre os demais grupos, a Eita Junino.

Vale destacar que o intuito da dissertação não foi em nenhum momento comparar os grupos culturais, mas, avaliar as diferentes formas como cada grupo produz a cultura junina. Identificar os desejos que estão inseridos em fazer parte de um grupo cultural que prevalece apenas em uma época do ano, as motivações que existem em cada uma delas e o desejo de participarem de uma dança<sup>3</sup>, sendo elas a emoção da competitividade e o amor pela dança cultural, no caso as quadrilhas juninas.

As quadrilhas tornaram-se uma dança de *performances*, na qual os brincantes se inspiram na música para cantar e dançar, articulando cada passo em conjunto. Ao dançar, os homens e as mulheres não só reinventam movimento, tempo, espaço, mas transformam-se em personagens, criando um jogo de forças, tornando visível o corpo e os movimentos, com diversos significados do cotidiano (DANTAS, 1999).

Isso retrata a dança como uma atividade social, na qual o homem consegue tirar de si toda energia negativa, estresse e fadiga, encontrando na dança uma distração,

---

<sup>3</sup> Dançar, segundo Vianna, é mover-se de acordo com o ritmo, da melodia e harmonia. VIANNA, R. A **dança**. 2ª edição. Ed. Siciliano. São Paulo, 1990.

um momento de lazer que a dança oferece, unindo o corpo com espírito e, claro, com os desejos e emoções de estar dançando.

Todo esse envolvimento com a dança junina resulta no prazer de foliar e na conservação da dança, porém reconstruindo o valor cultural diante do contexto social, de uma simples brincadeira de rua, transformou-se em grandes espetáculos de São João. Atualmente, tornou-se um campo de estudo conforme as novas interpretações do conceito da cultura popular.

O conjunto dos termos CULTURA e POVO “significa uma maneira de marcar as diferenças, cuja ênfase recai sobre apresentar uma “identidade contrastiva”, que trata de inquirir sobre a imaginação popular materializada em práticas ditas populares”, conforme menciona Braga, Morelli e Lages (2004, p.56). A partir da cultura popular, a sociedade passa a entender e interpretar as diferenças dentro de um contexto sociocultural, apresentando movimentos culturais que se tornam importantes devido a sua relevância no social. Assim, fazendo desses movimentos populares um “patrimônio imaterial cultural”, por parte da população.

A necessidade de criar esse novo termo de patrimônio imaterial cultural se deu através do esforço do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em preservar culturas religiosas e sociais, como manifestações das danças, das festas, santuários, entre outros que marcam uma dinâmica cultural de um determinado povo.

Portanto o objetivo geral da dissertação está em compreender a dinâmica da festa junina no município de Boa Vista/RR, enquanto “patrimônio cultural imaterial”, considerando o aspecto cultural das quadrilhas juninas.

Os objetivos específicos foram: Descrever a dinâmica cultural dos festejos juninos que se desenvolvem na capital de Roraima; interpretar as relações políticas e econômicas que apresentam-se dentro dos festejos; identificar e mapear as formas como os grupos folclóricos estão inseridos geograficamente dentro do espaço urbano de Boa Vista/RR; traçar um perfil histórico dos grupos culturais em estudo e da festa junina

Esses objetivos específicos foram a base para qualificar todos as informações de forma organizada em três capítulos que trabalhem em uma mesma linha de raciocínio, descritos nos tópicos.

No primeiro capítulo, apresentamos um apanhado geral da Geografia Humanística como uma ciência humana que trabalha engajada com os fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, que emergem sobre o objeto de pesquisa, a cultura

popular dos festejos juninos. E como estes produzem sua territorialidade dentro dos espaços.

Esses espaços são representados pelas atividades humanas impondo função de territorialidade no lugar. Suas funcionalidades são definidas de acordo com a importância e poder político, econômico e sociocultural, que nele é exercido. E a dinâmica social e cultural são dois campos analisados em conjunto pela Geografia Cultural, ponto de partida da pesquisa.

Por ser uma ciência que tem seu foco nas investigações na cultura, imaterial, costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas (MCDOWELL, 1996, p. 159).

Outra ciência retratada foi a Antropologia que tem como um dos principais objetos de estudo a cultura por si só. Um conceito chave para essa pesquisa. Cabe aqui analisar as formas de como a cultura, em alguns casos, torna-se patrimônio cultural e que, por sua vez, ganhou mais relevância por adquirir um novo objeto de estudo o patrimônio cultural imaterial ou intangível (danças, festas, comidas, costumes entre outros).

Enquanto que o “patrimônio cultural material” era o único discutido em livros e artigos, principalmente na ciência arquitetônica, um conceito voltado para os monumentos históricos, este campo cultural ultrapassa seus limites ganhando mais ênfase por ser um assunto que destacou-se no meio social. E com isso reproduzindo os espaços urbanos.

Hoje, diante de uma nova esfera social, as danças, músicas, comidas, brincadeiras, festas entre outros foram apontados como patrimônio cultural imaterial devido a sua renovação em cada geração, nunca perdendo seu valor tradicional, porém, destacando-se cada vez mais, assim, conquistaram seu destaque como patrimônio a partir da cultura popular.

A dinâmica da cultura popular fez surgir alguns termos, como conceitos de cultura de massa, sendo aquela cultura que se sobressai das demais, conhecida como cultura das elites por ter tido seu surgimento das classes mais nobre, dentro das redes de comunicações.

Portanto, “para muitos, a ação crescente dos meios de comunicações coletiva criou um fenômeno inédito, um novo tipo de cultura – a cultura de massa”, (SODRÉ. 2003, p.90). Nesse sentido, a cultura de massa passou a dominar por alguns tempos os

diversos consumidores culturais, tendo então uma indústria cultural, devido à comercialização da mesma.

Essa indústria cultural criou certo preconceito contra a cultura popular, no que se refere ao fato de que, como o próprio nome já diz cultura popular era conhecida como manifestação de um povo de forma simples procurando seu regozijo.

Essas manifestações populares criaram novos espaços urbanos, surgindo com novas práticas de territorialização do lugar. Territorializar, diante desse campo de abordagem, está relacionado com as formas como os agentes sociais se manifestam, criando diferentes símbolos e significados dentro dos espaços públicos.

Seguindo a proposta da dissertação, o segundo capítulo apresenta como abordagem as relações comerciais existentes no festejo, interpretando as diversas maneiras de produção econômica presente no mesmo, identificando as possíveis empregabilidades, tanto direta quanto indireta, apresentando a estrutura da festa, e a organização do concurso cultural das quadrilhas, que é o principal foco da festa e a forma como os grupos são julgados.

Destacar os dados, tais como os quesitos a serem avaliados pelos jurados, fez-se necessário para entender como os grupos se organizam em relação as suas apresentações, conforme o que foi acatado pelos avaliadores. E quanto aos jurados, identificar quem são e suas áreas de atuação.

A partir de uma análise do conjunto como o todo, a participação social, cultural e econômica sobre as influências políticas, os festejos articulam novos caminhos para interagir o estado com as demais regiões brasileiras.

Pensar nesses festejos como uma das possíveis portas de integração é, assim, tomar decisões que competem ao município que tem a festa junina como um produtor cultural pensar no desenvolvimento do turismo regional, de tal modo, as novas formas de realizar cultura diante da sociedade contemporânea.

O terceiro capítulo traz uma discussão sobre os grupos culturais que foram sendo estudados, traçando um perfil histórico. Grupos que se apresentam como movimentos modernos e sofisticados de reproduzir cultura. O capítulo apresenta, numa estrutura mapeada, as suas devidas localizações, onde realizam seus ensaios, revelando um trabalho de, aproximadamente, seis meses, com dedicação, esforço e amor por essa dança. Criando uma territorialização com a festa junina.

Essa territorialização do arraial é identificada através das características simbólicas para Boa Vista-RR, tornando-se uma marcação cultural para o município

nessa época do ano. Esse desdobramento inicia pela Geografia Humana, mais precisamente a Geografia Cultural.

Dessa forma, trabalhar a Geografia Cultural na pesquisa com enfoque no maior arraial da Amazônia está na relevância que esse festejo ganhou nos últimos anos na cidade de Boa Vista/RR, destacando-se como “patrimônio imaterial cultural” para sociedade local. Coube a esta dissertação interpretar a produção cultural presente na festa junina visto que esse movimento cultural gera fins econômicos e políticos.

No que se refere à produção cultural, no caso os grupos folclóricos, estes se planejam por seis meses e o festejo ocorre uma única vez, no mês de junho. Mesmo com as dificuldades de apoio e incentivo, não falta disposição por partes desses grupos em fazerem uma excelente apresentação.

Os arraiais são representados como um movimento social, ou seja, uma forma de festejar, de confraternizar e para os “quadrilheiros<sup>4</sup>” um símbolo cultural, esses valores são deixados de lado, no momento que estes festejos enquanto patrimônios imateriais não são realizados.

Os festejos juninos são representações de fé, crenças, danças, culinárias que se unem em uma determinada época do ano, e em um curto período de tempo conseguem florescer todos os sentimentos culturais que a festa carrega. As identidades culturais desses festejos passaram e ainda passam por uma reconstrução de valores através das novas dinâmicas socioespaciais.

Os resultados da pesquisa tendem a colaborar para entender a dimensão que o festejo adquiriu, no âmbito de analisar esse movimento social, este como o maior festejo urbano do estado.

A questão norteadora da pesquisa é voltada para as produções socioculturais no Município de Boa Vista/RR. Neste sentido, apresenta como problema entender “qual a dinâmica das festas juninas em Boa Vista/RR, enquanto “patrimônio imaterial”, em seus aspectos políticos, econômicos e culturais? ”.

Para entender essa problemática cabe uma intervenção de como as festas populares ganharam tanta relevância no meio social. Por conseguinte, as festas culturais são uma simbologia que nos mostra uma ampliação dos valores sociais. As festas modernas são representações de espetáculos, mercantilização, pois atualmente as festas

---

<sup>4</sup> Quadrilheiro é uma maneira de se referir aos participantes das quadrilhas juninas, ou seja, os brincantes de cada grupo cultural. Segundo os componentes da quadrilha Eita Junina, o termo brincante porque é um momento de recriação, diversão, onde cada um esquece o mundo lá fora. Nos ensaios todos são quadrilheiros.

tornaram-se um produto mercatório. Castro (2010, p.04) apresenta a festa junina como exemplo dessa transformação, na qual ele argumenta que as festas juninas na atualidade são a grande concentração de foliões e turistas em espaços públicos ou privados.

Nesta perspectiva, o arraial é uma manifestação de danças (quadrilhas, boi-bumbá e ciranda), *shows* musicais, (forró, sertanejo, *funk*, axé, entre outros). Vale ressaltar que nas apresentações musicais presente nestas festas, percebe-se uma mistura de ritmos na qual até o *rock* ganhou um espaço dentro desta festa, assim como a MPB (Música Popular Brasileira), ou seja, trata-se de uma festa moderna em que se representam com valores tradicionais, mas com nova fisionomia para alcançar todos os gostos sociais. É uma festa que une todas as classes sociais em só local.

Porém, toda festa popular usa formas de como comandar aquele espaço durante o festejo, sejam elas por atividades de dança, diversão, música, ou consumo para que a sociedade no todo aprecie esse movimento. Por isso, cabe aos organizadores inovar todo ano o espetáculo junino, superando do ano anterior e, com isso, despertando o interesse social em prestigiar essa festa e levando ao consumo.

Uma festa cultural, mas também mercantilista, ou seja, do ócio às relações econômicas e políticas. A festa junina se tornou uma espécie de “produto junino” de modo que é atualmente uma mercadoria de consumo social, porém cada grupo apresenta maneiras diferentes de saborear e consumir esse produto. Os “paladares” variam de acordo com cada interesse.

Para os grupos o que prevalece é o desejo da dança, de se apresentar no tablado e realizar um espetáculo que surpreenda o público, criando diversas imaginações para o mesmo. Para outros, trata-se de uma simples diversão, de consumir comidas, de ir a parques de brinquedos, de passear, de relaxar etc. dentro dos interesses culturais e sociais. Já no campo econômico e político, há um domínio de poder, investimento financeiro para o município, o fluxo de empregos direto e indiretos com esses festejos e ampliação da imagem do estado para as demais localidades investindo no setor turístico.

A festa junina compartilha com diferentes públicos uma diversidade de interesses que se entrelaçam na mesma. Passou de uma simples festa de homenagens a Santo Antônio, São João e São Pedro, para uma festa complexa e racional que é pensada, planejada de maneira vigorosa, o que era tênue se tornou glamoroso. As festas juninas tornaram-se um palco de atividade artística, transfigurando o espaço e tornando-se um ‘patrimônio cultural imaterial’.

Desta forma, a dissertação tem como base as ideias de alguns autores que trabalham com a temática desde Geografia Humana, estendendo-se aos campos de patrimônio cultural e cultura popular envolvendo o a ciência antropológica. Entre eles estão, Martins (2010), Smith (1996) e Carlos (2008) que trabalham a Geografia Humana, a produção e reprodução do espaço através da dinâmica do homem. Claval (1999) com a Geografia cultural, no qual Cucho (2002), Haesbaert (2002), Laraia (2009) e Funari e Polegrini (2006) contemplam com um debate sobre cultura popular e suas ligações com patrimônio cultural.

Os autores analisam com um olhar diferente essas questões a serem discutidas e a pesquisa *in loco* traz uma abordagem geral que foi mencionada por eles. Iniciando com as aplicações da Geografia Humana e seus fatores envolvidos.

### 1.1 DETALHANDO O TEMA

A geografia humanista enquanto método para pesquisas científicas é o ponto de partida para relacionar pessoas e grupos no âmbito de entender a dinâmica espacial, no que se refere a analisar esses sujeitos enquanto seus valores, suas ideologias, interesses, e comportamentos diante da funcionalidade do espaço humano.

De acordo com autor Malanski (2013, p.31), a Geografia Humanista se desenvolveu a partir da década de 1960 com contribuição da Antropologia, História, Filosofia e Psicologia como apoio para pensar geograficamente. Nesse caso, esta ciência contribui diretamente para estudos entre as pessoas e com suas relações sociais no contexto espacial.

A preocupação dos estudos da Geografia Humanista está em interpretar as relações subjetivas entre pessoas e grupos com o espaço a fim de compreender seus valores, comportamentos e aspirações, segundo Malanski (2013, p.32). Nesse sentido, à Geografia como uma ciência que estuda o espaço social cabe interagir com os indivíduos com as diversas formas de relacionar com o diferente, apresentando ideias e valores distintos. É importante ressaltar que a ciência geográfica e a humanidade estão em constante transformação, que mudam e se reconstróem de acordo com os lugares, uma vez que a humanidade se caracteriza por sua cultura, que por sua vez modela o espaço social, assim, cultura e espaço um conjunto indissociável.

Dentro do campo cultura e espaço é que se constroem personalidades, na forma que esses espaços criam significações para as pessoas que nele estão inseridos.

Conforme dito por Berdoulay (2012, p.124), as relações entre espaço e cultura são múltiplas, elas destacam os fenômenos materiais e imateriais, objetivas e subjetivas, tradicionais e modernas, coletivos e individuais e particulares e universais. Essa relação é que dinamiza todo o indivíduo com o meio, criando um sentimento de pertencimento ao lugar.

O sentimento de apego ou de pertencer a esse lugar ganha um valor simbólico e nessa interação criam-se elementos que dinamizam o espaço. E são esses elementos culturais que demarcam seu território, sem deixar de mencionar os outros fatores como social, político e econômico, que representam também um determinado espaço, influenciando a construção de uma identidade cultural, o que resulta as diversas culturas populares.

A cultura popular, de acordo com seu contexto histórico-geográfico, ganhou uma nova fisionomia conforme sua evolução da sociedade moderna. De acordo com Vannucchi (1999, p.98), cultura popular é conjunto de conhecimentos e práticas, no caso é simplesmente espontâneo, livre de cânones e de leis, tais como danças, crenças, ditos tradicionais, o que é saber do povo, de produção anônima ou coletiva.

Para Vannucchi, a cultura popular é uma representação das atividades de um povo, o que seria simples definir se torna complexo diante da dimensão das particularidades dos diferentes povos. Os autores Assis e Nepomuceno, (2008, p. 04) asseguram que “a cultura popular é detentora de um caráter multidimensional e está aberta ao contato com o novo”. Esse ‘novo’ está relacionado aos modos como a sociedade vêm se organizando, resgatando uma tradição histórica e conservando-a nos dias de hoje. Cabe aqui mencionar as festas juninas como uma cultura popular que se reconstroem socialmente.

Os festejos juninos, como cultura popular, tornaram-se para algumas regiões brasileiras movimentos culturais que simbolizam um patrimônio imaterial cultural, representando um momento onde os desejos, as paixões por essa festa tornam-se uma única identidade, quando se trata da dança típica desta festa, as quadrilhas juninas. O que então seria uma identidade individual, torna-se uma identidade coletiva, uma cultura compartilhada através desses regozijos.

A cultura junina influencia diretamente os sujeitos dentro de uma sociedade, quando proporciona lazer, um momento de pluralidade de sentimentos que dinamizam essas festas. Para os “quadrilheiros” são momento de fé, recreação, tradição, sentimentos que fazem deles uma identidade distinta pela efervescência que esta festa os

oferece. Os festejos juninos, de acordo com o contexto histórico, passam por uma reconstrução de significados simbolizando diferentes interesses de acordo com cada época.

As festas do período colonial no Brasil enfatizaram o caráter funcional da festa e a oposição entre o “calendário da rotina e do trabalho dos homens” bem como o “tempo fáustico contido na festa” (DEL PRIORE, 2000, p. 10). O que se busca compreender é que em todo o tempo histórico as festas ganham novas características, as festas juninas são exemplo de metamorfose simbólica, em que os agentes sociais e culturais criam novos valores e diferentes significados a esse festejo. Portanto, a sociedade é o responsável por apresentar novas funcionalidades para as festas populares.

As festas, por sua vez, apresentam múltiplas funções dentro do contexto social. Entende-se por festa uma manifestação realizada por um determinado grupo, com intuito de homenagear algo/alguém ou apenas vivenciar momentos de diversão e lazer. Este um conceito singular para denominar as festas. Festa é um dos aparecimentos mais antigos da humanidade, na qual os costumes dos povos vêm sendo transmitidos por gerações. Ao ser considerada a manifestação, são perceptíveis as múltiplas questões envolvidas, muito além de meros momentos de lazer. Neste sentido, Del Priore (2000, p. 12) diz:

O momento festivo tem sido celebrado ao longo da história dos homens como um tempo de utopias, ou seja, tempo de fantasias e liberdades, de ações vivazes, mas também de frustrações, revanches e reivindicações de vários grupos. Está presente em toda a história da humanidade, pela amplitude que o termo atinge e diversidade de tipos de manifestações festivas.

As manifestações ganham novas proporções e, na modernidade, estes tipos de celebrações em alguns casos se tornam um momento de comemoração, conquista por algo, ou até mesmo por motivos negativos de revolta. Resultando em distintas formas de expressar diante da sociedade, “as festas podem ser estudadas pela geografia buscando revelar as diferentes escalas espaciais com as quais se relacionam os eventos festivos, geralmente compreendidos a partir de sua territorialização” (FERREIRA, 2003, p. 15). As festas, em um contexto abrangente, estão relacionadas às múltiplas funções como: lazer, manifestações cultural, economia e o atrativo turístico.

O lazer é um momento de repulsa das tensões decorrentes do cotidiano, no qual se busca a interatividade positiva com atividades lúdicas, ou seja, os festejos sempre

estão relacionados ao lazer, mesmo que esteja relacionado com uma temática específica, o lazer é uma funcionalidade dessa manifestação.

A manifestação cultural é, muitas vezes, o determinante de como ocorre o festejo, podendo ser característico da cultura local. Castro (2009, p. 187) argumenta que as festas populares representam uma manifestação cultural que pode ter sua origem determinada por fatores distintos e que sempre se recriam e atualizam.

Do ponto de vista econômico, esta é uma das metas mais almejadas pelos organizadores das múltiplas festas, não apenas populares. Sua ligação é muito clara nesse campo, podendo ser um dos principais objetivos da realização das mesmas.

Esse retorno econômico contribui diretamente para as festas se manterem, tornando-se então uma tradição local, que posteriormente favorecendo outros campos como o turismo, no momento que se torna uma festa popular e com inúmeras atrações, contribuindo para divulgação da região.

Atrativos turísticos, atualmente, também são representados pelos festejos. As festas estão embrenhadas de questões culturais que dita a dinâmica local. Dessa forma, tornam-se um atrativo turístico. Como exemplo, podemos citar o Carnaval realizado na cidade do Rio de Janeiro que apresenta de forma explícita a cultura brasileira composta por questões ligadas ao local, despertando um interesse enorme por parte dos estrangeiros.

É notável que os festejos são dinâmicos conforme suas funcionalidades. “A festa, no sentido mais puro do termo, representa algo da vida humana em que o trabalho, o lazer, o lúdico, o riso, o sagrado, o doméstico, constituíam um todo” (MAIA, 2004, p. 162). O regozijo é um momento de descontração e de afastamento das implicações negativas resultantes das relações sociais.

Um dos significados da festa está no seu poder de mobilizar as identidades, já que seu significado, suas manifestações, seu desenvolvimento, os discursos e os mitos mantêm relacionando de perto ou de longe a unidade e a identidade (BEZERRA, 2008, p. 9).

As festas populares podem ser analisadas a partir de diferentes tipologias nas quais as características desses festejos são determinadas pela cultura, sendo que “as festas podem ser manifestações da cultura de um determinado povo, fazendo parte de seu patrimônio cultural” (OLIVEIRA; CALVENTE, 2011, p. 82).

O termo cultura é entendido e explicado de maneira divergente por diferentes ciências. Kuper (2002, p. 295), diz que a cultura “não é uma questão de raça, ela é aprendida e não transmitida por genes”. Ou seja, sendo algo que ao ser vivenciado torna-se parte do ser humano. O mesmo autor afirma, que uma questão de ideias e valores, uma atitude mental coletiva.

O exemplo de uma manifestação cultural no Brasil são os festejos juninos de grande expressão na sociedade. De acordo com Corrêa (1999, p. 52), a cultura é:

Um conjunto de técnicas, saberes, atitudes, ideias e valores, apresentando componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos, que são transmitidos ou inventados, formando sistemas de relações entre os indivíduos, mas expressos diferentemente por cada um.

A cultura é apresentada a partir do comportamento de um grupo social, caracterizado em algo adquirido e compartilhado na sociedade. Para Ribeiro Jr (1982, p.75), compreende-se então a cultura enquanto produto simbólico e enquanto processo social. Ao processo social cabe analisar o dinamismo cultural e suas relações com o tempo a partir do cotidiano da realidade, esse tempo é capaz de produzir novas técnicas e maneiras de produzir cultura de acordo com os novos valores e saberes de um povo.

O festejo como uma cultura social é um fator determinante na questão da religiosidade. As festas religiosas populares são ocasião para o pagamento de promessas e momentos de lazer em que se desenvolvem laços de solidariedade nos meios populares.

A religião é um dos elementos básicos, constitutivos da cultura de toda sociedade, sendo base fundamental da estrutura social. A sociedade moderna constitui-se em uma dinâmica entre o sagrado e o profano, caracterizando como festas populares apesar da distância de valores, porém ambas em certas ocasiões se encontram em só ritmo.

Exemplos são as festas juninas que eram realizadas pelas igrejas católicas com intuito de arrecadação de fundos para a mesma. Mas seriam realmente sagradas e profanas? Dependendo de como esta estiver estruturada, poder se apresentar apenas como uma festa simbólica e religiosa.

É possível constatar a realização dessas manifestações sagradas que estão sempre ligadas ao profano, desde o início da introdução do catolicismo no Brasil. A tradição de realizar festejos em homenagem aos “santos” é algo comum e antigo.

Nesses festejos, evidencia-se a vinculação do “sagrado e profano”, pois, ao mesmo tempo, há a homenagem sagrada a um determinado “santo”, como exemplo,

Santo Antônio, São João e São Pedro, e há o envolvimento de questões financeiras e ditas “mundanas”, termo utilizado para dizer que nestes locais ocorre o uso de bebidas alcoólicas, danças e uso de dinheiro em bingos, rifas e leilões.

De acordo com Maia (2004, p. 92), com o passar do tempo, muitas “superstições, abusos e exterioridades” existentes nas festas dos Santos foram extintos, mas também não se pode negar que os espaços sagrados passaram a ser mais respeitados e melhor apropriados durante os festejos.

Apesar das mudanças que ocorreram no sentido de desvinculação do sagrado e profano que vêm ocorrendo durante um longo período, é possível observar a prática dos festejos religiosos ligados a ações “mundanas”. Nesse sentido, Maia (2004, p. 98), afirma que “[...] observa-se que a dinâmica sacroprofana da festa e determinados modos de louvamento (realização de cavalhadas, congos, folias etc.) persistem até hoje”.

No Brasil, encontram-se as festas ligadas a produtos agrícolas, com ascendência europeia. Esses festejos estão diretamente ligados ao plantio e à colheita. Com o passar do tempo, esses festejos diretamente ligados a produtos agrícolas foram ganhando uma nova imagem, deixando esse lado tradicional e apresentando produtos industrializados.

Dentre as tipologias de festejos que envolvem um determinado objeto como pontos principais têm-se os festejos tradicionais. Ou seja, aquele festejo que reproduz algo do cotidiano local. Os festejos juninos, por sua vez, apresentam-se por meio de suas imagens, símbolos e narrativas, operam como mediação simbólica entre concepções e, nesse processo, unem, interligam os laços e integram percepções baseadas nos discursos da tradição cultural e na identidade local e regional (MORIGI, 2001).

As festas populares comemoradas no mês de junho, referentes a Santo Antônio, São João e São Pedro sofreram transformações e ganharam novos aspectos na atualidade. Cada vez mais ocupam novos cenários e diferentes apresentações, inclusive com reinvenção no atual contexto da sociedade.

Isto é resultado de estratégias inovadoras que estão sendo implementadas para que essas manifestações possam se destacar e, principalmente, possam cumprir múltiplas funções na sociedade contemporânea.

Os festejos juninos cotizam com o processo de desenvolvimento da cidade de Boa Vista de múltiplas formas, passando a ser conhecido como maior festejo junino da região.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

O espaço capitalista torna-se imenso para as conquistas de poder assim como para desenvolver uma região, transformando os espaços de forma distinta e complexa. Enquanto os espaços culturais se perdem diante das grandes mudanças sociais, as festas populares apresentam uma mecanização de proximidade dos indivíduos que se envolvem em uma pluralidade de sentimentos. Os festejos culturais são, na verdade, um valor simbólico que se agrega desde a Idade Média, porém cabe ressaltar o que ainda prevalece dessas características na sociedade moderna.

No estado de Roraima, esses festejos populares ganharam relevância por apresentarem uma dinâmica que contribuiu para uma imagem favorável ao estado, principalmente como a capital do maior festejo da região norte. Maior festejo devido ao número de pessoas em só lugar, a organização e estrutura nos dias dos festejos e a representação sociocultural. Por esse destaque teve seu reconhecimento por contribuir para o turismo nessa época do ano, assim como no Rio de Janeiro que se destaca por apresentar os desfiles das maiores escolas de samba do país. Construindo, então, um valor simbólico e por simples razão de ser a única festa popular que mobiliza a participação da comunidade local.

Desse modo, a relevância social está em pensar nesta festa como uma produtora dos movimentos culturais, contribuindo para o desenvolvimento local, no que se refere à geração de empregos diretos e indiretos e o interesse de manter uma festa tradicional.

Enquanto importância pessoal é entender como se organizam os grupos enquanto produtores de cultura e interpretar estes com o patrimônio imaterial cultural. Neste caso, apresenta enfoque em três grupos juninos: Eita Junina, Zé Monteiro e Explosão Caipira.

Do ponto de vista acadêmico, analisar a partir dos conceitos de cultura popular, patrimônio imaterial cultural, identidades culturais, interpretar como esse movimento representa um valor simbólico no contexto social, e com isso verificar as relações políticas e econômicas presentes dentro das festas juninas, o que vem configurando o significado dessa festa na sociedade moderna.

Ao explanar sobre as festas juninas no estado de Roraima, mais precisamente em Boa Vista é necessário entender quais são os agentes responsáveis pela organização desses festejos e seus reais interesses em manter essa tradição simbólica na região.

Lembrando antes de tudo que o foco da dissertação destacou um olhar geográfico, nos campos sociocultural, econômico e político que se projetam nesse patrimônio imaterial cultural, que é no caso, as festas juninas de Boa Vista/RR.

A festa junina é uma forma de manter o sentido de apresentar uma identidade cultural já enraizada na cultura roraimense. Vale destacar os grupos folclóricos, a “nação quadrilheira” que mesmo com toda modernidade, ainda buscam um sentido de conservar as tradições dessa dança.

Portanto, a caracterização desse regozijo, da dança inserida no mesmo, essa junção possibilita uma forma de regionalização do estado, pois cada vez mais se destaca por oferecer as maiores quadrilhas da região norte. Sendo assim, a simbologia cultural que esses arraiais trazem, requer uma interpretação científica enquanto patrimônio cultural para o estado.

### 1.3 MÉTODO E TÉCNICAS

Ao estudar as dinâmicas dos festejos juninos, cabe a esta pesquisa o método qualitativo e quantitativo, baseados em dados de pesquisa descritiva, observações sobre os comportamentos dos sujeitos envolvidos na pesquisa, sendo essas avaliações o ponto de partida para interpretar a essência da festa junina e seus agentes envolvidos (os campos culturais, econômicos e políticos).

Dessa forma, através de uma investigação em campo com os sujeitos em estudo, no caso os grupos culturais e os responsáveis pela realização dos festejos, que busca entender e interpretar através dos diálogos essa relação sociocultural, deixando os sujeitos à frente de suas descrições.

A importância de focar nos sujeitos em estudo se dá pela significância que a cultura popular ganhou nos dias de hoje, uma vez que o mundo contemporâneo vive um enorme descompasso entre o que ocorre em sua dimensão concreta, material, e sua dimensão ou esfera cultural, no sentido mais amplo do ‘simbólico’ (HAESBAERT, 2002). Nessa concepção, busca-se compreender as mudanças e as alterações dos festejos juninos partindo da sua simbologia social, um conjunto nada simples de interpretação, pois sempre está se modificando.

Para analisar essas complexidades de acordo com suas transformações é necessário um apanhado histórico e, a partir desse método, é possível compreender os processos ocorridos na dinâmica dessas festas, suas origens seus costumes, e o que ainda prevalece de tradicional nos festejos juninos modernos.

Esta dissertação teve como finalidade investigar, a partir do objeto de estudo que é o arraial e os sujeitos de estudos, no caso, quadrilhas juninas, estes que dinamizam as festas juninas, considerando suas relações, sociais, econômica políticas com o cultural e que se encontram presente nesses regozijos, nas formas de contribuições abstratas.

As técnicas utilizadas no primeiro momento se deram pelo levantamento bibliográfico sobre a temática abordada em teses, dissertações e artigos científicos para um embasamento teórico.

Essas leituras foram realizadas em forma de fichamento, destacando ideias principais dos autores, para entender diferentes visões e as formas de abordagens sobre conceitos de festa, cultura popular, os campos da Geografia Humana para então interpretar a Geografia Cultural dentro desses das festas juninas.

Posteriormente, algumas técnicas foram necessárias, as observações nas quadrilhas juninas, nos dias dos festejos, entrevistas e questionários os quais contribuíram para uma análise geral do objeto de estudo, estas observações e pesquisa em campo se deram nos anos de 2015 e 2016, para analisar como essas festas se representavam no ONTEM e como se caracteriza no HOJE.

Essas “técnicas e os instrumentos decorrem, pois, de decisões que são tomadas no início da pesquisa, como a formulação do problema a ser investigado”. (CHIZZOTTI, 2009, p.51). Cabe a esta pesquisa analisar as formas como os festejos juninos estão sendo realizados em Boa Vista-RR enquanto ‘patrimônio imaterial cultural’.

As observações são instrumentos de coletas de dados para obter informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinado aspectos da realidade, como exposto por Marconi e Lakatos (2010, p.173). Destarte, sendo uma maneira de ver e ouvir, assim como examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar, completa os autores. Deste modo as observações são de suma importância para as pesquisas em campo.

Marconi e Lakatos mencionam que “a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional” (2010, p.178). A entrevista é uma técnica muito utilizada nas ciências humanas, pois, se obtém informações que somente a entrevista pode acrescentar devido o relato das experiências de quem é entrevistado apontando questões que acrescentam na pesquisa, além dos questionários.

Os questionários são uma ferramenta de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas às pessoas com o propósito de obter informações referentes a conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativa, aspirações, temores, comportamentos presente ou passado, explica Gil (2012, p.121).

Neste sentido, as aplicações de questionários contribuem para identificar as formas como cada quadrilha se caracteriza, em relação aos significados de pertencer ao um grupo de quadrilha junina, uma vez que esses grupos apresentam características distintas, porém têm suas semelhanças, assim entender o que seria “nação quadrilheira”, entres outros aspectos relacionados.

Dessa forma, foram aplicados 20 questionários em cada quadrilha, não necessariamente aplicando com todos os brincantes, porém com aqueles que se identificaram com amis tempo no gripo, totalizando 60 questionários, em três quadrilhas.

O questionário é uma ferramenta para analisar os dados de forma qualitativa, como suporte para os argumentos para descrição dos sujeitos de estudos em seu campo de atuação, no caso, as festas juninas. Segundo Leite (2008, p. 109), os questionários cumprem pelo menos duas funções: “descrever as características e medir determinantes variáveis de um grupo social”, bem como “de variáveis individuais”.

Entrevistas semiestruturadas realizadas em conjunto com representantes da Secretaria de Promoção à Cultura e Turismo Municipal, que serviram para analisar as influências desses festejos em relação à dinâmica econômica e turístico nessa época do ano para o estado e para o município. E é nesse caminho da pesquisa que prevalece um enfoque para entender essas relações com a dinâmica dos festejos.

As entrevistas com os responsáveis pela organização do evento são importantes para levantamentos de dados sobre seus posicionamentos diante dessa ação popular e quanto suas complexidades de organizar o festejo junino, assim entender o que realmente prevalece para realização do mesmo.

Já para alguns coordenadores de algumas quadrilhas juninas em estudos, compreende a interpretação como estes mantêm o grupo, suas dificuldades em apoio, investimentos, as características ou as exigências dos participantes, como relacionar vida profissional e familiar com os ensaios, e como surge essa paixão por esses grupos ao ponto de se dedicar dias, meses de ensaios para apresentações (FIG. 2).

A entrevista, conforme Marconi e Lakatos (2009, p. 197), é um procedimento utilizado na investigação social, para coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou

no tratamento de um problema social. Assim, entender essa complexidade de sentimentos na construção das identidades quadrilheira e o valor que este festejo representa.

Além das entrevista e dos questionários com os componentes das quadrilhas, uma outra ferramenta foi de suma importância para avaliar as transformações pelo qual as festas juninas passaram, o uso de fotos antigas de como se realizavam os festejos, as roupas, sendo uma técnica da fotoetnografia, para descrever essa dinâmica.

Para completar essa descrição, as observações, e as coletas de imagem, só foram possíveis devido a oportunidade dada pela FETEC nos anos de 2015 e 2016, no qual deram crachá como pesquisadora para acompanhar os grupo na área de concentração, em suas apresentações, e nesse momento que eram registrados as imagens, e depoimentos que foram descritos no decorrer desta dissertação. Frases de emoção, de dever cumprido, de angustias, e de felicidade em viver esse momento.

Essa dissertação conteve com uma participação direta da pesquisadora, tanto nos dias de ensaios quão em suas apresentações no Boa Vista Junina, nos anos de 2015 e 2016. Os ensaios foram acompanhados nos finais de semana, sendo possível avaliar o surgimento da dança quadrilha em relação aos seus passos e coreografias. Essa vivência com os grupos foi o que possibilitou uma avaliação com mais clareza sobre a temática.

A dissertação também teve acesso de algumas informações de questionário organizados pela própria FETEC, com parceria com as Intuições de ensino superior Federais e Estaduais

Com base nestas informações, procede-se a análise dos dados a fim de compreender a dinâmica das festas juninas no Estado de Roraima, enquanto “patrimônio imaterial”, em seus aspectos políticos, econômicos e culturais.

Em seguida, é necessário georreferenciar todos os grupos que se se projetam no município, identificando as formas com o mesmo estão distribuídos geograficamente, tendo em vista que os mapas temáticos facilitam para exemplificar as formas como estes dinamizam Boa Vista. Mapas elaborados com a parceria do geógrafo Filipe Brito, da Universidade Federal de Roraima.

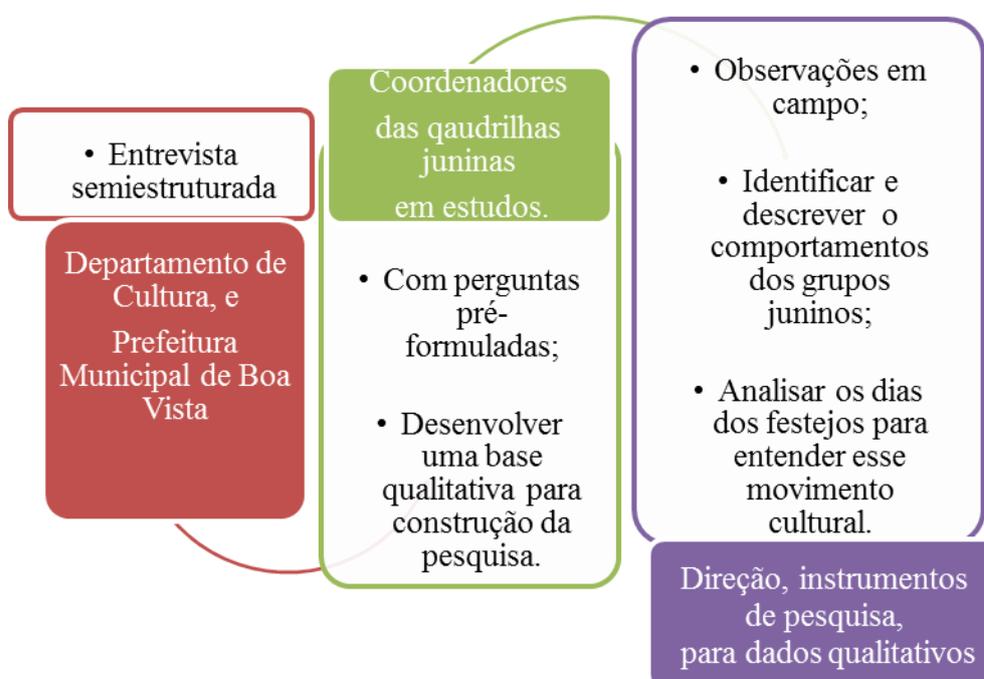
A importância destas técnicas contribui para uma pesquisa mais qualitativa na forma que esse recurso possibilita abordar informações ainda não registradas sobre tema discutido, mais precisamente com seu foco de análise.

Conforme lembra Chizotti, os dados qualitativos “fundamenta-se em dados coligidos nas interações interpessoais, na co-participação das situações dos informantes,

analisados a partir da significação que estes dão aos seus atos. O pesquisador participa, compreende e interpreta”. (2009.p.52).

E a partir das análises em campos, e da participação com os objetos em estudos, outras ferramentas foram utilizadas para interpretar os dados coletados, tendo uso do GPS (modelo Garmin), para apanhar as coordenadas geográficas, de onde os grupos de quadrilhas estão inseridos, para isso, e logo em seguida as criações dos mapas temáticos, tendo como suporte o programa ArcGis 10.1 e os shaps de Boa Vista/RR. E por fim, a organização estrutural e textual da pesquisa final, conforme todos os suportes das pesquisas em campo e bibliográfico.

**Figura 2** - Organização das entrevistas com as observações em campo.



**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra (2015).

Seguindo com as metodologias da pesquisa, esta apresenta como sujeitos de estudo os seguintes grupos de quadrilhas, nos quais foram escolhidos pelos seguintes critérios: campeão do “Boa Vista Junina 2015”, devido ter sido o ano em que iniciou a pesquisa, o grupo pioneiro em Boa Vista/RR, e o grupo reconhecido pela população local (não apenas a Quadrilha Eita Junina, mas como outros grupos de quadrilhas.)

- **Grupo Explosão Caipira**
- **Grupo Zé Monteirão**
- **Grupo Eita Junino**

## 2. GEOGRAFIA HUMANA E A PRODUÇÃO TERRITORIAL

### 2.1 GEOGRAFIA CULTURAL COMO EXPRESSÃO SOCIAL

*A Geografia Cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica<sup>5</sup>.*

Os estudos geográficos passaram por grandes reformulações e, durante essa periodização, os conhecimentos geográficos foram ganhando mais dimensão, o que antes era um estudo mais ideológico-corporativo, com sua reformulação passou a ser uma proposta universitária e científica.

Com a construção da nova Geografia, percebe-se uma ampliação dos seus subsídios, com explorações em vários horizontes e, por sua vez, os conhecimentos geográficos ultrapassam os limites de uma simples ciência de campo para abranger os assuntos sociais, por isso uma ciência bastante criticada.

É possível perceber as críticas enfrentadas pela Geografia na obra de Massimo Quaini (1992, p. 16). Em seu livro, *A construção da Geografia Humana*, o autor menciona a mesma como uma ciência em construção, que de certa forma ainda necessite construir suas bases teóricas, epistemológicas.

Devemos considerar a data em que a obra foi escrita, porém o que se deve analisar é que, antes mesmo dessa reconstrução que passou a ciência geográfica, a mesma se encontrava com suas áreas de conhecimentos já definidos, no caso, a divisão da humana e física.

Humboldt e Ritter foram os responsáveis pela divisão da ciência geográfica, sendo estabelecida em Geografia Humana e Física. A área de estudo da geografia física era e ainda são os espaços naturais, já que esse método de estudo geográfico ainda permanece até os dias de hoje. E a humana tem seu estudo voltado para relação do homem em seu espaço habitado.

O caso, a Geografia Humana que é o foco inicial deste estudo, é definida, segundo Martins, (2010, p. 09), como:

Estudo e descrição da interação entre a sociedade e o espaço. Ela ajuda a sociedade a entender o espaço em que vive. Pode-se afirmar que o objeto de estudo da Geografia Humana, enquanto analistas dos aspectos e mudanças

---

<sup>5</sup> SAUER, C.O. Geografia cultural. In: **Espaço Cultura** – nº 03. Janeiro de 1997.

sociais, deve refletir uma leitura crítica das percepções e transformações humanas sobre o espaço geográfico. O objeto busca também analisar a sociedade no transcorrer do tempo, estudando a incidência do tempo no espaço e na sociedade.

Deve-se considerar que os conhecimentos geográficos passaram por uma modificação o que fez desta ciência um campo amplo. A Geografia Humana tem seus núcleos voltados para as questões política, econômica e social e sua perspectiva no âmbito cultural e ambiental.

Logo, sua importância em apontar seus núcleos é ter como embasamento uma análise para relacionar com o tema da pesquisa, que com a junção dos cerne são responsáveis pelas modificações dos espaços e com as novas formas de territorialização dos espaços urbanos e culturais.

Não cabe aqui mencionar minuciosamente as influências dos núcleos da Geografia Humana, mas vale ressaltar que estes são os atores que dinamizam os espaços urbanos. O que não caberia dizer que a Geografia ainda se encontra em fase de descoberta de conceitos e objetos de estudos. Mesmo porque a Geografia Moderna se tornou mais crítica, construindo uma dominação dos espaços, no que se referem aos diversos campos sociais.

As diversas formas como esses núcleos ganharam destaque, idealiza-se a partir das ações humanas. Uma breve abordagem sobre esses campos sociais na Geografia Humana tem o autor Ruy Moreira que concebe por economia na Geografia como:

A natureza insensível e o homem estatístico se encontram no espaço da economia. A primeira aparece como estoque de recursos e o segundo, como necessidade do consumo. Para juntá-los numa só equação, aparece a teoria do mercado como agente principal da organização material da sociedade moderna orientada na teoria de valor utilidade marginal (2011, p.101).

Ao mencionar a junção de natureza e homem, resulta na produção e consumo que nada mais é que a geografia econômica, que teve seu início com os surgimentos das indústrias, tornando-se uma das principais atividades que revolucionou as formas de uso dos espaços, interagindo e se reorganizando com a construção dos espaços meramente industriais.

Martins (2010, p.10), aponta que a Geografia Econômica foca na análise geográfica nos aspectos e características espaciais das atividades e funções econômicas. Sendo assim, seu estudo é forma de abranger a natureza e sociedade e suas formas de se organizar em todo o mundo através das atividades humanas.

Essas atividades no âmbito econômico estão inseridas no contexto geográfico como forma de suprir além das necessidades humanas. São vistas como riqueza e poder, ou seja, conforme Ruy Moreira, riqueza está ligada a tudo que apresenta valor para fins do mercado.

O que resulta na dominação do mercado sobre a natureza, a sociedade passa a se organizar de acordo com essas relações socioeconômicas que, de certa forma, são responsáveis por reformular as diversas formas do uso do espaço.

Cabe ressaltar que a Geografia é uma ciência que se modifica de acordo com a territorialização e da dinâmica socioespacial que se encontra em constante reconstrução devido a seu agente responsável por essa metamorfose, no caso, o homem. E, de acordo com seu tempo, a transforma para prover suas necessidades. O que caberia dizer que a Geografia está sempre reconstruindo seus conceitos.

Entende-se, dessa maneira, que os métodos da Geografia estão relacionados com uma escala temporal. Metaforicamente o campo geográfico é como uma árvore cujos galhos seriam suas linhas/ou correntes de pensamentos em diferentes áreas e atuações, que fazem parte de um único tronco. Assim, a ciência geográfica tem um princípio o homem e o espaço no qual cria infinitas categorias de análises de acordo com as atividades humanas, por isso é uma ciência dinâmica.

Já no campo político, Smith (1996, p. 65) trata este ramo da Geografia cuja legitimidade reside em sua pretensão de ser mais atentada com o político de organização socioespacial, e que passou por uma saudável transformação. Entende-se que com essa afirmação, esse núcleo geográfico se redefiniu, o que eram vistos como conceitos meramente descritivos, no qual seu foco principal estava nas viagens que serviam como estudos descritivos, ligados à geografia tradicional<sup>6</sup>. Porém, esse método utilizado pela Geografia Política se reformulou e passa ser pensada de acordo com os poderes sociais que são exercidos.

Posteriormente, Ratzel consolidou a Geografia Humana e a Geografia Política. Essa reconstrução era uma forma de dominar os diferentes espaços nas viagens realizadas. Utilizou-se o termo *Lebensraum*, que quer dizer espaço vital, já que todos os

---

<sup>6</sup> Segundo Moraes, em seu livro “Geografia: Pequena história crítica”, a Geografia Crítica tinha como fundamentos o Positivismo, no qual, os geógrafos buscavam orientações gerais tendo como característica uma corrente não ideológica, devido a sua redução com a realidade do mundo, circunscrevendo um trabalho científico sobre domínio da aparência do domínio. Assim a Geografia tradicional era uma ciência baseada na observação, no que era palpável delimitada como ao que era visível. Foi nessa linha de pensamento que a Geografia Tradicional foi se desgastando por ser limitar em apenas descrever, enumerar e classificar os fenômenos espaciais. Ed. Annablume. São Paulo, 2007, p.39 e 40.

elementos espaciais estão diretamente ligados, uma vez que a natureza influencia o homem a dominar o espaço vivido, no momento que ele amplia seus conhecimentos, tornando-se ambicioso pelo poder de dominação que os recursos naturais podem oferecer.

Seguindo com a ideia de Smith (1996), o progresso da Geografia Política é reconhecer que o poder é que entende o mundo moderno de acordo com mundo político. Igualmente, temos a geopolítica que trata de um campo do conhecimento que analisa as relações entre o poder e o espaço<sup>7</sup>.

O mundo atual é dominado pela geopolítica e pelo poder econômico. Prevalecendo no contexto mundial, pois os mesmos são agentes que se entrelaçam com a dinâmica da sociedade globalizada. Dessa maneira, a Geografia Política busca agregar as informações das bases territoriais, num conjunto do desenvolvimento histórico de ocupação e formação, conforme cita Smith (1996). Do mesmo modo, a política cria métodos de manter o domínio do território e poder no espaço social.

Ratzel foi responsável por relacionar os estudos do espaço com a territorialidade dentro da geografia política, analisando as formas como se constituem espaços com poderes econômicos e político. O que resulta nas diversas formas de produção e reprodução do espaço.

No que se refere ao núcleo social da Geografia Humana, este tem seu estudo amplo, que compreende nas atividades e interações que os núcleos econômicos e políticos constroem, ou seja, a Geografia Social busca interpretar as diferentes reações que os mesmos provocam nas distintas formas de territorializar o espaço e com diferentes interesses.

As teorias sociais são dinâmicas e, por isso, tornam-se acionadas conforme sua escala local, o que significa dizer que o ensinamento social é sempre e em todo lugar fundamentada, elaborada em determinados locais para atender a circunstâncias particulares profundamente comprometidas com o poder, segundo Gregory (1996, p. 91). A Geografia Social não apresenta métodos iguais de se trabalhar em diferentes espaços, ela se movimenta, porém, deve ser aplicada de acordo com as realidades locais.

A mesma está ligada com a perspectiva da Geografia Cultural foco da pesquisa. No caso, a Geografia Cultural acompanha a Geografia Social de forma que ambas cheguem ao entendimento às diversas manifestações socioculturais. Para Martins (2010, p. 25):

---

<sup>7</sup> BECKER, Bertha K. Geopolítica na Amazônia. Conferência do mês do Instituto de Estudos Avançados da USP proferida pela autora em 27 de abril de 2004.

A primeira noção de Geografia Cultural pode ser introduzida a partir do entendimento e conceituação em torno do termo. A Geografia Cultural é uma ramificação da Geografia e pode ser caracterizada pelo estudo e pela compreensão da distribuição espacial das manifestações culturais. [...] como manifestações religiosas, as crenças, rituais, as artes e as formas de trabalho. Em conjunto a essa primeira definição, podemos agregar que a Geografia Cultural também é aquela que considera os sentimentos e as ideias e um grupo social ou povo sobre o espaço geográfico a partir da experiência e momentos já vivenciados.

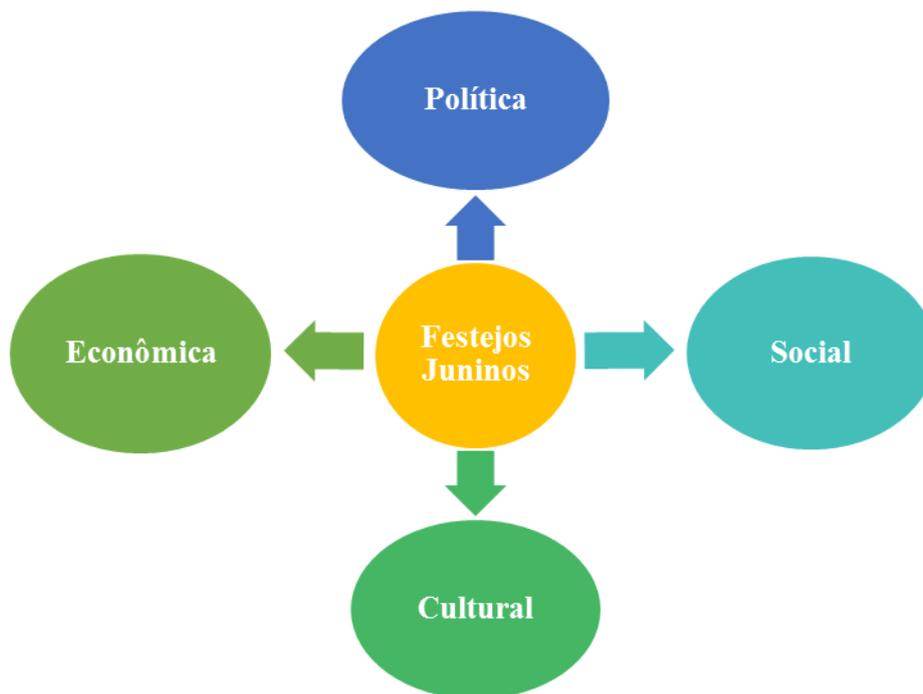
Esse aspecto mencionado sobre a Geografia Cultural é uma forma de como o homem constrói e reconstrói seus valores dentro do seu espaço, de forma que a cultura é uma maneira de distinguir e marcar uma diferença entre EU e OUTRO. Dessa maneira, os comportamentos humanos são representados a partir de uma cultura, vale lembrar que a mesma é sujeita a modificações de acordo com as influências de mundo moderno.

Claval, (1999) cita que o principal objetivo da Geografia Cultural é entender a experiência do homem no meio, essa relação entre sociedade e ambiente apresentam significados para compreender e relacionar os conhecimentos com nossas vidas. Conforme dito, a cultura simboliza uma expressão para com as atividades apresentadas por um determinado grupo que procura representar uma identidade cultural que aponte uma característica em comum.

Portanto, a Geografia Cultural é uma ciência que abrange desde as análises de objeto do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes até os estudos de significados de paisagens e construção social e identidades baseadas em lugares (MCDOWELL, 1996, p. 159). Esta tem como finalidade se apresentar a cultura como uma expressão social.

Essa discussão com o tema apresentado é justamente para vincular com o objetivo principal da pesquisa que é compreender a dinâmica das festas juninas no município de Boa Vista-RR, enquanto patrimônio imaterial. Dessa maneira, como mostra a Figura 3, as festas juninas estão diretamente ligadas aos núcleos geográficos, de forma que os mesmos são responsáveis pela dinâmica do arraial na sociedade atual.

**Figura 3** – Dimensões que compõem os festejos juninos.



**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra (2015).

Toda essa abordagem é uma forma metodológica para compreender como esses núcleos da Geografia Humana interagem no espaço social. A Geografia Humana nada mais é que uma ciência que interpreta atividade do homem no espaço, que modifica e dinamiza um determinado local, tornando um espaço reprodutor dos desejos urbanos. Desejos urbanos? Sim, a sociedade globalizada constrói uma posição social e cultural de acordo com as possibilidades que o espaço urbano as oferece.

Para Bonnemaision (2002, p. 7), o espaço urbano é planejado de acordo com seu poder capitalista, criando áreas distintas conforme sua funcionalidade do espaço.

O espaço de uma grande cidade capitalista constituinte, em um primeiro momento de sua apreensão, no conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer entres outras, aquelas que de reservas para futura expansão.

A sociedade atual e, principalmente, a sociedade urbana é a responsável por essas novas produções territoriais. Estes agentes modificadores agem de forma concreta e nítida dentro do espaço vivido, uma vez que descerra os espaços homogêneos e heterogêneos. Essa fragmentação é resultante de como é reproduzido esses espaços de acordo com a globalização/mundialização.

Deste modo, o espaço se torna um desses fragmentos que é analisado de forma particular, de igual maneira com produção e consumo desses habitats urbanos e suas múltiplas funções com a totalidade<sup>8</sup>. Assim, o quadro a seguir expõe as características das influências que as questões políticas, econômicas e sociais agem dentro do contexto territorial, conforme Dantas e Morais (2008, p. 06 e 07).

**Quadro 1** – Percepções territoriais.

Território – Dimensão política	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nestas, o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes, mas não exclusivamente, relacionado ao poder político do Estado</li> </ul>
Território – Dimensão cultural	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nessa concepção, o conteúdo cultural ou simbólico-cultural delimita o território a partir da teia de representações e subjetividades que se enraizam em porção do espaço território, dando-lhe identidade.</li> </ul>
Território – Dimensão econômica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A vertente econômica focaliza o espaço como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais; e na relação capital-trabalho, como produto da divisão territorial do trabalho.</li> </ul>

**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra (2015), baseado em Dantas e Morais (2008).

Assim, fica claro que os espaços são articulados conforme as dimensões territoriais. Como o quadro anterior demonstra, o território apresenta diferentes percepções de modo que os lugares afáveis passem a conceber uma simbologia dos diferentes grupos que os ocupam, resultando ‘o lugar’<sup>9</sup> representando uma identidade histórica, porém, o valor histórico dessa identidade a ser mantida vai de acordo com os

<sup>8</sup>A totalidade é o conjunto de todas as coisas e de todos os homens, em sua realidade, isto é, em suas relações, e em seu movimento. SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006.

<sup>9</sup>De acordo com Ana Fani Alessandri Carlos: O lugar é à base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. (O lugar no/do mundo. FFLCH São Paulo, 2007).

interesses dos núcleos da Geografia Humana que fazem parte dessas histórias e as formas como se territorializa o lugar. O destaque para a dimensão cultural é justamente por ser essa dimensão o foco desta pesquisa, sendo que para realização da cultura há necessidade de integração econômica e política, no qual essas dimensões produzem suas territorialidades.

Portanto, segundo Bonnemaision (2002, p 99), a territorialidade situa-se na junção daquilo que é fixação e o que é mobilidade, apontando como os itinerários e os lugares. Compreende-se as ideias do autor que a territorialidade se representa muito mais pela ação social e cultural que um grupo mantém com o lugar, criando, os patrimônios urbanos culturais materiais ou imateriais, que no caso desta pesquisa traz as abordagens dos festejos juninos como produtor do espaço urbano e como patrimônio cultural imaterial, que é uma das maneiras de territorializar os espaços.

Haesbaert (2002, p. 17) menciona que território ou territorialização confunde-se, basicamente, com as influências das condições ou dos contextos locais “mais concretos”, em que se desdobram os processos sociais. Ou seja, territorializar está vinculado às formas como é utilizado um determinado espaço de acordo com as particularidades culturais de cada lugar.

Assim sendo, território nada mais é que uma forma de organização geopolítica, na qual seu campo de articulação é voltado para o poder que é exercido dentro desse espaço. Deste modo, essa articulação que são as ações políticas, econômicas e sociais, é responsável por modificar os espaços, onde cada articulação cria uma característica distinta, marcando então esses diferentes e complexos territórios.

O que significa dizer que cada território por apresentar uma dinâmica diferente, estes vão oferecer movimentos culturais distintos. Voltando para objeto de estudo, as festas juninas não terão o mesmo significado em todos estados brasileiros, mesmo que na própria região, pois, a festa junina é representada de acordo com sua contextualização e sua significância para cada local.

Por isso que cada estado tem sua uma manifestação cultural seja ela dança música ou festa que criaram inúmeros significados de pertencimento dentro dessas regiões. O Carnaval, melhor dizendo, os desfiles das escolas de samba prevalecem no Rio de Janeiro. Essa dinâmica carnavalesca se manifesta em Salvador em forma de blocos de ruas. O que se pretende mostrar são as diferentes formas de se representação de um único sentido de festa, que ganha novas abordagens de acordo com o território.

A forma como se territorializa um lugar é uma maneira de manter uma identidade do local, articulando maneiras de posse por uma determinada ação, o que se criou no Rio de Janeiro. A cidade domina os mais brilhantes desfiles de escolas de samba do Brasil, ou seja, ele marca seu território essa época, onde os olhares do mundo estão a sua volta, um processo que foi se construindo e criando uma identidade histórica desde marchinhas de ruas<sup>10</sup>, e atualmente os maiores espetáculos do Carnaval.

Isso faz com que se valorize o lugar/região através da cultura popular, e se enquadra como articulação para a disputa do poder, no sentido em que os espaços criam uma ideia de pertencimento em fazer o maior movimento cultural em seu espaço como forma de superioridade. É onde se inicia o processo de modernização dentro dessas festas populares, porém deve haver uma sociedade que a defendam, preservando esses movimentos de maneira que não deixam serem esquecidas as formas e características antigas.

Dessa maneira, quanto maior articulação maior o poder e maior o desenvolvimento, tanto regional quanto cultural, destacando-se em relação aos demais. A territorialização passa ser mais híbrida pelas formas de como é reproduzida. Essa dinâmica dos territórios, Santos (2012) apresenta como as horizontalidades e verticalidades, no qual o território físico exerce as formas de horizontalidades e as relações do poder que exerce sobre esse território físico é visto como as verticalidades, uma análise clara de se entender o território e as influências que exerce.

De maneira geral, território “é fundamentalmente espaço definido e delimitado por e partir de relações de poder” (SOUZA, 2012, p, 78). O território não pode ser visto apenas como algo para definir território nacional, pois este é um conceito que se transforma. Conforme Souza (2012, p. 81), “territórios são construídos (e destruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; território podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódicas, cíclica”.

Isso significa que território ganha novas abordagens dentro do contexto social, estas irão construir e destruir conforme suas ‘necessidades’, não sendo apenas um conceito para designar o recorte nacional, com uma ideologia de um estado político. Mas, as formas como o homem promove suas particularidades dentro de um

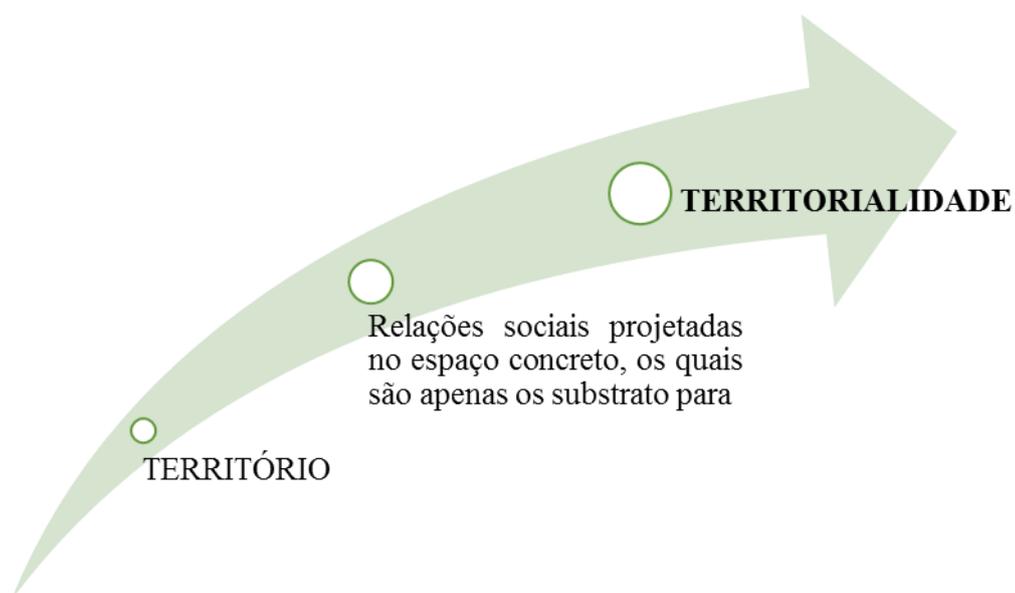
---

<sup>10</sup> É uma expressão utilizada para explicitar o carnaval de ruas décadas de 1920 a 1960, prevalecendo nos dias de hoje, com músicas populares com letras engraçadas, mas também maliciosas e com duplo sentido. É um movimento cultural que surgiu na Cidade do Rio de Janeiro, sob influência portuguesa.

terminado espaço, no qual surgem com as territorialidades “um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo um limite, uma alteridade: a diferença entre ‘nós e os outros’” (SOUZA, 2012, p. 86).

Assim, o território é voltado para tomadas de decisões dentro do espaço, sejam elas políticas, sociais, culturais e econômicas, e a territorialidades como sendo as diferentes formas de executar essas decisões. Marcando uma diferença de um espaço para outro, ou seja, são as formas que o homem encontra para marcar a diferença dos diversos territórios. Marcar um território está na maneira com a sociedade se utiliza desses espaços, dando variadas utilidades e funções, o que vai de acordo com as relações sociais (FIG. 4).

**Figura 4** – Território e sua relação com a Territorialidade.



**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra (2016), baseado em SOUZA (2012).

Conforme a imagem, território e territorialidade estão ligados por serem uma representação do indivíduo dentro do espaço social, que são justamente as suas relações no meio, no qual se diferem por conta do próprio comportamento distinto da sociedade que é resultado de uma política, do campo cultural e social que se executam de maneira diferente uma das outras. E a forma de territorializar o espaço estará na forma como social ou grupo irá marcar simbolicamente o seu território.

Godói (1999) utiliza o conceito de territorialidade para abordar as formas de ocupações e a reprodução social, além da territorialização em grupos, considerando seus processos sociais e históricos para apropriação do território. Para complementar essa análise, Oliveira Filho (1999), aborda a territorialidade de um grupo social através dos processos pelos quais este grupo se apropria do território. Contudo, a territorialidade é as formas como a sociedade se ocupa e marca seu território, resultando nos patrimônios culturais deixados pela a mesma.

## 2.2 PATRIMÔNIO IMATERIAL CULTURAL COMO PRODUTOR DO ESPAÇO URBANO

Expandindo mais os campos das ciências humanas para referir ao termo cultura, partimos para o campo antropológico, uma ciência que teve um significativo desenvolvimento nos últimos anos, o que cabe dizer que a antropologia brasileira também acompanhou esse desempenho, tornando-se uma ciência muito mais discutida nas universidades, que tem como seu objeto de estudo a cultura. Por conseguinte, a mesma é uma produtora do espaço urbano.

Claro que ciência antropológica não é a única a ter a cultura como objeto de estudo. Há também a Geografia como já mencionado, a Psicologia, História, Filosofia, entre outras ciências. Todas essas ciências têm seus estudos interligados à cultura, já que como ciências humanas jamais devem desconsiderar as formas como homem se manifesta no espaço, ou seja, seu o comportamento é explicado e analisado de acordo com sua cultura.

Entender o termo patrimônio imaterial cultural necessita, antes de tudo, discutir o conceito de cultura, já que a mesma é uma reprodução do homem no contexto social. Laraia (2009, p.25) descreve que antecedentes históricos do conceito de cultura estão vinculados no século XVIII, quando o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo.

É certo que esse termo passou por ~~um~~ desenvolvimento, uma vez que cultura não é algo ligado apenas às questões espirituais de um determinado povo. A mesma tem sua relação com mente a humana, pois a partir do momento que o homem evolui, este apresenta diversos contornos de produzir cultura. Assim:

Primeira definição de cultura [...] pertence a Edward Tylor [...]. Demonstra que a cultura pode ser um objeto de um estudo sistemático, pois trata-se de um fenômeno natural que possui causas e regularidades, permitindo um estudo objetivo e uma análise capazes de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução (LARAIA, 2009, p.30).

Esse conceito se modificou, o que se entende é que a sociedade evolui, surgindo com novas interpretações do conceito de cultura, essas responsáveis por determinar a diferença criando uma ampla forma de o homem pensar em suas funcionalidades com o seu meio. Já o conceito de cultura na Geografia cultural se aplica como:

Cultura é um conjunto de idéias, hábitos, e crenças que dá forma às ações das pessoas e à sua produção de artefatos materiais, incluindo a paisagem e o ambiente construído. A cultura é socialmente definida e socialmente determinada. Idéias culturais são expressas nas vidas de grupos sociais que articulam, expressam e contestam esses conjuntos de idéias e valores, que são eles próprios específicos no tempo e no espaço (MCDOWELL, 1996, p. 161).

Destarte, a cultura é um produto social que agrega poder, no qual cada grupo cultural impõe formas de dominações. Para Cuche (2002, p. 9), o homem é essencialmente um ser cultural. Assim como no vocábulo inglês *Culture*, que “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo o homem como membro de uma sociedade”, segundo o autor Laraia, (2002, p. 25), que discute a relevância do termo sintetizado por Edward Tylor.

Com efeito, temos no campo antropológico uma ampliação do conceito de cultura, como um determinante social, que explica os significados do homem de expressar dentro do seu LUGAR, pois cada lugar é uma representação simbólica no modo de viver.

O que cabe proferir que a cultura é um produto humano, de forma que os antropólogos descartam cultura a partir da genética, uma vez que o homem apropria-se de uma cultura de acordo com suas influências do seu local de vivência, sendo que seus costumes e o seu comportamento são determinados pelo processo cultural que recebe desde os seus primeiros anos de vida, com as novas influências do externo essa cultura pode se reconstruir, de acordo com sua ideologia ou de suas necessidades materiais ou não materiais.

Para Cuche (2002, p.10), cultura permite ao homem não somente adaptar-se ao seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, as suas necessidades e a

seus projetos. Em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza. Entendendo que o homem se apropria do meio de acordo com sua cultura, as suas escolhas e suas maneiras de lidar e agir com as coisas é que vão representar o diferente, que é a cultura.

Dessa maneira, o termo cultura não pode estar apenas vinculado às matérias e aos espíritos como estava no século XVIII, visto que, de acordo com o tempo que o homem agrega com o espaço/meio, este se torna responsável por suas próprias mudanças, é o caso de ação e reação. O homem é resultado do meio cultural em que foi socializado (Laraia, 2009, p.45), ou seja, o homem produz e reproduz sua cultura de acordo com cada lugar, mesmo porque em cada espaço há diferentes ‘homens’ que agem de formas diferentes, costumes e tradições distintos.

E em cada lugar há uma representação simbólica para os fatos, os acontecimentos que interagem no contexto social. E continuando com o pensamento de Laraia (2009, p. 45), o homem é herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecedem. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Uma resposta simplificada sobre cultura pode ser definida segundo Laraia (2009, p. 48), conforme ilustra a figura 5.

**Figura 5** - Características culturais.



**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra (2015), baseado em Laraia (2009).

Percebe-se através da imagem a diversidade das características que a compõem a cultura. Obviamente, isso se explica a complexidade de seu estudo, aonde cada ciência humana vai se basear de acordo com sua corrente de pensamentos. A cultura pode ser compreendida como uma representação social. Assim, “a cultura não é algo dado, posto, algo dilapidável também, mas sim algo constantemente reinventado, recomposto, investido de novos significados” (CUNHA, 2009, p 239).

Percebe-se que essa construção de significados promovida pela cultura, no qual produz e reproduz um determinado lugar, criando uma identidade cultural/simbólica com seu espaço vivido, ou seja, analisar uma cultura com seu espaço cabe entender a dinâmica realizada dentro desses recintos para então considerar o valor patrimonial cultural herdado pelos processos históricos, o que leva a discutir as relações do patrimônio cultural como produtor do espaço urbano, já que o patrimônio também contextualiza nessa dinâmica cultural em um determinado lugar.

Segundo destacam Funari e Polegrini (2006, p.10), o patrimônio é uma palavra de origem latina *patrimonium*, que se refere a tudo que pertencia ao pai de família, pela sociedade romana, ou seja, mães e os filhos eram patrimônio e domínio dos senhores, os animais e os bens também constavam como patrimônio. Assim sendo, aqueles que não possuíam nenhum desses quesitos não era possuidor de patrimônio.

Entende-se, que o patrimônio era uma algo individual, não tendo nenhuma ligação com que se transformou atualmente. Hoje temos patrimônio individual, coletivo, cultural e histórico. A nova trajetória de patrimônio se deu pelos surgimentos dos Estados Nacionais que desencadearam uma transformação radical no conceito de patrimônio (FUNARI E POLEGRINI, 2006, p.15).

O patrimônio cultural está caracterizado em três categorias, segundo Lemos (2010, p.08), a mudança do conceito de patrimônio deu ênfase a essas categorias, às questões ambientais, aos recursos naturais como patrimônio, ao conhecimento herdado de uma sociedade, à continuidade de uma tradição cultural, o não tangível e os conjuntos de obras, os objetos que expressam uma forma de identificar uma cultura.

Em “Alegoria do Patrimônio”, de Françoise Choay, (2006), é discutido o patrimônio como forma de preservação de uma história através do memorial ou do imaginário, no qual as sociedades pertencem, criando seus símbolos e suas identidades de acordo com as reformulações que o espaço oferece.

O patrimônio é um elemento que diretamente contribui para a cultura local, desde que os mesmos passam a ter uma simbologia de pertencer ao lugar. Mas, o que

determina patrimônio na sociedade moderna? Uma resposta bem simples dos autores Funari e Polegrini (2006) mencionam que, a origem da palavra “*patrimoniun*” denotava aos romanos tudo que pertencia ao pai da família.

Assim, “o patrimônio continua sendo aquilo que pertence a alguém, individual ou coletivamente”, (COSTA, 2011, p.39). Logo, esse conceito dentro do social configura a uma sustentação de uma identidade social, por isso o termo patrimônio se expande para além de uma simples herança familiar.

Posteriormente, esse conceito era utilizado como bem material concreto, igrejas, castelos, monumentos, passando para campo mais amplo das coisas, de modo que as festas, música, danças entre outros conceitos tornam-se patrimônio cultural imaterial. A ampliação da noção de patrimônio ganha valor no meio da pesquisa científica, criando então, serviços de proteção aos patrimônios públicos com intuito de preservar as raízes de um lugar e mantendo viva sua tradição. Dessa maneira:

[...] uma noção atual mais ampla de patrimônio, que abrange a superação de conceitos e práticas culturais envolvidas na trajetória de sua “construção” ao longo do tempo – sobretudo edificado, nossa análise não se desvencilha, por um lado, do mistério imaterial que ronda, do invisível que permeia, de sua força memorial, de seu conteúdo significativo escondido em duas formas e, por outro, nossa análise também não se desvencilha das transformações de seu valor simbólico, dos novos sentidos a ele atribuído, por meio de sua apropriação estratégica pela “indústria cultural (COSTA, 2011, p.51).

Logo, patrimônio cultural transparece como estratégia de reconstrução dos valores sociais, como forma de preservar uma identidade para não ser devorada pelo mundo moderno que cada vez mais amplia suas maneiras de viver, deixando de lado os hábitos, valores e tradições de um longo processo histórico social.

De maneira simplificada, patrimônio é um bem social que deve ser mantido como identificação de um lugar, com objetivo de preservar uma história. Por isso, a necessidade de construir, reconstruir as formas de como se processa o patrimônio histórico. O Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, trata em seu primeiro artigo sobre o patrimônio histórico e artístico nacional como: conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

Logo, observa-se que patrimônio histórico não é característico apenas de sujeitos concretos imóveis, os mesmo podem ser materiais ou imateriais. O que fez essa

escala de estudo ganhar ênfase enquanto agentes responsáveis pela alteração do espaço, já que a humanidade se explica através desses movimentos culturais. Apesar de serem recentes os estudos voltados para patrimônio imateriais, com base no Decreto Nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que instituiu o registro de bens culturais de natureza imaterial como patrimônio cultural brasileiro e impulsionou várias pesquisas do Norte ao Sul do Brasil voltadas para essas questões, segundo Carvalho (2012, p. 63).

Sendo assim, os movimentos culturais, como patrimônio imaterial manifesta formas de valorização diante do seu contexto social. Segundo o Decreto nº. 3.551, de 4 de agosto de 2000, no que tange ao patrimônio cultural imaterial, está designado no Art. 1º como:

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas (BRASIL, 2000).

Outra adequação sobre patrimônio imaterial pode ser analisada com as contribuições da Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO, 2006, p. 04):

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável.

Em suma, patrimônio cultural imaterial está presente nas formas como a sociedade se desponta e se relaciona, criando uma série de atribuições e significados no seu modo de viver, incluindo as músicas, festas, danças, celebrações, e todas as formas de manifestações de um determinado grupo, em que há presença de uma continuidade durante uma escala de tempo, pode ser considerada patrimônio imaterial cultural.

Assim, tanto o patrimônio material quanto o imaterial tomam diversos caminhos para serem explorados, num campo amplo das ciências humanas e com construções diferentes significados. No qual esses termos ganharam relevância nos debates acadêmicos, políticos e sociais na forma que esses bens materiais e intangíveis se distinguem na forma como Carneiro os descreve:

A diferença entre ambos está na altitude que comandam, nas medidas que ilicitam. Conservar o patrimônio material é, sobretudo, conservar objetos já produzidos. Mas o 'imaterial' não consiste em objetos, mas sim na virtualidade de objetos, sua concepção, seu plano, o saber sobre eles. Conservar virtualidades, ou seja, o imaterial, é conservar processos (2005, p.119).

Desta forma, resguarda-se uma forma de identidade local através desses movimentos culturais, que já não podem ser mais vistos como simples tradição folclórica, já que os mesmos são uma prática cultural que se associam às novas formas e técnicas que o tempo do homem lhe oferece.

Enquanto a tradição folclórica é algo que mantém uma mesma tradição mesmo com a passagem dos anos, décadas e séculos, é uma preservação cultural, como alguns autores culturais costumam se referir entre grupo folclórico e grupo cultural.

Dessa maneira, os movimentos culturais atualmente são responsáveis por também modificar os espaços urbanos. De que maneira? Primeiramente cabe analisar a ideia de Carlos (2008, p.83), pois o autor destaca que “a reprodução do espaço urbano recria constantemente as condições gerais a partir das quais se realiza o processo de reprodução do capital”. Ficando claro o porquê de os movimentos culturais serem inseridos como reprodutores dos espaços urbanos.

Sim, uma vez que as festas recriam seus significados e, com isso, os movimentos culturais inseridos nos mesmos ganham ênfase por produzir de certa forma uma economia local, estes passam ter relevância diante do contexto socioeconômico e assim modificam o lugar, passando a apresentar os espaços culturais. E, assim, gerando novos espaços devido a sua influência de produção de bens e consumo que ocorre dentro desses movimentos culturais que serão analisados mais precisamente no decorrer da pesquisa.

A “produção do espaço se insere na lógica da produção capitalista que transforma toda a produção em mercadoria” (CARLOS, 2011, p.60), conforme a figura 6. Talvez a cultura moderna se tornasse uma mercadoria na qual o homem vende uma

imagem com fim lucrativo. Não se pode afirmar de fato que a cultura é um produto, porque nem toda cultura é comercializada, pois a cultura é algo amplo com diversas abordagens.

**Figura 6 - O movimento cultural como reprodutora do espaço.**



**Organização/elaboração:** Glauciene Dutra (2015).

Basta analisar a imagem e interpretar que os movimentos culturais de acordo com sua importância dentro de um contexto social transformam os espaços devido ao custo que eles exercem, ou seja, esses custos estão interligados pelo “processo de reprodução do espaço fundado nas relações de trabalho entre os homens e a natureza coloca-se como uma relação que deve ser entendida em suas várias determinações, econômicas, política, social, ideológica, jurídica, cultural e filosófica” (CARLOS, 2008, p.23). Estes se apresentam como os novos interesses presentes que de certa forma reproduzem os espaços.

O espaço passa a ser produzido em função do processo produtivo geral da sociedade. No capitalismo, as necessidades de reprodução do sistema fundado no capital vão estabelecer os rumos, objetivos e finalidades do processo geral de reprodução no qual o espaço aparecerá como condição e meio, desvanecendo-se o fato de quem também é produto. (CARLOS, 2008, p 22).

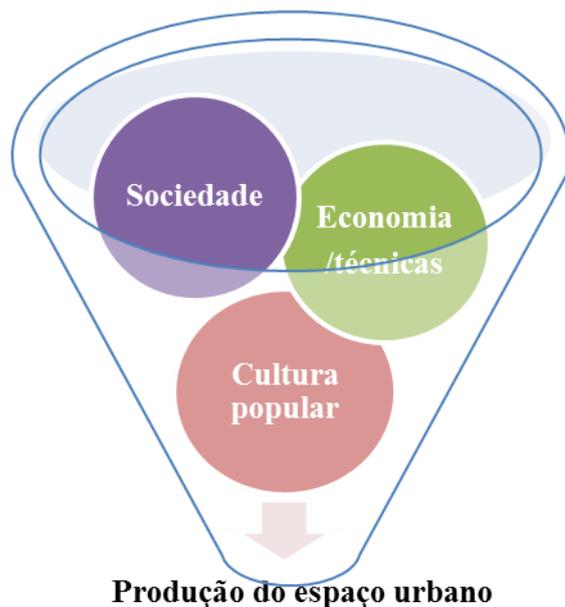
Cabe entender que esses movimentos culturais, no caso as quadrilhas juninas apresentam novas características, de modo que as forças capitalistas que exercem sobre elas são os que abonam novos rumos para esses movimentos. Para Carlos, (2008, p. 33), na medida em que a sociedade produz e reproduz sua existência de um modo determinado, este modo imprimirá características históricas, específicas, em que a sociedade influencia e direciona o processo de produção espacial.

Essa nova produção espacial sucedida pela festa junina de acordo com a importância econômica que a mesma ganhou, fez com essa festa ganhasse um novo espaço para realização dos festejos juninos em Boa Vista/RR, devido à dimensão que tomou.

Isso remete que a produção do espaço geográfico é o resultado das relações e atividades em que o homem exerce, atribuindo uma divisão dos diferentes trabalhos que o homem executa em suas diferentes escalas de tempo. Em cada momento há uma representatividade de usar e produzir o espaço/região.

Atualmente, uma dessas maneiras de produzir o espaço está interligada com as questões sociais, econômico-tecnológicas e com os movimentos culturais, que estão inseridos nesse contexto como um dos elementos que manipula a produção territorial (FIG. 7).

**Figura 7** - Elementos que compõem a produção do espaço.



**Organização/elaboração:** Glauciene Dutra (2015).

A vivência do homem no espaço é resultado de mudança, claro que as mudanças no espaço urbano seriam realizadas de forma espontânea ou planejada, mesmo porque o homem muda e com isso modifica seu habitat de acordo com sua cultura. Segundo Ferreira (2005, p. 02),

O espaço urbano, no decorrer da história humana, foi e continua sendo palco de manifestações culturais e artísticas. A cultura se inter-relaciona e dialoga com as cidades, transformando tanto os espaços quanto as manifestações culturais. As cidades contemporâneas tornaram-se importante material para a arte, tanto como tema quanto como suporte artístico.

Percebe-se que os espaços artísticos culturais ganharam mais relevância no âmbito social. Com isso, os conhecimentos da arquitetura e do urbanismo se equilibram quando se trata de inovação. Dessa maneira, as obras modernas pensam mais na funcionalidade do espaço, e como este será dinamizado pela sociedade, enquanto as obras artísticas já não trazem tantas vantagens, seguindo então uma forma geométrica.

Logo, o cotidiano urbano e as práticas culturais são as que modificam o meio. Um exemplo claro é o local onde se realizam atualmente as festas juninas de Boa Vista/RR. Um novo espaço social foi construído com a necessidade de abrigar os eventos municipais, e um dos eventos mais importante no momento é a festa popular que ocorre no mês de junho, o Arraial de Boa vista, conhecido como o “Boa Vista Junina”.

Sendo assim, observa-se que a partir dos festejos juninos essas manifestações culturais dinamizam os espaços geográficos por apresentarem uma transformação na sua forma, estrutura, função e processo, categorias nas quais Santos (2012) interpreta as diferentes maneiras que o homem utiliza como método para transformar o espaço.

Para Santos (2012, p. 69), essas categorias se representam como: “Forma, o aspecto visível [...]. Tomada isoladamente, uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante de tempo”. Função, o autor destaca o conceito do Dicionário Webster, no qual sugere uma atividade que se configura a uma forma. Estrutura seria a inter-relação de todas as partes de um todo, ou seja, sua organização. E processo sendo caracterizada por uma ação contínua que desenvolve um direcionamento a algum resultado, que este está implicado na periodização, a mudança ocorrida pelo tempo, conforme Milton Santos.

Contudo, essa contribuição de Santos (2012) se refere ao entendimento das mudanças do espaço de acordo com esses conceitos. Uma vez que os espaços

apresentam uma forma, vale lembrar que cada espaço exibe uma forma distinta, de acordo como os objetos espaciais se organizam. Por sua vez, a função e a estrutura ambas se complementam, na verdade esses quatro métodos são um ajuntamento que só é analisado como um todo. Porém, a função é um fragmento da estrutura para entender todo o arranjo espacial. E o processo é uma análise geral das mudanças que ocorreram no espaço geográfico referente todas as atividades humanas no decorrer do tempo

Assim, o espaço torna-se palco para atividades humanas. Já que a partir dele o homem recria todas suas formas de evolução. O homem moderno deixa suas rugosidades e passam a modificar o espaço de acordo com suas vontades, não cabe dizer suas necessidades, pois o homem transforma não mais por indispensabilidade e sim por ambição com diferentes valores. Deixando de lado as formas e experiências antigas e criando novos modelos de ocupar o espaço, e assim construindo espaços cada vez mais urbanizado e cultural.

As questões dos espaços urbanos tornaram-se privilegiadas por passar por uma metamorfose de acordo com a temporalidade. Com isso, os patrimônios passaram a ser objeto da indústria cultural, tendo mais valorização de acordo com sua modernização, transformando então em um produto econômico, quando estes passam ter uma funcionalidade dentro dos espaços urbanos. Portanto, o meio social se integra no espaço urbano de acordo com sua funcionalidade cultural.

Quando se fala em patrimônio urbano, pensa-se logo em monumentos históricos que são vistos como identidade cultural do local cabe uma visão mais moderna para entender que patrimônio cultural urbano se caracteriza como material e imaterial. Ressaltando que o patrimônio cultural urbano não é apenas algo histórico que determina a identidade local. Uma cidade é feita de pessoas, que estão sempre se modificando e com isso ganhando novas características, no caso as festas culturais são patrimônio cultural imaterial no meio urbano.

### 2.3 A DINÂMICA DA CULTURA POPULAR COMO REPRESENTAÇÃO DE UMA IDENTIDADE SIMBÓLICA.

Tratar da dinâmica cultural popular, primeiramente requer entender o que é cultura popular. Em 1990, o autor Arantes já mencionava em seu livro o que é cultura popular, como um conceito que estava longe de ter uma definição concreta pelas

ciências humanas. Isso porque cultura popular é heterogênea segundo Arantes. Isso é fato.

A cultura popular é uma dinâmica que abrange diferentes concepções, que interagem com diferentes realidades, ocupando-se do espaço de maneiras distintas de acordo com suas tradições, dentro do contexto atual esses costumes estão relacionados com as técnicas e tecnologias presentes nesses espaços. Arantes (1990, p.16) menciona que um grande número de autores pensa “a cultura popular” como “folclórica”, ou seja, como um conjunto de objetos, práticas e concepções (sobretudo religiosas e estéticas) consideradas tradicionais”.

Atualmente, o termo cultura popular não está apenas relacionado às tradições folclóricas. Como já se discutiu anteriormente a sociedade se transforma e, com isso, adquire novos valores, interpretando então que a cultura popular é considerada como ações rebuscadas, que fazem do movimento cultural grandes espetáculos aperfeiçoados, retocados e refinados de acordo com as novas técnicas de produzir cultura. Enquanto os movimentos folclóricos estes são mantidas as mesmas tradições sem mudar suas características de “origem”.

Porém, o folclórico também pode ser considerado cultura popular por se tratar de uma manifestação do povo. Mas vale ressaltar que é nessa manifestação é colocada por muitos autores como um ato diferente de cultural popular ou grupo cultural. Esse jogo pode ser explicado como um quebra-cabeça, peças diferentes, totalmente opostas, mas que se encaixam por ter ligação com o POPULAR. De modo geral tudo que se produz é cultura popular, se folclórico é saberes do povo, este não deixa de ser cultura popular.

O que resulta dizer que cultura popular não seria distinta das tradições folclóricas, e que apenas a dinâmica social que as distingue, porém, “é popular a cultura quando é comunicável ao povo, isto é, quando suas significações, valores, ideias, obras, são destinadas efetivamente ao povo e respondem às suas exigências de realização humana de uma determinada época [...]”. (MARTINS, 2010.p.23), nesse sentido não teria distinção de ambos os conceitos.

Nessa linha de pensamento, cabe entender que a cultura popular é a manifestação dos desejos que se operam de acordo com que uma sociedade está vivenciando em sua história real em certo momento. Martins (2001, p. 23) continua com que é cultura popular, sendo as formas como o “homem assumiu o papel de sujeito dentro da sua própria criação cultural que está inserida, operando conscientemente”.

Por isso, para ter um movimento cultural popular entende-se como um exercício de libertação, que o homem indica como uma necessidade de expressar seus desejos, motivando então novas maneiras de ocupar ou até mesmo tirar um tempo para atividades que promovem algum tipo de exultação, porém que faça sentido dentro de um conjunto social para então ser cultura popular.

Para Martins (2010), os instrumentos da cultura popular salientam como: alfabetização, núcleos populares, teatros, praças de cultura, arte, publicações, festas populares e festivais de cultura popular. Todos esses conjuntos manifestados pelo homem são elementos populares que criam sentido dentro de uma cultura. Todas essas experiências como comportamento social são formas de analisar o trabalho cultural, desenvolvendo as diversas proporções do homem se organizar no espaço. A cultura é histórica, social, pessoal e universal, por isso é representada pelo comportamento do homem.

Portanto, cultura popular domina de certa forma o desempenho, as práticas e hábitos da sociedade. Ela é também uma forma distinguir uma sociedade. Franco (2010, p.62), analisa as contradições de cultura popular, erudita e de massa. Estas culturas teimam emergir várias discussões referentes à cultura que é destinada a cada público. Entende-se como cultura erudita aquilo que é adquirido e transmitido na escola/instituições. O que faz dessa da cultura erudita é uma espécie de cultura dos intelectuais, já que é uma cultura aprendida, tendo uma escala superior à da cultura popular.

Cultura popular, por sua vez, é algo abstruso de conceituar em uma única linha de pensamento, pois muitos autores abordam essa temática de acordo com suas percepções e devido à reconstrução que o termo ganha de acordo com as formas de pensar com que seria cultura e o que entende por popular.

Dois termos complexos que se unem para decifrar um movimento cultural de um conjunto populacional, o que caberia ser interpretado por cultura popular, sem grandes desafios ou complexidade, mas, o que não ocorre. Isto implica diversas formas de lidar com as críticas sobre cultura popular, de forma que Cuche (2002, p. 147) alude que não reconhece na cultura popular nenhuma presença de algo criativo e próprio, o que se entende que essa cultura não é digna de algo competente, no qual segue dizendo que a mesma seriam apenas culturas marginais e dominada. Ou seja, dentro do próprio conceito de culturas existe uma hierarquia que julgam as diferentes formas de produzir uma cultura, seja ela erudita popular ou de massa.

É o que o Cuche trabalha em seu livro, “A noção de cultura nas ciências sociais” (2002, p.144 e 145) elencando cultura dominada e dominante. Cultura dominante não é aquela que sempre dominará outra cultura, mas sim levando em considerações as ideias de Marx e Weber, quando os mesmos apresentam ideias homogêneas que cultura dominante seria a cultura que as forças sociais exercem um poder maior sobre elas e que as sustentam. Ou seja, os grupos sociais demarcam diferenças entre cultura dominante e dominada. Sempre o homem criando uma ideologia de manter uma desigualdade em todo que produz.

Assim, “Cultura popular é um fenômeno histórico que tem surgido em sociedades nas quais se distinguem em desnível cultural entre os diversos grupos que a compõem” (FÁVERO, 2001, p.77). Isso abrange o que foi discutido quando a sociedade atribui algo que era histórico a ser tornar um estorvo que impede a interação das diferentes culturas.

Esses desníveis são os problemas impostos pela coletividade. Fávero segue proferindo que, “cultura popular surge, portanto como problema ideológico e assume uma posição de luta pela transformação dos padrões culturais, sociais, econômicos, e políticos que asseguram aqueles desníveis”. (FÁVERO, 2001, p.78).

Toda essa dialética, surge com a cultura de massa que, segundo Franco (2010, p.67) discutiu o que inicialmente era uma restrição à religião e à educação, sendo um método que alcançaria a todos. O autor adota que, apenas no século XX esse conceito passou a se modelar. Atualmente, interpreta-se, segundo Franco, como atividade de representação de lazer, de escolha livre e como cada um ocupa seu tempo livre. Prevalendo os meios tecnológicos na nossa sociedade nessa cultura de massa, o que não cabe apenas para uma classe social, mas cinge o todo. Franco menciona, ainda, que:

O que não faltava são classificações para de Cultura de massa. Inicialmente, acreditava-se que havia duas culturas de massa: a superior e a popular. Nos anos de 1960, essa classificação deixou de dar conta da multiplicidade de ações. A cultura popular abandona sua característica social de cultura de uma classe, como por exemplo a operária, para transformar-se em cultura de uma cultura transétnica e transocial destinada ao grande público, portanto não mais limitada a um grupo social fechado (2006, p.67).

Isso se refere que a cultura de massa atualmente se interpreta como cultura popular que abrange todos os públicos, como ocorre nos festejos juninos de Boa Vista-RR. Este não apresenta um público superior aos outros, como podemos perceber até nas simples festas, como nos *shows* artísticos. O homem cria certa separação de público,

que de fato é uma segregação de uma classe de pessoas para outra, apresentando as famosas áreas *vips*. Seria uma nova forma de criar diferentes públicos com diferente maneira de consumir a cultura.

Cabe mencionar que a cultura de massa também se apresenta de forma distinta do folclore, devido ao fato de não ter suas raízes na vivência do cotidiano, segundo Bossi (2000 p.77). Um conceito que foi muito criticado devido a sua forma de se posicionar, desprezando a cultura popular, já que a mesma nasce da TV e da imprensa, conforme dito por Franco (2010, p.68), por isso toda essa arrogância da cultura de massa, por não ter tido um berço humilde e sim surgindo das elites, e com isso criando uma cultura imposta à venda/comercializada, voltada para um poder econômico.

Transbordando, então, uma indústria cultural, no qual Morin mensura como “o vento que assim as arrasta em direção a cultura é o vento do lucro capitalista” (1997, p.22), um comentário que resume a produção da cultura de massa, está nada mais, “é para e pelo lucro que se desenvolvem as novas artes e técnicas”, finda Morin. Isso resulta nas diversas formas como a sociedade vem retratando as maneiras de produzir os regozijos nos dias modernos. O que vai de cada gosto e costumes essas novas indústrias culturais. Assim, esta forma de cultura passa a dominar os espaços sociais, buscando cada vez mais aumentar seu número de consumidores, por isso cultura de massa.

Fica para cultura popular um perfil mais “povão”, criada e recriada conformes os costumes de uma determinada sociedade de acordo com seus interesses. No Brasil, a cultura popular surge como reivindicação, opondo-se a outra cultura dominante (FÁVERO, 2001, p.85). Continua Fávero sobre essa descrição que a cultura popular:

É ao mesmo tempo, um movimento que elabore com o povo (e não para povo), uma cultura autêntica e livre. O movimento de cultura popular apresenta-se como um processo de elaboração e formação de uma autêntica e livre cultura nacional e, por esse motivo, uma luta constante de integração do homem brasileiro no nosso processo histórico, em busca de libertação econômica, social, política e cultural do nosso povo. É portanto um movimento, ao mesmo tempo, de elaboração libertação (2001, p.85).

Cultura popular é, na verdade, uma libertação do homem com seu próprio meio. A dinâmica da cultura popular vem acarretar uma sensação de júbilo para quem está inserido. Essa alegria é visível, quando a manifestação é de prazer e não de reivindicação. Porém, se analisarmos do ponto de vista de prazer até mesmo que, reivindica em forma de movimento popular está, de certa forma, propiciando-lhe uma forma de amadorismo.

Assim sendo, a dinâmica da cultura popular é uma forma da sociedade se realizar e produzir uma maneira de prosperidade. Os desejos e emoções deverem ser considerados naquele momento de dever cumprido por ser realizar culturalmente seja ela na forma, da dança, da música das manifestações ou de inúmeras formas de fazer cultura, porém deve ser sentida.

E é essa forma de como é sentida e interpretada à cultura popular é que se manifesta uma identidade simbólica. Antes de tudo, o que seria identidade? Antes desta discussão, vale deixar claro que identidade é um conceito complexo que não se pode chegar a um conceito concreto, mas sim interpretar a partir de diferentes visões dos campos das ciências humanas. Cuche (2002, p.192) menciona que “na medida em que a identidade resulta de uma construção social, ela faz parte da complexidade social”, tendo em vista que não é simples entender o lado social, essa heterogeneidade é que se torna complexo de se interpretar dentro do campo da identidade. Cuche completa como algo difícil de definir devido a seu caráter multidimensional.

Stuart Hall, na tradução de Silva e Louro (2006), coloca que a identidade apresenta três concepções, no qual se baseia no sujeito do iluminismo, sociológico e pós-moderno. Sendo o sujeito do iluminismo como o indivíduo totalmente centrado, unificado e dotado de razão, onde o sujeito nascia se desenvolvia, porém, ainda permanecia essencialmente o mesmo.

O sujeito sociológico se baseava na complexidade do mundo moderno, que se formava através das relações com outras pessoas, mediando a valores, símbolos e sentidos, melhor dizendo a cultura dos mundos no qual ele habitava. Enquanto o pós-moderno se referia uma identidade não fixa e nem permanente, assumindo identidades em diferentes momentos a partir de seu convívio.

Como é possível perceber, a identidade não se pode concluir como algo fixa, já que é algo que é sentida e representada através de momentos vividos por um indivíduo. Não há necessidade de interpretar aqui as diversas concepções de identidades, mas deixar claro que a forma como as quadrilhas juninas apresentam uma identidade simbólica.

Todavia, a identidade, no seu sentido simbólico aqui representado, deve-se ao seu relacionamento sociocultural, por representar uma identidade de um grupo de quadrilhas, pois nesse caso, essas identidades só se apresentam no dia dos festejos, ou melhor, só ganham relevância nessa época do ano por ser o símbolo do arraial. Como

destaca Silva (200, p. 9) a identidade é, assim, “marcada pela diferença” e complementa que a identidade é “marcada por símbolos”.

Dessa forma, a identidade simbólica é uma cultura compartilhada, como uma forma de produzir sentido, assim, a identidade se constrói a partir do convívio com o diferente. Por exemplo, o arraial é uma festa sociocultural que apresenta símbolos diferentes das demais festas populares, nos quais esses símbolos que faz dessa festa ter uma característica única e própria.

Portanto, a quadrilha junina é uma dessas características que cria uma identidade simbólica. Por que simbólica? Por apresentar uma identidade quadrilheira somente nas épocas dos festejos juninos. Nesse sentido, essa identidade só terá significância nos dias dos arraiais. Assim sendo, os sujeitos que participam das quadrilhas juninas são os que apresentam essa identidade simbólica no momento dos festejos, por estabelecer uma diferença entre eles e a população que prestigiam o arraial. Conforme a festa se aproxima, a identidade simbólica desses quadrilheiros passa ganhar sentido dentro do contexto social, ou melhor, passa a ser reconhecida. As quadrilhas juninas são as protagonistas dos arraiais porque apresentam o espetáculo. A identidade dos quadrilheiros cria essa dinâmica na construção dos sentidos e significados de fazer parte de um grupo, no qual os arraiais são responsáveis por marcar sua diferença das demais festas.

Assim, o arraial tem seu sinal DIACRÍTICO<sup>11</sup>, que é a quadrilha junina, pois são as quadrilhas juninas que fazem o diferencial das demais comemorações populares. Por exemplo, cada festa haverá uma forma de se representar e essas *performances* que serão sua marca. No caso, o sinal diacrítico é uma forma de marcar a diferença entre dois movimentos populares/grupo. Caso não tenha diferença, não há sinal diacrítico.

Essa questão de marcar uma diferença, pode se chegar às interpretações de Cuche (2009, p. 196), quando o autor aborda como as estratégias de identidade, com o meio de conseguir algo, assim sendo, o indivíduo como ator social que utiliza a identidade como estratégia. Tendo ela motivo de lutas/reivindicações, manifestações que possibilita a esse ator social se representar com uma determinada identidade por questões simbólicas ou até mesmo materiais.

Nesse sentido, pode-se interpretar que a identidade apresentada pelos quadrilheiros pode ser analisada como estratégia de identidade? Sim, momento que eles

---

<sup>11</sup> Diacrítico se refere aos traços que marcam a diferença de um grupo para outro. São os contrastes culturais. Manuela Carneiro. Cultura com aspas, 2009.

são os atores social da festa junina. Os quadrilheiros buscam alcançar uma meta: que a quadrilha seja a campeã com a melhor apresentação, o que torna uma identidade baseada no interesse simbólico.

De modo geral, a identidade é uma forma de apresentação dos sujeitos serem marcados como diferentes. A definição para esse conceito se torna algo abstrato, já que identidade e diferença são produzidas pela cultura, sendo representadas por grupos ou individualmente. Esses grupos, por representar uma identidade simbólica, acabam criando territorialidades em seu espaço. O Rio de Janeiro destaca-se por apresentar os maiores desfiles de escolas de samba, revelando que já construiu uma identidade a partir de uma festa urbana. Assim como outras culturas do estado brasileiro constroem suas territorialidades conformes suas particularidades em produzir festas, sejam elas religiosas, culturais, econômicas ou sociais.

#### 2.4 TERRITORIALIDADES DAS FESTAS URBANAS

Incumbe expor o que será tratado sobre territorialidades das festas urbanas. De forma simples, entende-se que territorialidade são as formas como os casos, condições, acontecimentos são realizados em um território. Enquanto festa aventa como algo com fim de divertimento. E urbano ou urbanização, é um movimento de desenvolvimento das cidades em número e dimensão espacial, é tudo que está ligado à progressão direta do fenômeno urbano, transformando, aos poucos, as cidades e seus arredores (GARNIER, 1997, p.16).

Assim, as territorialidades das festas urbanas devem ser analisadas para compreender como estas construíram vários significados de acordo com as mudanças socioespaciais. No sentido mais científico, territorialidade é conceituada segundo os autores Braga, Morelli e Lages.

[...] Territorialidade refere-se, então, às relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas – uma localidade, uma região ou um país – e expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado espaço geográfico (2004, p.27).

Dessa maneira, territorialidade não é apenas uma demarcação jurídica, mas uma forma da humanidade se comportar em uma determinada localidade. Assim os autores destacam:

No nível individual, territorialidade refere-se ao espaço pessoal imediato, que em muitos contextos culturais é considerado um espaço inviolável. Em nível coletivo, a territorialidade torna-se também um meio de regular as interações sociais e reforçar a identidade do grupo ou comunidade (2004, p. 28).

O que se interpreta sobre territorialidade são as diversas maneiras de apresentar característica distinta de um lugar para outro, diferenciando-se no modo de produção do mesmo. Por isso, engloba o nível individual e coletivo. E as festas são manifestações que envolvem os dois, pois, “as festas estão presentes em vários momentos de nossas vidas. Estamos sempre vivendo diferentes comemorações” (ITANI, 2003, p.07).

A autora segue mencionando que “as festas têm um contexto histórico, social e político, elas constituem o momento e o espaço da celebração, dos jogos, da brincadeira, da música e da dança, é celebração da vida” (2003, p.07). Em todos os nossos momentos estamos festejando, estamos ensinando e aprendendo isso é uma forma de se alegrar e alegria é festa.

As festas, dentro do contexto urbano, são representadas como um movimento em constantes transformações como vimos o urbano sempre aparece em progresso e os elementos que os compõem estão sempre acompanhando essas dinâmicas de desenvolvimento. Mas vale ressaltar que as festas tradicionais não são transformadas por completo, estas estão, ao mesmo tempo, em mudanças, porém em conservação dos seus valores sociais e simbólicos. Para Alice Itani (2003, p.09):

A festa está sempre em processo de mudança, sendo transformada a cada momento pelos grupos sociais e pela produção de novos significados simbólicos. Comemoração ritualística coletiva, ela deve ser entendida também como um fator social. Como muitas celebrações festivas vêm sendo mantidas pelos diferentes povos, resistindo às interdições e imposições, em diferentes momentos históricos, elas se tornam igualmente fator político.

Temos aqui diversas maneiras de pensar em festa, já que é uma dinâmica no qual o homem se utiliza para se apropriar e ressignificar seus valores, sendo assim, a festa é um produto do homem e espaço. Pode-se, então, analisar a festa como núcleo aglutinador das sociedades, como destaca Alice Itani (2003, p.12), assim territorializando as festas.

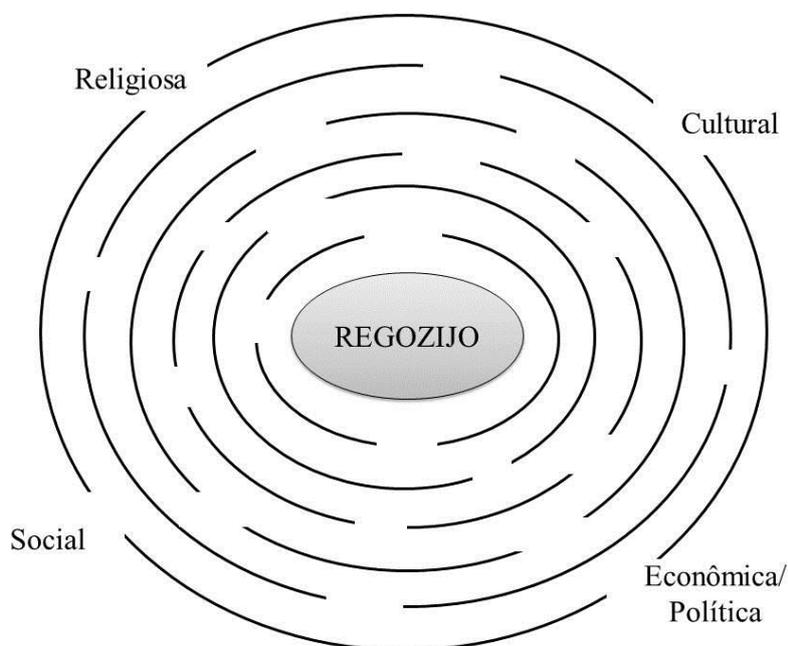
Quando utilizado o termo de territorialidade da festa, a pesquisa aborda como um conceito que marca uma diferença de significados de uma festa para outra a partir do território em que está inserida e de acordo com os costumes dessa sociedade. Territorializar está em destacar as formas, as características, valores, costumes e

tradições das festas em diferentes espaços. Essas territorialidades se cristalizam conforme os grupos sociais se apropriam das festas

Dessa forma, analisar as territorialidades das festas urbanas é sondar as comemorações que ocorrem em um determinado território e em uma área urbana, ou seja, em uma cidade onde esses eventos ocorrem com uma sequência periodizada. Porém, não cabe aqui mencionar todas essas comemorações, mas apenas de uma específica que é o festejo junino. Apenas pincelar as formas como a festa urbana se insere em um território, quanto suas funcionalidades e o seu valor simbólico agregado para construção de uma identidade local.

Propor o conceito de festa talvez seja algo mais labiríntico do que se imagina. Pois de fato há inúmeras magnitudes para festejar, porém, os desejos desses diferentes festejos é chegar a único contexto do regozijo. Assim, os distintos caminhos do labirinto da festa se tornam em só. Ao usar a metáfora da festa com o labirinto pretende-se relacionar com as formas como se produzem as folias na sociedade moderna, sejam elas religiosas, culturais, populares ou políticas/econômicas, em que o único intuito dessas manifestações é chegar ao gozo da alegria, lazer e da diversão (FIG. 8).

**Figura 8** – Diferentes sentidos das festas.



**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra (2016).

Mesmo tendo várias percepções de festa, o objetivo é único, independente da forma como é realizada a mesma. No mesmo sentido que o labirinto apresenta vários caminhos, mas apenas um levará ao ponto central. As festas nada mais que são do que um caminho para júbilo, apesar dos diversos interesses inseridos nas festas modernas, sejam eles econômicos, políticos ou culturais, todos querem chegar ao exercício da alegria, embora, essa exultação depende do olhar que cada um tem diante da festa.

Em concordância com Duvignaud, (1983, p.211), festa seria um conjunto de fenômenos que ela implica nas interpretações que é aplicado pelo homem. Conforme dito pelo autor, o homem é o apreciador das festas, diante disso ele que amplia as formas como estas serão realizadas, dando significância a cada tipo de festa. Assim, para Duvignaud, os folgedos criam uma nova forma de produção de festa, no que o poder econômico as transforma de acordo as formas de desenvolvimento.

É também possível que a festa, cujo princípio foi eliminado pela produção econômica e o crescimento industrial descubra, no desenvolvimento estremado e paroxítico, uma oportunidade nova; que o acirramento dos componentes modernos sistema técnico reencontre os elementos mais simples de ordem social anterior ao seu advento; [...]. (DUVIGNAUD, 1983, p.213).

As festas passam ser vistas como grandes oportunidades de incremento econômico, no qual essa ‘nova oportunidade’ a que o autor se refere é de não perder o valor inicial de seu ato social ao regozijo.

As festas políticas e econômicas, por sua vez, são as formas de festejar que dinamizam com maior influência um determinado espaço, devido a sua relevância e poder que essas forças exercem nesses regozijos. Para Chamon (1998, p. 02), “a festa cívica, motivada por questões políticas, sem, contudo, ser um mero reflexo dessas questões, é uma forma de vivenciar o político que, em sua efusão, busca contagiar e comover a todos os habitantes de uma povoação ou mesmo de um país”, no qual ele segue com suas afirmações que nos festejos dessa natureza, o poder se transformava em espetáculo para conquistar a adesão.

A festa traz benefícios para todos os envolvidos, porém, prevalece aquele que de certa forma domina ou que tem o poder maior. Por exemplo, as festas políticas e econômicas sejam elas culturais ou não acarretam, de certa, forma benefícios para região, pois resultam em desenvolvimento local. Para Chamon (1998, p. 03), nessas novidades que as festas oferecem conforme a dinamização das relações políticas e

econômicas na região, como uma proposta de modernização e desenvolvimento, surge com rede de valores criadores de uma identidade social, como o ideal de trabalho, de prosperidade e de civilidade.

Qualquer festa que seja, o apreciador que sentir algo novo, que sentir a beleza e o encantamento de estar fazendo parte daquele momento, seja elas religiosa, cultural ou simplesmente social. Nas festas cívicas, “sempre há uma proposta política ao povo. Uma festa cívica não existe sem esses dois elementos. Mas o que ela revela ao olhar e o que ela propõe a uma coletividade se mostra diferente a cada momento.” (CHAMON, 1998, p.12). Desse modo, a cada momento da sociedade as formas de produzir festa estão relacionadas com interesses presente naquele momento. Portanto:

Ela põe em jogo, implícita ou explicitamente, muitas outras questões além das pretendidas pelos seus organizadores. Os elementos festivos não têm todos, necessariamente, uma funcionalidade política. Sua significação e sentido podem passar por lugares muito diversos do político. É verdade que os acontecimentos políticos motivam de alguma maneira essas festas, mas eles são a sua condição necessária e não a sua condição suficiente (CHAMON, 1998, p. 12).

Fica claro que as festas políticas não são as únicas responsáveis por criar e modificar as festas modernas e muito menos as festas populares, para isso a necessidade dos fatores econômicos, sociais e culturais. As festas modernas apresentam um agente muito importante que é responsável por fazer das festas grandes espetáculos, o poder econômico. Este possibilita uma gama de modificações nos regozijos, uma vez que influencia na produção de capital e no desenvolvimento para região, sem deixar de mensurar nas atividades turísticas que as festas oferecem naquele momento. Uma venda de imagem através dos movimentos culturais que a elas oferecem. Nesse sentido de festas também há suas críticas:

Muitas festas populares têm sido capazes de mobilizar grandes quantidades de capital movimentando, assim, a economia dos locais em que são realizadas, mas quando apontam para a existência de um mercado turístico, o que se observa é uma decadência da festa como mantenedora de uma identidade cultural autônoma e autêntica, passando a ser um entretenimento para os consumidores vindos de fora da comunidade, apenas uma oportunidade de divertimento que conduz, muitas vezes, a um empobrecimento cultural apesar de sua transformação em espetáculo (CAPONERO e LEITE, 2010. p. 12).

Nesse caso, as festas devem ser pensadas em todos os campos sociais ainda mais quando se fala em festa popular, todos os setores devem ser envolvidos para um

melhor aproveitamento da festa. No que diz respeito à economia, Miguez (2012, p. 01) vê as práticas do campo econômico, como forma de garantir a festa como grande mercado. E por sua vez, Miguez menciona que “a dimensão econômico-mercantil tem vindo, praticamente, a subordinar a dimensão simbólico-cultural”. Não seria caso de afirmar essa ideia do autor, mesmo porque esse é um campo muito amplo de definir.

A economia, de fato, prevalece nas festas modernas com o intuito de produção de bens e capital, porém, não ofusca o brilho cultural e nem tão pouco as questões simbólicas que as festas populares representam. Estes apenas enriquecem os regozijos despertando os interesses em participar, prestigiar e trabalhar nesses movimentos culturais. Como será discutido ao longo desta dissertação, as relações da festa junina, seus agentes modificadores e a dimensão simbólica presente nos festejos de Boa Vista-RR, destacando que as influências modernas não menosprezam cultura popular, apenas ganha mais destaque no meio social.

Falar de social faz lembrar as funcionalidades das festas socioculturais. Já que as festas sempre estiveram presentes nas vidas de qualquer sociedade. “A festa surge como uma comemoração coletiva abrindo a esperança de um tempo bom para a plantação, como uma busca incessante de domínio do tempo sobre o espaço” (ITANI, 2003, p. 16). A festa é uma herança histórica, sempre esteve presente na vida social, por isso que ela ganha diversas representações, pois, nenhuma sociedade foi ou é igual. Amaral (1998, p. 07) considera que a festa é um forte elemento constitutivo do modo de vida, sendo uma das linguagens favoritas do povo brasileiro.

Surgindo com os folguedos de vários estilos, gostos, costumes e caracterização, as festas culturais e sociais, a partir das diversas maneiras da população, se representam no seu LUGAR. São elas religiosas, folclóricas, culturais, tradicionais e até mesmo políticas e econômicas, como já mencionadas. As festas religiosas são as que mais reconstruíram seus valores ao longo da história da humanidade, pois eram deram origem a várias manifestações públicas. Segundo Sanches (1999, p.139), “como em quase todos os casos de manifestações populares, a Igreja católica exerce um preponderante papel na construção dos folguedos”.

Devido ao poder que a igreja desempenhava na sociedade, as formas como se configuravam as festas eram em homenagens aos Santos nas procissões e outras atividades para comemorar os dias dos mesmos. São atrações que ocorrem até os dias atuais como as romarias de Nossa Senhora Aparecida, Círio de Nazaré, assim como outras que permanecem com suas homenagens e agradecimentos.

A relação da Igreja Católica com a festa junina não foi diferente. É através dela que surgiram os folguedos no ciclo junino. Segundo Paniago (1983, p.50), os ciclos são as festas de Santo Antônio, São João e São Pedro. Segundo o autor, e com conhecimento popular, Santo Antônio é conhecido como santo casamenteiro, isso explica a *performance* dos casamentos nas quadrilhas<sup>12</sup> juninas, a dança típica dessas festas. Seu dia é comemorado em 13 de junho. Já São João no dia 24 e São Pedro no dia 29 de junho. Sanches aponta:

Como podemos ver, existe um número infindável de manifestações populares de cunho religioso católico por todo o país e, como não poderia deixar de ser, os chamados festejos juninos também têm essa característica, pois trata de homenagear Santo Antônio, São João, São Pedro. O curioso é que a esses festejos, comemorados em todo o país, foram sendo acrescentadas novas atividades além das missas e procissões. Surgiu o “arraial”, à moda do interior, com a venda de pratos típicos das regiões onde ocorrem os festejos, com o objetivo de arrecadar fundos financeiros para igreja, além de danças e outras brincadeiras que aos poucos foram saindo das igrejas e ganhando as ruas e até proporcionando a criação de festivais, como ocorre na cidade de Manaus, no Amazonas, que passou a denomina-los “Festival Folclórico”, onde há disputa de inúmeros grupos de dança, com várias danças conhecida em todo o Brasil como a famosa “quadrilha”, [...]. (1999, p. 140).

Não é preciso voltar no tempo para imaginar os arraiais até os anos de 1980 e 1990. Como festas simples, enfeitadas sobre bandeirinhas de jornais, ou revistas amarradas e levadas a único centro com o famoso balão de São João. Barracas com comidas típicas e todos da comunidade contribuía com um prato. As quadrilhas tinham roupas sem luxo, não eram desenhadas, apenas customizadas. Homens colocavam bandeirinhas de panos em suas calças com uma simples camisa xadrez, as mulheres como um vestido simples de chita com trancinhas, e uma dança alegre e engraçada.

Assim eram as festas juninas de ‘ontem’. As de ‘hoje’ não perdem essas características apenas evoluíram, principalmente as quadrilhas, que ganharam até alegorias em suas apresentações. O que era uma simples brincadeira tornou-se uma disputa cultural. A comercialização levou a festa de sagrada à profana, uma nova estrutura que consegue abranger todo o campo social, de forma recíproca no que tange ao desenvolvimento e conservação cultural. E para conservar cabe à cultura evoluir.

---

<sup>12</sup> Segundo Paniago (1983, p.51) a quadrilha formou-se de música popular de origem europeia, a abrazeirou-se, incorporando-se ao nosso folclore junino, com pés-de-moleque, quantões e canjicas. [...] dançadas aos pares, era marcada pelas palavras francesas deturpadas, Travessê, Chez de Dammes, misturadas com portuguesas, Vai chover, todos para trás, entres outros ditados. Que inclusive se usam nas danças das quadrilhas juninas até os dias de hoje.

### 3. “EVOLUIR PARA PRESERVAR”

#### 3.1 E VIVA OS SANTOS! UMA RECONSTITUIÇÃO DO ONTEM E O HOJE

Como já mencionado, os arraiais eram festas simples com objetivo de contribuir para igrejas católicas, que aos poucos foram reconstruindo novos significados devido às mudanças dos valores sociais. Modificações estas que aconteceram de maneira bem visível, porém, não tão rápida. Essa metamorfose ocorreu naturalmente, sendo que cada ano uma inovação. As quadrilhas, por exemplo, se empenhavam em apresentar algo prazeroso para quem prestigiava e que despertasse os olhares do público para o grupo.

Para chegar a essa valorização os grupos de quadrilhas motivaram-se a apresentar algo inovador. Assim, não deixaram as características tradicionais (sendo uma forma prevalecer na memória social diante das transformações da sociedade moderna), porém apenas recriando novas dinâmicas nos passos, aumentando o interesse por partes dos brincantes em permanecer no grupo.

O desejo por essa dança caracteriza-se como uma maneira de expressar a memória social. Sendo, “diferentes pontos de referências que estruturam nossa memória e que a inserem na memória coletiva da coletividade a que pertencemos” (POLLAK, 1988, p. 03). Isso porque as festas juninas foram uma herança dos primeiros regozijos das igrejas católicas, com influências das danças europeias e que foi ganhando características/traços brasileiros.

Esses traços que são preservados nas festas de hoje, por ser memória da coletividade, que se empenham na realização desses eventos, juntamente com os grupos culturais, o que se torna ‘patrimônio imaterial cultural’, por englobar, valores, costumes, danças, comidas, músicas tradicionais/culturais. No caso da festa junina em Boa Vista/RR, mesmo não sendo tombado pela prefeitura, o arraial é uma festa muito desejada e esperada pela população, o que faz da festa ser um ‘patrimônio imaterial’ local. O arraial tornou-se uma festa que une o resgate memorial histórico com as modernidades dos dias atuais, preservando e, ao mesmo tempo, evoluindo.

A discussão inicia-se com a frase de Chiquinho Santos (diretor do concurso de quadrilha de Boa Vista/RR), quando diz que “evoluir é preservar”, isso quer dizer que a partir do momento que evolui, o movimento cultural consegue se expandir e atrair pessoas que se evoluem no trabalho. E, com isso, não caindo no esquecimento como

algo já ultrapassado e sem importância. O que não seria difícil de acontecer já que vivemos em mundo devorador das atividades socioculturais, em que o mundializado é que prevalece.

A evolução foi uma maneira dos grupos culturais e das festas juninas permanecer nas novas gerações e se preservarem como uma dinâmica popular, enraizando-se e ganhando sempre um olhar de valorização por todos os campos, sejam eles, políticos, econômicos, culturais ou sociais. Dessa maneira, pode-se dizer que o movimento se encaixa nas diversas formas de realizar cultura, seja ela de massa, popular, industrializada ou erudita, como já mencionado no capítulo anterior.

Dentro dessa manifestação cultural está inserida a cultura de massa aquela em que prevalecem os poderes políticos juntamente com a mídia, a cultura erudita como uma cultura dirigida que passa de um para outro, e que não deixa de ser um processo de aprendizagem, dentro dos próprios grupos culturais.

Já a cultura industrial, que está nítida com presença de um mercado cultural, configura-se nas vendas de comidas típicas, no vestuário dos grupos culturais, ou até mesmos nas músicas apresentadas por cada grupo (que será mencionado nos próximos tópicos) e na cultura popular não pode deixar de ser citada que é o principal, já que esse regozijo torna-se relevante devido à participação popular, trabalhando em conjunto.

O arraial é época de renovação de votos, principalmente para o santo casamenteiro, Santo Antônio. Vale destacar que a festa junina de Boa Vista/RR já realizou casamentos reais em plena arena junina, termo esse e quão outras características fazem presente na nova abordagem de realizar o famoso arraial da prefeitura.

Cabe aqui fazer uma simples retrospectiva do ANTES e do HOJE das quadrilhas juninas, de como se realizavam esse movimento popular em contexto geral. A dança quadrilha é o componente principal da festa junina, no qual têm os três santos homenageados. Santo Antônio, (símbolo do casamento), São João (tem a fogueira como símbolo) e São Pedro (representante da pesca e da navegação). Acreditava-se que as festas:

Têm origens no século XII, na região da França, com a celebração dos solstícios de verão [...], vésperas do início da colheita. No hemisfério sul, na mesma época, acontece o solstício de inverno [...]. Como tudo aconteceu com as outras festas de origem pagã, estas também foram adquirindo um sentido religioso introduzido pelo cristianismo, e trazido pela igreja católica ao Novo Mundo. A comemoração das festas junina é certamente herança portuguesa

no Brasil, acrescida ainda dos costumes franceses que elas se mesclam na Europa (AMARAL, 1998, p.159).

Assim sendo, uma festa de características católica e da população rural, que comemoravam suas boas colheitas. Uma festa com a dança quadrilha que foi enraizando e se tornando parte da cultura de um povo e que ultrapassam gerações, tornando-se uma herança europeia.

Uma dança que era encontrada nos bailes europeus, hoje encontra-se nos tablados de todas as regiões brasileiras, foi introduzida no século XIX. Depois de adentrar no estado brasileiro, as quadrilhas apenas foram inovando e criando sua própria identidade cultural/simbólica. Construindo uma nova configuração dos arraiais e da dança quadrilha, que será abordada pelo tópico seguinte.

### **3.1.1 Arraial do ONTEM**

O arraial com seu jeito matuto e bem caipira foi ganhando espaço na cultura popular brasileira. Lembrar dos arraiais de décadas anteriores nos remete a uma lembrança apenas de uma brincadeira em que toda população do bairro se juntava para comemorar as boas colheitas, tendo a presença da fogueira, da dança quadrilha, tudo muito simples sem ornamentação sofisticada.

Vale destacar que as imagens analisadas a seguir são de quadrilhas do nordeste, mais precisamente do Estado do Maranhão, em 1995. No caso, cabe aqui fazer um panorama geral de como eram realizadas as festas e as quadrilhas do ONTEM. Esse olhar é para demonstrar que as quadrilhas, além de ganhar relevância social também se reconstruíram.

A quadrilha era algo engraçado com encenação dos brincantes, realizando um casamento divertido com a fuga do noivo que era ‘forçado’ a casar e, em seguida, a festa, no caso, a dança quadrilha. Vestuário simples, sem tablado e sem ornamentação. As quadrilhas apresentavam algumas características que se perderam ao longo do tempo. É o caso dos pais dos noivos, que vinham seguindo dos noivos e eram brincantes tão importantes quanto os noivos.

As quadrilhas passaram por uma metamorfose, independentemente de serem ou não de Boa Vista/RR. Todos os grupos quadrilheiros e de todas as regiões brasileiras incidiram por uma nova reformulação. As quadrilhas tinham uma proposta bem diferenciada das danças de hoje. A quadrilha registrava a presença dos pais noivos,

sendo essencial no momento de encenar o casamento, pois eles que davam a dinâmicas de um casório engraçado, assim como o policial, padre e os demais brincantes, como ilustra a figura 9.

**Figura 9** – Apresentação do grupo junino em Zé-Doca Maranhão, 1995.



**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra, (2016). Arquivo pessoal.

A partir da imagem, percebe-se que as apresentações não eram dotadas de nenhuma estrutura, como tablado, iluminação e adereços, muitos menos espaço para a organização da quadrilha, como espécie de camarim. A quadrilha apresentava-se em um espaço aberto, tendo contato direto com o chão. A população que prestigiava concentrava-se nas proximidades onde os brincantes apresentavam, sem muita exigência ou algo impedindo de aproximar da quadrilha.

A quadrilha junina prevalecia como características principais, os noivos, os pais dos noivos e o padre, com presença do policial que era levado pelos pais da noiva, como forma de amedrontar o noivo a não fugir de seu compromisso, era um teatro que expressava que acontecia em muitas famílias da roça/interior. Depois das famílias é que vinham os convidados, no caso os brincantes da quadrilha, que tinham uma roupa simples, sem muitos adereços, o espaço não tinha a presença de iluminação ou efeitos que desse destaque ao grupo.

A apresentação era realizada de modo matuto e engraçado, que levava a plateia aos risos pela *performance* do padre, dos noivos e dos pais dos noivos. Um teatro inserido na dança, para depois iniciar a festança com a quadrilha.

As quadrilhas podem ser precedidas por um casamento *matuto* no qual se encena um casamento forçado de um *matuto* que teria engravidado uma *matuta*. O casamento ocorre com a presença de um policial (ou xerife) e do pai da *matuta*, além do padre e das famílias dos noivos e demais convidados. Enquanto encenam a celebração do casamento, através de um texto malicioso que leva a plateia às gargalhadas, o noivo é convencido das vantagens e aceita o matrimônio (sob a mira do revólver do policial), mas sendo recapturado diversas vezes em tentativas desesperadas de fuga durante o casório. A *quadrilha* é precisamente a dança dos noivos com o conjunto dos convidados após a cerimônia religiosa do casamento (CHIANCA, 1999, p. 62).

A descrição de Chianca é a forma de ‘reviver’ as quadrilhas do ONTEM, que fica na memória social. As lembranças é uma forma de guardar e preservar heranças históricas. Por isso, evoluir é uma forma de preservar. As quadrilhas já se caracterizavam como competitivas, mesmo sem premiação, concorrendo o figurino mais elaborado. As quadrilhas apresentavam-se com vestidos de chita<sup>13</sup> com rendas, sem muito luxo ou brilho, com presença de alguns acessórios, sem maquiagem, tudo muito simples, como ilustra a Figura 10. Uma simplicidade que encantava pela pureza de uma dança matuta.

---

<sup>13</sup> Pano de tecido em algodão, em estampas, e cores. Retirado de <http://www.dicionarioinformal.com.br/>, acessado em 02 de fevereiro de 2017 às 12:23. Tecido com um preço acessível, tornando-se inferior a outros tipos de pano.

**Figura 10** – Vestimenta de grupos culturais em Zé-Doca Maranhão 1995 (A e B).



**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra, 2016. Arquivo pessoal.

Duas quadrilhas juninas numa mesma época em que já existia a diferença na vestimenta e, nesse período, não recebiam nenhum incentivo por parte das políticas locais para investir no grupo. Tudo era realizado em conjunto com os brincantes, sendo que cada um ficava responsável por confeccionar sua roupa, o que resultava da união do grupo para costurar as próprias roupas.

### **3.1.2 Arraial do HOJE**

O arraial, nos tempos atuais, concentra-se numa logística que trabalha exclusivamente para adaptar o figurino com o tema da quadrilha, pois, as quadrilhas dançam conforme o tema que os presidentes escolhem. A partir do tema tudo é pensado: cria-se uma música que é um dos itens julgados, posteriormente a roupa, sapato, maquiagem, cabelo, ornamentação e adereços, apresentando mais cores e brilho, como mostra a figura 11.

**Figura 11** - Envolvimento das cores no tablado do Boa Vista Junina.



**Foto:** Prefeitura de Boa Vista, adaptado por Glauciene Dutra Silva, 2016.

O tablado ganha um arco-íris com dinâmica das cores das roupagens, os vestidos já têm um tamanho mais curto que, segundo os brincantes, é para facilitar os movimentos dos passos. Os adereços usados são entregues aos componentes por uma equipe própria, de modo que os brincantes não podem apanhar do chão caso venham a cair. O apoio deve estar devidamente identificado com crachás e é dele a missão de apanhar os objetos do chão para que a quadrilha não venha a ser penalizada.

Os brincantes devem estar com uma caracterização idêntica, nas roupas, calçados, cabelo, maquiagem, acessórios como brincos, pulseiras e luvas e meia calça. Atualmente, tudo deve estar padronizado, pois são itens julgados no figurino.

Os figurinos são desenhados pela diretoria, criando vestidos com uma aparência mais luxuosa. Essa preocupação estava presente nos arraiais da década de 1980 e 1990, quando as rainhas caipiras já buscavam ter um destaque em seu figurino diferente das demais brincantes. Percebe-se na imagem 12 duas rainhas caipiras em diferentes épocas, de 1995 (Maranhão) e de 2015 (Roraima), ou seja, 20 anos e ambas já tinham como características o *glamour*, o realce para as rainhas sempre prevaleceu.

**Figura 12** – Rainhas Caipiras de 1995 do Maranhão (A) e 2015 de Roraima (B).



**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra, 2016. **Imagens:** arquivo pessoal (A) e Prefeitura de Boa Vista, 2015 (B).

Percebe-se a evolução das rainhas em um simples olhar nos vestidos da imagem, no cuidado com cabelo, a maquiagem, acessórios, e até mesmo a faixa que elas levam. Vestidos mais elaborados, preocupados com cada detalhe, muitos dos vestidos apresentados no tablado são pensados de acordo com a moda em que prevalece no contexto social sem perder as características do tema que cada grupo leva ao tablado. Vale lembrar que, hoje, nem todos os grupos dançam com vestidos sofisticados, há grupos com vestimentas mais simples, feitos até mesmos de chita. Essa sofisticação nas roupas vai de acordo com a possibilidade de cada grupo.

Por isso, muitos grupos adotam campanhas com o objetivo de arrecadar fundos para investir no vestuário, contemplando o figurino com as *performances*, sendo o teatro inserido na dança. Além disso, outras características das festas de HOJE estão no espaço onde ocorrem os festejos. Há um espaço pensado e planejado. É o que se refere à reprodução do espaço de acordo com a dinâmica popular.

Outra mudança é o tablado onde as quadrilhas se apresentam, tendo certa distância do chão para melhor visualização por parte do público e, ao seu redor, as arquibancadas e grades que separam o tablado do público para que nada venha a prejudicar a apresentação da quadrilha.

De modo geral, as quadrilhas tornaram-se um movimento cultural, em que as disputas, no caso o concurso das quadrilhas fez com que os grupos levassem grandes espetáculos ao tablado, de modo que o público possa vibrar e torcer por sua quadrilha favorita, criando assim torcidas organizadas, uma espécie de fã. Percebe-se o envolvimento da torcida nas redes sociais (*facebook e instagram*) e por meio das declarações sobre suas quadrilhas. São os meios de comunicação que fortalecem a divulgação e também surgem como uma forma de conquistar admiradores pelo trabalho realizado pelos quadrilheiros.

Dessa maneira, o trabalho das quadrilhas pode ser acompanhado pela população, através das postagens que revelam o que há por trás de uma apresentação de 30 minutos na arena junina. Um trabalho de esforço de equipe e de companheirismo, uma paixão por uma dança popular, que se torna um símbolo para a região. São seis meses nos quais todos se dedicam por dois objetivos: o amor pela quadrilha e conquistar o título do arraial, resultando em torcidas que prestigiam as quadrilhas pelo trabalho apresentado por eles.

No discurso do Rei Matuto da quadrilha (2015), Explosão Caipira, observa-se a importância que das torcidas no dia da apresentação:

O que seria da quadrilha sem essa energia do público presente, minha gente? Já temos muita animação nos ensaios só pensando em chegar o dia da apresentação para ver a arquibancada cheia prestigiando a nossa quadrilha. Hoje ter essa torcida, faz com a gente possa se dedicar mais e mais, porque nessa noite tem gente de todos os cantos de Roraima. As torcidas têm grande peso no nosso trabalho, dançamos e para eles para mostrar o tamanho dessa dedicação, por isso está sendo reconhecido cada vez mais, o que é bom é valorizado. O que quero dizer que danço desde os seis anos. E cresci com as críticas que dançar quadrilha era coisa de desocupado. E dançar quadrilha é para quem é quadrilheiro de coração (Entrevista coletada no Boa Vista Junina 2015, com o vencedor do concurso Rei Matuto).

Vale destacar, o peso das torcidas. Essas geram grande expectativa e animação para os brincantes das quadrilhas, contagiando-os com cada grito do público, servindo como uma ‘dose’ de ânimo para aumentar o pisado forte no tablado, tanto da ‘macharada’, quanto da ‘mulherada’ (termos que utilizam para se referir aos homens e às mulheres das quadrilhas), no grito de ‘anarriê’, ‘sou quadrilheiro’, ‘réi’. Uma inovação apresentada pelas quadrilhas é *performances* nos gritos, o som que eles produzem de acordo com a música tocada.

Os brincantes cantam, gritam e produzem uma espécie de cacoete<sup>14</sup> para animar ainda mais a torcida (FIG. 13). Isso é inovação, a torcida reconhece e responde através dos aplausos, assim eles cantam junto com a quadrilha. A música quadrilheira já está familiarizada ao contexto social.

**Figura 13** – Torcida das quadrilhas (A, B e C).



**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra, 2016.

As torcidas é uma das conquistas do processo de renovação dessas quadrilhas, por apresentarem um trabalho produzido com bastante dedicação. Ter torcida é um reconhecimento social, o que antes a população parava alguns minutos para dar aquela ‘olhadinha’ rápida, hoje há uma manifestação porque aguardam ansiosamente por sua quadrilha. Nas frases ditas pela população nas noites de arraiais, como: “a noite é da minha quadrilha do coração”, “hoje estou aqui justamente por ela”, “fico até o final para ver minha quadrilha que escolhi para torcer”, “estou acompanhando há seis anos e todo ano venho prestigiar”. Essas e outras expressões revelam o envolvimento da sociedade com a festa e, principalmente, com a quadrilha.

<sup>14</sup> Cacoete é um movimento corporal involuntário muscular do rosto ou do corpo. Sendo um hábito, de manias no comportamento, uma espécie de um jeito próprio de cantar, dançar, falar, andar ou se de comportar de modo geral. Retirado no dia 05 de outubro de 2016, do Dicionário online de português, <https://www.dicio.com.br>, às 18:23.

O carinho pela quadrilha é o mesmo que se tem uma escola de samba, pelo time de futebol, ou por um grupo de boi-bumbá. De certa forma, os meios de comunicação aproximam a torcida dos grupos, o que resulta em uma forte caracterização de cultura de massa.

A teoria da cultura de massa ou cultura da audiência de massa é conhecida, pelo o elitismo que defende a prioridade da cultura de massa, com base na pura quantidade de pessoas a ela expostas como um passatempo típico do status de um reduzido grupo de intelectuais<sup>15</sup>. Uma cultura só é defendida pela maioria quando é construído um valor em cima daquilo que é realizado, criando assim uma simbologia com os envolvidos.

Portanto, o que se apresenta nas quadrilhas nos dias de hoje é uma herança das *performances* do ONTEM. Essa produção cultural é uma forma de compartilhar um patrimônio cultural herdado pela nossa história social. Ou seja, compreender o presente é necessário entender como se construiu o histórico passado. Assim, o tópico seguinte reconstrói a festa em Boa Vista/RR.

### **3.1.3 Reconstrução da festa junina em Boa Vista/RR**

Falar de cultura de massa, heranças culturais e de quadrilhas requer apontar a influência do meio de comunicação que se faz presente como uma forma de inovar para conservar, por isso vale frisar como esse processo iniciou-se em Roraima. Durante o evento, a prefeitura abre um espaço para exposições de fotos da festa nos anos de 1910 a 1940, quando se iniciaram as primeiras manifestações pelas igrejas católicas em Boa Vista. Assim como há espaço para o registro das festas antigas, também há espaço para fotos de festas mais recentes. O arraial abre espaço para população de enriquecer da cultura local, mostrando essa metamorfose do arraial, sendo a mundialização responsável por essa mudança.

Essa mundialização nada mais é que decorrência da modernidade, onde a sociedade transforma sua maneira de reproduzir seus espaços. E a evolução das quadrilhas juninas é para despertar interesse em manter ‘viva’ a dança, uma vez que a preocupação está em não perder essa cultura por conta das técnicas informacionais nos dias de hoje.

---

<sup>15</sup> JAMESON, F. Reificação e utopia na cultura de massa. Tradução: João Roberto Martins Filho Revisão Técnica: Maria Elisa Cevalco.

Discorrer sobre a festa em Boa Vista incumbe uma reconstrução da mesma. Deste modo, com base no Inventário do Patrimônio Cultural de Boa Vista (IPCBV), elaborado pela FETEC em 2011, inicia aqui um resgate desse regozijo que se tornou símbolo cultural no mês de junho e o mais importante movimento cultural do estado sendo atualmente o maior da região amazônica. Segundo a FETEC (2011), a festa junina em Roraima teve seu início na década de 1930:

A partir da década de 1930 já apareciam em Boa Vista as primeiras manifestações folclóricas juninas. As festas eram organizadas pelas paróquias em conjunto com a comunidade, que participavam ativamente. Os festejos de São Sebastião aconteciam em frente à Praça Capitão Clovis e a igreja que leva o nome do Santo, durante uma semana. O ponto máximo da festa era no dia 20 de janeiro. Outra festa tradicional era o arraial de Nossa Senhora do Carmo, comemorado em frente à Igreja Matriz e com duração de uma semana com término no dia 8 de dezembro. Nos anos de 1936, os senhores Gervásio e Raimundo Otávio percorriam as ruas da cidade com dois bois, que eram grandes rivais (INVENTARIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE BOA VISTA, P. 25, 2011).

O Inventário afirma que as festas juninas foram resultadas das manifestações dos grupos folclóricos de boi-bumbá, que se deu pela influência maranhense na região, tendo forte influência para o povoamento do estado. Pode-se dizer que a partir da dança dos “bois” é que surgiram as primeiras manifestações juninas, sendo que Mário Abdala é quem inicia a organização e também como animador das primeiras quadrilhas no final da década de 1950. O local de apresentações era um bar que na época era tradicional, porém já extinto que se localizava no centro da cidade, Bar das Mangueiras, conforme o IPCBV (2011).

Assim, as quadrilhas tinham como brincantes os moradores da própria rua onde acontecia a festa. Posteriormente, as quadrilhas foram inseridas nas escolas, ou seja, as escolas tradicionais das redes estaduais deram sequência a esse movimento, de acordo com IPCBV (2011). Idalmir Cavalcante é que estende essa dança para as escolas como: Lobo D’Almada, Penha Brasil, São José, Oswaldo cruz, entres outras.

Por alguns anos as quadrilhas eram criadas dentro das quadras das escolas pelos próprios alunos. Assim:

Em 1984, foi Idalmir quem organizou o primeiro festival folclórico reunindo quadrilhas de vários bairros da cidade, algumas delas já extintas, como a Pré- Unidos, a Ferrolhão, a Garrafão, entre outras. A partir de então começam a surgir várias quadrilhas e grupos folclóricos que se mantêm até hoje, como é o caso da Xamego Caipira, Zé Monteião, Garranxê, Xamêgo na Roça, entre tantas outras (IPCBV, 2011).

Algumas quadrilhas deixam de existir, visto que os alunos formavam-se e não tinham mais vínculo com as escolas. Novas quadrilhas foram surgindo e passaram a ter brincantes da comunidade em geral. Isso fez com que as quadrilhas se fixassem como um grupo quadrilheiro que permanece até hoje.

Assim, as festas juninas passam ser fixas no calendário de comemorações no Estado de Roraima. E, em 1991, surge a primeira festa organizada pelo governo do estado, tendo o nome de ‘Arraial do Anauá’, nome que prevalece até os dias de hoje, porém, atualmente o arraial do governo leva subtemas para festas de São João: como “Arraial das três nações”; “Filho do Norte, neto de nordestino” (tema de 2016) entre outros. Conforme o IPCBV (2011), em 1992 o SESC organiza o arraial do comerciário, e, no ano seguinte, a Prefeitura de Boa Vista, inicia com as festas municipais.

A prefeitura de Boa Vista iniciou seu festejo na Praça Capitão Clovis, sendo conhecido apenas como “arraial da prefeitura”. Conforme a população foi crescendo, o espaço urbano da praça tornou-se pequeno para suportar a comunidade que ia prestigiar. Mesmo ainda não sendo reconhecido como um movimento cultural de grande significância para o município naquela época, a festa junina já se caracterizava com a presença de concurso de quadrilhas, comidas típicas e apresentações de shows artísticos.

Com a passagem da festa para a Praça Centro Cívico, em 2000, o arraial já ganha o nome de “Boa Vista Junina”, com um evento mais ‘sofisticado’, resultando na criação de novas quadrilhas, devido à importância que a festa ganhava. Passando de uma simples festa de São João para um relevante movimento cultural que mobiliza toda a população, tendo transmissões ao vivo das noites de São João para as casas das famílias roraimenses por meio da televisão.

Com uma nova configuração do arraial, as quadrilhas juninas atualmente são representadas por 24 grupos que se apresentam na arena junina, sendo 12 do grupo de acesso e 12 do grupo especial. Do tablado a arena junina, esse novo termo levou e leva em cima mais de 50 apresentações no total, entre eles quadrilhas Manaus, grupos de “boi” e cirandas, conforme a revista Anarriê (2016).

A tabela 1 mostra as quadrilhas do grupo de acesso de 2016, no qual as setas indicam as duas quadrilhas que subiram para o grupo especial, ou seja, no arraial de 2017, as Quadrilhas Escola Forrozão e Filhos de Macunaíma vão disputar no grupo especial.

**Tabela 1** – Quadrilhas do grupo de acesso.

Nº	Grupo Acesso	Presidente	Fundação	Casais
01	Agitação Caipira	Adriano Soares Pontos	03/07/2010	21
02	Atração Caipira	Shirleane da Silva Homero	05/04/2003	21
03	Coração do Sertão	Francisco Luiz	02/04/2004	21
04	Escola Forrozão ↑	Edithe Vieira de Moura	2006	20
05	Estrela Junina	Rodcléa Souza	06/09/2003	17
06	Filhos de Macunaíma ↑	Ricardo de Souza Marcelino	10/01/2012	21
07	Forrozão Caipira	Odilson Souza da Silva	10/05/1994	20
08	Macedão	Francisco Pereira de Souza	18/03/2003	21
09	Perdidos na Roça	Francisco Hélio Silva	15/04/1997	21
10	Paixão do Sertão	Vanuzia de Souza	04/1996	21
11	São Vicente	Simão Pedro	28/04/2016	25
12	Sucesso Caipira	Frankmar Souza de Oliveira	27/07/2005	20

**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra, 2016.

As quadrilhas com as setas são grupos que dançaram no BVJ de 2016 no grupo de acesso, mas que levaram o título das duas melhores quadrilhas. Vale ressaltar que as quadrilhas do grupo de acesso devem ter, no mínimo, 16 casais, perdendo dois pontos por não atingir o número mínimo. A tabela de número dois é representada pelos grupos especiais e as setas indicam as duas quadrilhas que caíram para o grupo de acesso de 2017, sendo as Quadrilhas Arrasta pé e Explosão Junina.

**Tabela 2** – Quadrilhas do grupo especial.

Nº	Grupo Especial	Presidente	Fundação	Casais
01	Amor Caipira	Hildrefrance Daniel Mangabeira	20/02/2005	40
02	Arrasta Pé ↓	Hélio Nascimento	08/01/2008	25
03	Coração Caipira	Halisson Herickson de M. Pinto	04/11/2004	37
04	Eita Junino	Elyzarda Byanca Figueira	01/04/1998	54
05	Explosão Caipira	Joelcimar Rodrigues	01/12/2000	41

06	Explosão Junina ↓	André Silva	10/01/1999	25
07	Garranxê	Vavá Ferreira	28/05/1988	25
08	Conzagão Caipira	Francisco Pereira de Souza	18/03/2003	28
09	Perdidos na Roça	Kayra Ingrid e Taylan S. Melo	20/11/2000	25
10	Sinhá Benta	Noelson Pereira	10/04/2013	28
11	Xamego na Roça	Sabá Moura	10/04/1992	31
12	Zé Monteiro	Raricilene Barroso dos Ramos	27/04/1989	41

**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra, 2016.

Nas quadrilhas especiais a dinâmica é a mesma, porém, os grupos devem levar, no mínimo, 20 casais ao tablado, caso contrário a quadrilha perde dois pontos por cada casal que não contemplar o número mínimo exigido no regulamento. Exemplo, se um grupo especial levar apenas 18 casais ao tablado, o grupo será penalizado com menos quatro pontos em sua soma total.

Assim, descem para o grupo de acesso as duas quadrilhas que, pelos critérios dos jurados, tiveram alguma falha em sua apresentação, ou que não seguiram criteriosamente ao regulamento de pontuação, o que leva o rebaixamento das quadrilhas. O modelo segue os critérios das escolas de samba do Rio de Janeiro, o que motivou a inovação das quadrilhas, sendo hoje um movimento cultural sofisticado, que a sociedade passa a valorizar cada vez mais esses movimentos como ‘patrimônio imaterial cultural’<sup>16</sup>.

Além, das quadrilhas locais, o BVJ de 2016, apresentou outros grupos culturais, tendo participação de quadrilhas de Manaus e de outras localidades de Roraima, como mostra a Tabela 3.

**Tabela 3** – Apresentações no Boa Vista Junina.

Grupo cultural	Localidade
Arara Verde	Boa Vista/RR. Fundada em 01 de Maio de 2010 com intuito de promover aos jovens uma atividade lúdica, com a dança de ‘Boi’.
Ciranda do Thianguá	Boa Vista/RR. Fundada em 2001, sendo uma dança de

<sup>16</sup> Patrimônio imaterial cultural, ainda é um conceito desconhecido por uma minoria da população entrevistada, mas quando explicada, estes já adotavam como sendo, mesmo não entendendo o conceito.

	roda marcado por uma sintonia de passos, com destaques para casais temas.
<b>Cangaceiros do Thianguá</b>	Boa Vista/RR. Regaste da cultura nordestina, fundada em 1993, sendo o primeiro grupo de cangaço em Roraima.
<b>Quadrilha Pega Fogo</b>	Boa vista/RR. Uma quadrilha ousada, os homens se vestem de mulheres e as mulheres de homens, levando ao público um momento de descontração e risadas.
<b>Grupo Folclórico Gavião Caracará</b>	Caracará/RR. Criada em 2006, grupo que se apresenta no tradicional Festival Folclórico de Caracará.
<b>Gavião da Roça</b>	Manaus/AM. Quadrilha criada em 1985 para entreter os jovens do bairro da Redenção, tendo 40 casais.
<b>Festa na Roça</b>	Manaus/AM. Surgiu em 1996, no bairro São Jorge. Para resgatar a cultura junina em sua localidade, tendo 24 casais.
<b>Mosqueteiros da Roça</b>	Manaus/AM. Criada Também do Bairro da Redenção em 2001, contando com 22 casais.

**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra (2016), com base nas informações da revista Anarriê (2016).

Além dessas apresentações, o tablado conta com apresentação da quadrilha do projeto Cabelo de Prata, um projeto da prefeitura com pessoas da terceira idade que estimula as práticas de exercício físico.

Todas as apresentações são prestigiadas pelo público. Desse modo, esse movimento que antes era identificado através de interpretações matutas, hoje se tornou um movimento sofisticado que ganha mais relevância por apresentar algo encantador.

A festa junina até a década de 1990 tinha como características algumas brincadeiras, que não estão mais presentes nos dias de hoje, como por exemplo, o pau de sebo, que é uma brincadeira típica das festas juninas. Porém, outras características juninas tradicionais ainda estão presentes, só que com aquele toque de sofisticação, cor e o brilho que está desde a ornamentação do espaço ao vestuário das quadrilhas.

Outro destaque para festa junina é o fluxo de pessoas prestigiando, uma festa que sempre teve público, e de todas as idades, que se encantam pela presença das novas ferramentas culturais.

Os arraiais são ornamentados conforme a temática em alta, como por exemplo, caracterização do Boa Vista Junina de 2016 foi organizada voltada para olimpíadas,

sendo realizado na mesma data da passagem da tocha olímpica, no qual a Pira Olímpica foi acesa no estado de Roraima na primeira noite do arraial da prefeitura.

O arraial segue com a dinâmica dos concursos das quadrilhas desde 1991, porém, atualmente com mais rigor, o que chama atenção dessa dança nos dias atuais é a *performance* que vem sendo apresentada. Observa-se que as quadrilhas trazem em suas apresentações alegorias que enfeitam todo tablado, deixando a dança bem mais atraente para público.

O ano de 2016 foi uma inovação em relação à presença de artista nacional, o que configura como a globalização cultural, ou seja, a interferência de meios mais modernos na cultura. Visando à dinâmica cultural que cada vez mais se aproxima da dinâmica carnavalesca, com presenças de artistas nacionais em suas apresentações. Resultado do processo de periodização que o arraial de Boa Vista passou. Ou seja, é a modificação dos 15 anos de festa. Sendo que, tanto os organizadores quanto as quadrilhas buscam se atualizar.

Os grupos buscam a perfeição em seus passos, no rodado da saia, nas alegorias e acessórios usados pelos brincantes, e é claro em manter o sorriso e as interpretações com letras das músicas do começo ao fim da dança. Essa dinâmica da festa junina tornou-se uma teia de relações, que passa pelas brincadeiras, diversão a trocas de experiências, mercado e propagandas da imagem do estado.

### 3.2 DINÂMICA DAS FESTAS JUNINAS EM BOA VISTA/RR. DO ÓCIO ÀS RELAÇÕES COMERCIAIS

A dinâmica das festas juninas no Estado de Roraima teve início a partir do momento que os arraiais saem das ruas de bairros e passam a ter um espaço próprio para sua realização. O que antes ocorria na Avenida Ene Garcez no mandato do prefeito Ottomar de Souza Pinto, em 1999, teve seu local mudado, no segundo mandato da prefeita Tereza Jucá, (atualmente com sobrenome Surita), transferido para a Praça Centro Cívico Joaquim Nabuco. Iniciando, então, o arraial da prefeitura, tendo o primeiro ano já com nome de Boa Vista Junina, em 2001. Antes o arraial era realizado na Praça Capitão Clovis, como arraial da prefeitura, dependendo de quem estava no poder colocava o festejo no local de acordo com sua organização.

Só então a Praça Centro Cívico torna-se o local demarcado para realização dos arraiais, permanecendo por 14 anos e com o mesmo nome. Até o momento que houve a necessidade de criar um novo espaço urbano, que pudesse suportar a população que ia prestigiar o evento. A Praça Centro Cívico tornou-se pequena com a dimensão que a festa ganhou, ou seja, os espaços urbanos são reproduzidos por conta dos movimentos culturais.

De princípio, quando houve a necessidade transferir a festa junina para outro espaço, houve uma pesquisa realizada pela FETEC com a população, onde muitos não queriam a mudança de local, por representar uma memória afetiva do Boa Vista Junina com a Praça Centro Cívico, ou seja, o espaço se territorializou como a imagem do Boa Vista Junina.

Porém, em 2016, quando houve a mudança para Praça Fabio Paracat, a população aprovou o novo espaço, o local está inserido entre o Complexo Ayrton Senna e a Praça das Águas, sendo mais amplo, estruturado e organizado, com áreas livres para brincadeiras infantis, com bancos. Assim, o espanto foi satisfação, por ter um novo espaço que conseguiu substituir o antigo sem perder a originalidade da festa.

A originalidade também está presente dentro das quadrilhas. O espaço e as quadrilhas se modificaram, assim como a organização. Em 2001 o arraial já apresentava os concursos das quadrilhas, porém, estes tinham sua apuração feita dentro da FETEC, com a presença dos presidentes das quadrilhas, mas surgiu a necessidade de mudar essa avaliação.

A forma de avaliar as quadrilhas inicia uma mudança com Chiquinho Santos quando ele passa a fazer parte da equipe da FETEC, como já organizava os desfiles das escolas de samba de Boa Vista, passou a organizar os concursos das quadrilhas, seguindo um modelo dos desfiles das escolas de sambas, tendo caderno de orientações, critérios a serem avaliados, com regulamento bem estruturado.

O resultado dessa nova forma de avaliar foi satisfatório, e Chiquinho Santos foi convidado a organizar o Boa Vista Junina dos demais anos. Ele criou o manual de orientação para o julgador, tendo todo o regulamento para avaliação de 10 quesitos a serem analisados, sendo alguns já alterados como, por exemplo, a entrada da quadrilha que era um quesito avaliado, hoje não é um item julgado, porém, a entrada da quadrilha permanece.

Antes o julgamento das quadrilhas do Boa Vista Junina era como em muitos estados, eram convidados os ‘cinturões da sociedade’<sup>17</sup>, uma maneira de julgar as quadrilhas voltada por critérios políticos de maneira negativa. A FETEC reconheceu esse erro, pelo simples fato de serem pessoas que não tinham domínio dos critérios avaliados, havendo prejuízos nos

---

<sup>17</sup> São as sociedades de elite, no qual se chamavam esposas de vereadores, de prefeitos, pessoas das colunas sociais e dos meios de comunicação, secretarias para avaliar as quadrilhas. Uma forma de agrado político.

julgamientos das quadrilhas. Surgiu, então, a ideia de escolher pessoas com capacitação técnica dentro dos quesitos a serem julgados. Não havia a necessidade de entender de quadrilha junina (não há pessoas formadas em quadrilha junina), porém, apenas pessoas dentro do campo avaliado, como julgar a música, por exemplo: um maestro; coreografia: uma bailarina.

No entanto, mesmo com essa mudança, os julgadores só tinham contato com itens avaliados somente na hora da apresentação, mesmo tendo um roteiro das quadrilhas do que ia ser apresentado, isso não foi suficiente. Pois muitos se atentavam em ler o roteiro da quadrilha e não acompanhavam a apresentação, o que fez surgir a necessidade de criar o congresso técnico, que se realiza em duas etapas: primeiro os julgadores fazem uma dissecação em cima dos critérios avaliados, como cada quesito deve ser julgado, inclusive com os representantes das quadrilhas. É obrigatória a presença de todas as quadrilhas.

O segundo momento do congresso é para que as quadrilhas juninas apresentem, em dez minutos, o que vão levar ao tablado (figurino, enredo, música, tema etc.). Assim, quando eles forem julgar devem analisar de acordo com que está no resumo apresentado pelas quadrilhas, na revista Anarriê que traz informações dos grupos, no caderno de julgamento e com que lhe foi apresentado no congresso técnico, e analisando o resultado 'final' que dança em cima do tablado, já sabendo como cada quadrilha irá vir.

Dessa maneira, evita-se que os julgadores tenham contato com as quadrilhas apenas no dia da apresentação, o que dificultaria avaliação. O congresso técnico é uma forma de qualificar os julgadores e até mesmo as quadrilhas, nas novas formas de serem avaliadas.

Os novos critérios de avaliação tiveram alguns quesitos retirados, como os passos tradicionais, estes são obrigatórios nas quadrilhas, porém, não é quesito de apuração, assim como a música tema. O que substituiu a música como quesito avaliativo é o repertório. Muitas quadrilhas mantêm seu foco em grupos do Nordeste, visto que o estado de Roraima teve várias influências no seu processo de povoamento, resultando na criação de óperas juninas com temas que cada grupo apresenta, proporcionando a transversalidade (FIG. 14), ou seja, a cultura passando por outros tipos de manifestações.

**Figura 14** – Transversalidade da cultura nas quadrilhas.



**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra, 2016.

A figura supracitada representa, a forma como a cultura consegue abranger outras temáticas, isso é evolução das quadrilhas para se fazerem presente na sociedade. O que inicia apenas como um entretenimento, diversão por partes dos brincantes acaba adquirindo novos valores sociais. Muitas quadrilhas levam para o tablado um trabalho realizado em cima da educação e do conhecimento dos brincantes.

Os brincantes encontram nas quadrilhas uma aprendizagem, quando aprendem contando a história de Luís Gonzaga que faz parte da música brasileira (entre outros), história de Roraima, temas que os brincantes passam a ter conhecimento de algo que talvez era desconhecido, como o povoamento e exploração em Tepequém<sup>18</sup>, isso é educação com conhecimento que as quadrilhas apresentam tanto para os brincantes quanto para população. Abordando temas gerais, sejam eles de histórias locais ou nacionais, até mesmo internacionais que fazem parte da nossa cultura, como o cinema.

São temas sociais sendo abordados dentro da cultura de maneira mais ousada, com inovação, uma ousadia de maneira educativa, o que gera nos brincantes novos hábitos de respeito com seu colega. Quando estes grupos trabalham o combate à homofobia, a exploração e a proteção sexual, é transversalidade cultural levando aos cuidados com a saúde (proteção e sexo seguro), assim como trabalho infantil e escravo, violência contra mulher. O respeito pela

<sup>18</sup> Localizada no município de Amajari, a 210 km de Boa Vista, a Serra do Tepequém é um acidente geográfico, no qual se tornou ponto turístico por conta de suas paisagens naturais com cachoeiras e o clima agradável devido às serras, tendo vista belíssima do platô, ponto mais alto da serra, está a 1.022 m de altitude. Tepequém foi uma região bastante explorada devido suas riquezas em minérios na época do povoamento o estado de Roraima, por conta disso que algumas paisagens foram se modificando devido ao início da urbanização. SILVA, R. F; OLIVEIRA, R. da. S. (Org.) **Roraima 20 anos:** as geografias de um novo estado. Boa Vista: Editora da UFRR. 2008.

dança faz brincantes sem discriminação, ao dançar com homossexual e manter um contato de carinho e satisfação com seu parceiro de dança. Temas que as quadrilhas levam para os tablados com a forma de sensibilização em todos os sentidos, isso é evoluir para preservar.

Um olhar crítico sobre a inovação é quando dizem que isso não é mais quadrilha junina. Isso é quadrilha junina, só que abrangendo novas temáticas sem perder suas marcas tradicionais. A sociedade não é mais a mesma de 50 anos antes, pois isso tudo que promovido pela sociedade está sujeito a transformações, pois, terão sempre novas formas de posicionar e representar.

No entanto se as quadrilhas não evoluíssem, elas não estariam mais presentes nos dias de hoje. Imagina se todos os anos as quadrilhas trouxessem as mesmas apresentações, com estilo matuto, as mesmas roupagens (vestidos de chitas, calças com retalhos e camisa xadrez) e com os mesmos passos tradicionais, que se caracterizam como: cumprimentos das damas e cavalheiros, o grande passeio, túnel, caminho da roça, o cuidado com a cobra, a chuva, caracol. A grande roda, coroas das damas e cavalheiros, e a despedida. Passos esses que eram dançadas em escolas, (são poucos aqueles que nunca dançaram quadrilha em escola).

A partir disso, vem a pergunta “qual jovem se interessaria em dançar ou permanecer em um grupo no qual conservar-se sem expectativa de inovação?” Quando ela inova e traz o *glamour*, o brilho, a roupa bonita, dança com coreografia, vira uma satisfação em dançar. Satisfação essa que resultou em blocos de carnaval dos quadrilheiros, cada quadrilha confecciona suas camisetas de acordo com em seus blocos.

Assim, os jovens interessam-se por essa dança justamente por ser aberta a mudanças, ganhando um toque moderno, despertando o interesse dos jovens em fazer parte de algo que a população admira, por apresentarem além de uma dança, um espetáculo em cima do tablado.

O espetáculo está nas quadrilhas quando inserem em seus passos coreografias com um *mix* de um *funk*, *rock*, roraimeira (música regional) sertanejo, calypso, ritmos diferentes que dão um toque de novidade, que gera no público aquele suspiro “nossa ficou muito criativo”, isso é o reconhecimento social. Ou seja, evoluir com suas *performances* sem deixa de ser quadrilha junina, o que pode ser chamado de movimento cultural sofisticado.

Por ser um movimento que cada vez mais vem sendo sofisticado, resultou no maior arraial da Amazônia com grandes quadrilhas reconhecidas nacionalmente, tendo incentivos das confederações de quadrilhas. Roraima tem filiação com as duas entidades brasileiras. Sendo elas CONFEBRAQ (Confederação Brasileira de Quadrilhas) e a CONAQJ (Confederação Nacional de Quadrilhas Juninas e Grupos Folclóricos). Com o passar do tempo, as quadrilhas do Estado de Roraima começaram a se profissionalizar, criando a AQUAJUR (Associação das

Quadrilhas Juninas de Roraima). Mais tarde, numa dissidência, surgiu também a FERQUARJ (Federação das Quadrilhas Juninas).

Em Roraima a afiliada na CONFREBRAQ é a CEQUAJ (Confederação Nacional de Quadrilhas Juninas). Em um dos encontros anual da CONFREBRAQ foi mostrado o material junino de Boa Vista/RR, o único estado a produzir uma revista específica da festa e das quadrilhas e o CD com as músicas juninas, produzidas pelas quadrilhas. Vale destacar que Campina Grande (município brasileiro localizado no Estado de Paraíba que se apresenta como maior arraial do Brasil) não apresenta essa produção artística no âmbito junino.

No ano de 2015, segundo a FETEC<sup>19</sup>, no concurso nacional em Brasília, de 10 quadrilhas nacionais oito das dez, usaram pelo menos uma música de Roraima, uma utilizou toda a músicas de Roraima em sua quadrilha, e a décima era de Roraima, inclusive foi a campeã nacional, nesse ano. O que já inicia uma teia das relações comerciais em cima da cultura junina de Boa Vista. Nos concursos individuais nacionais a rainha da diversidade foi roraimense, a segunda princesa nacional também foi de Roraima (segunda princesa por ganhar em 3º lugar no concurso de rainha caipira). Roraima também teve o maior animador do Brasil. Todo esse reconhecimento faz a cultura junina ter um significado local para os grupos e para o social.

Com essas premiações, ganhou destaque regional e hoje é o maior arraial da região norte, por ter uma festa que concentra mais de 200 mil visitantes, tendo 25 mil pessoas em uma única noite, maior público regional. Outro destaque por ser maior, está nas músicas produzidas pelas quadrilhas, que são divulgadas antes mesmo de serem apresentadas pelas quadrilhas em seus respectivos anos. As músicas já são solicitadas por outros estados (muitas delas pedidos do Nordeste, que teoricamente é a região que produz o maior festejo junino).

A produção musical das quadrilhas de Roraima ganhou destaque nacional, sendo reconhecida como tablado sagrado das quadrilhas da região norte pelos os amazonenses, (as quadrilhas de Manaus), que procuram participar da festa e apresentar em cima do tablado junino do BVJ.

Isso fez com que as quadrilhas de Roraima conquistassem respeito e a produção que já teve destaque nacional, quando quadrilhas roraimenses ganham concurso brasileiro de quadrilhas. Isso se deu pelas novas formas de se apresentarem, preservando a cultura junina. Caso permanecessem como as quadrilhas das décadas de 1970 e 1980, já teriam perdido seu significado dentro do meio social e, principalmente, por quem brinca, “assim, como um dia

---

<sup>19</sup> Entrevista realizado no dia 18/04/2015, às 10:12 com Chiquinho Santos no departamento de Cultura na FETEC.

andamos de cavalos hoje andamos de aviões, e não deixa de ser um transporte para se locomover” (CHIQUINHO SANTOS, 2016).

Tudo evolui e, principalmente, a cultura, pois a ‘cultura é viva’ está em transformação, conforme ao ambiente em que se encontram e com as pessoas que estão inseridos. A dinâmica social resulta na transformação cultural. Transformação esta em que o vestido de chita e calça rasgada ganharam uma nova abordagem em cima do tablado. No entanto, para caracterização pessoal de uma festinha de escola e de aniversários temáticos essa vestimenta ainda é a principal. As roupagens só foram inovadas para as quadrilhas que, de certa forma, apenas voltaram a refazer o início dessa dança, que era dançada nos salões nobres, com vestidos de luxo, ou seja, a origem quadrilhas remete a esses bailes, com vestidos *glamorosos*.

As pessoas se lembram da memória efetiva, do que era dançado nas escolas, sem saber das origens da quadrilha junina. A origem foi marcada por vestimentas luxuosas, e é justamente o que os grupos juninos vêm apresentando e assim destacando-se nos campos sociais, culturais, econômicos e políticos. Fazendo com que o poder político mantenha as festas juninas todos os anos, o que resulta em um mercado junino em Boa Vista.

Esse comércio criado pelo arraial tem como propósito preservar a cultura junina local, por isso houve a necessidade de criar a Revista Anarriê pela prefeitura de Boa Vista/RR. Outro interesse da revista além de preservar e valorizar as quadrilhas está em divulgar os grupos juninos e o arraial roraimense a revista é uma maneira de criar a “fofoca como Chiquinho Santos (membro da organização do BVJ), refere-se as divulgações do evento, a partir da revista e do CD das músicas dos grupos juninos, a famosa expressão ‘está na boca do povo’ de forma positiva, ou seja, está agradando à população. O que fez destes grupos terem o respeito e admiração pelos seus trabalhos, tanto que ganharam um dia no calendário anual, 27 de junho como dia Nacional do Quadrilheiro Junino.

Foi reconhecido pelo legislativo, por ser uma cultura muito forte em Boa Vista/RR como em todo o Brasil. Destaca-se uma indagação de Chiquinho Santos (FETEC), quando diz que “[...] o Brasil seria o país do carnaval ou das festas juninas? Quantos estados não têm desfiles de escolas de sambas e quantos têm a festa junina (em todas as regiões brasileiras há festa junina, mesmo sendo apenas nas escolas)”.

O Brasil apresenta características juninas em toda sua extensão territorial, sendo que na região Sul não predomina tanto o festejo junino, sendo proporcionado apenas pelos bairros e escolas, ao contrário da região Sudeste que apresenta uma lista de programação de festas juninas por clubes, associações, bairros, chegando, inclusive, a durar até 3 dias (conforme nos sites das secretarias municipais de cada estado).

Já região Centro-Oeste há destaque, uma vez que ainda carrega em seus arraiais critérios das origens das festas das boas colheitas, porém, com a presença de concursos de quadrilhas. É claro que no Norte e Nordeste as festas já apresentam uma característica mais identitária cultural, por isso, as festas ganham mais destaque por parte dos poderes políticos, mantendo o arraial com maior dimensão (FIG.15). Assim, apenas na Região Sul a festa junina não é organizada pelos poderes públicos, tendo outras manifestações que duram mais de uma semana, como é o caso das manifestações gaúchas, que fazem parte da cultura sulista. Informações estas que foram obtidas através de pesquisas bibliográficas em sites estaduais, porém vale destacar que é descrito de maneira superficial as formas como as festas juninas acontecem nessas regiões, apenas para frisar que a festa ocorrem em todo o território brasileiro.

**Figura 15** – Brasil: país do arraial.



**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra, 2016. **Imagem:** Google/imagem.

País do arraial, por ter um “DNA” rural, festa interiorana, com base na formação católica e estilo caipira, em que todas as famílias prestigiam a festa, por conta de uma questão social que o país introduziu na cultura, devido às produções agrícolas e com vínculo da igreja católica, através dos santos como forma de agradecer as boas colheitas.

A boa colheita é uma característica das festas juninas de Minas Gerais, quando essa região ainda prioriza uma festança que celebra as boas produções agrícolas. Isso, foi constatado nas entrevistas informais com pessoas que visitaram as noites do Boa Vista Junina. Em uma delas, um mineiro,<sup>20</sup> que mora no Estado de Roraima há 4 anos, percebe uma mesma festa, porém com características distintas das festas dos mineiros, “em Minas, a gente não vê esse movimento todo, por exemplo, lá temos quadrilhas, mas a festa não é para eles, e sim para celebrar as boas colheitas, as quadrilhas fazem parte da ornamentação, digamos assim”. A mudança da festa junina de uma região para outra é explicada na forma como cada estado apresenta suas produções agrícolas, e em como essas produções são significativas para cada território.

Dessa forma, as regiões brasileiras adotam o arraial como festa popular, contudo, essas festas vão se transformando com os anos, ficando para algumas regiões a festa da boa colheita, devido as suas produções agrícolas, como é caso de Minas Gerais, porém, outros estados também promovem o arraial, assim, como a capital brasileira. Brasília vem promovendo o maior arraial do cerrado (e não é para comemorar as boas colheitas), da Região Centro-Oeste.

Já nas Regiões Norte e Nordeste são as que mais apresentam manifestações do arraial em todos seus estados. Como o a Região Norte teve seu povoamento por conta de migrantes nordestinos, suas culturas são mais próximas, fazendo com que essas duas regiões se complementem no comportamento, na culinária, gostos, manias e outros.

Como consequência, destaca-se o tema do arraial do Estado de Roraima em 2016: “Filho do Norte, Neto de Nordeste”, representando bem a cultura roraimense está enraizada e é influenciada pelos nordestinos. Um ‘casamento’ firmado das duas regiões em manter essas relações culturais. Por isso, as quadrilhas tanto do Norte quanto do Nordeste buscam manter afinidades para que ambas possam se utilizar de ferramentas/métodos utilizados nas quadrilhas, aquela “troca de figurinhas”, fortalecendo ainda mais a cultura híbrida entre elas. E por falar em casamento, o próximo tópico analisa os amores que começam nos ensaios e que terminam oficializados no tablado do Boa Vista Junina.

---

<sup>20</sup> Mário Sérgio Oliveira, mineiro, residente de Boa Vista/RR há 4 anos. Entrevista coletada nas noites do Boa Vista Junina de 2016.

### 3.2.1 Amores de arraiais

O tópico anterior tratou do país do arraial e não mais apenas do carnaval. Com base nisso, volta-se para o campo mais amoroso das festas populares. Quem são mais perenes os amores de Carnaval ou de arraiais? De forma geral, pode-se verificar que são os amores de arraiais. O amor de Carnaval é o beijo na boca, é mais folia, sem contato no dia a dia, muitos beijos ficam apenas nos blocos, ao passo que muitos amores de arraial conduzem o casamento, é que destaca a Revista Anarriê (2010 e 2013).

O primeiro casamento realizado no tablado do Boa Vista Junina aconteceu em 2006. Foi a troca de alianças de André Luiz de Souza e Dayanne Ventura, segundo a Revista Anarriê (2010), cuja realização do matrimônio contou com juiz de paz, padrinhos, convidados, bolo e a festa caipira organizada pela prefeitura de Boa Vista/RR.

O amor junino é marcado pela música, *“olha pro céu, meu amor, vê como ele está lindo, olha pra aquele balão multicolor como no céu vai sumindo, foi numa noite igual a esta que tu me deste o teu coração* (composição de Luiz Gonzaga). Música que inspira muitos casais que se conhecem no meio junino (ensaios das quadrilhas) a unir-se em um só. Não somente aqui em Roraima, mas como em outras regiões.

Durante as pesquisas de campo, registrou-se alguns relatos dos brincantes são que começaram a namorar durante os ensaios, alguns já casados. É interessante que os homens das quadrilhas brincam, com frases ‘só namoro se for menina quadrilheira, assim ela não pede para parar de dançar’. Uma brincadeira de ‘minha parceira’ de dança que se torna companheira de vida.

Há quadrilhas cujos pares são formados por casais de namorados. É curioso que já houve casais que devido à gravidez da esposa, o companheiro não dança, ou seja, uma questão que segundo os brincantes é uma atitude de respeito decidido pelos dois. Dessa forma, a grávida não se comove tanto por não participar, já que seu companheiro não está dançando, ou seja, ela não vendo os preparativos de perto não afeta por não poder dançar, ficando apenas na torcida por sua quadrilha.

Outro caso de amor de arraial, são os brincantes que crescem dançando quadrilha, com sonho de ser a rainha caipira da sua quadrilha para posteriormente tornarem-se a noiva. Essas brincantes mirins ensaiam durante os seis meses, caso alguma quadrilheira não puder comparecer no dia de alguma apresentação, essas meninas podem substituí-la.

Sobre os casais de noivos, muitas quadrilhas adotam casais de namorados para que a encenação possa prevalecer com mais veracidade em cima do tablado. Que a felicidade possa

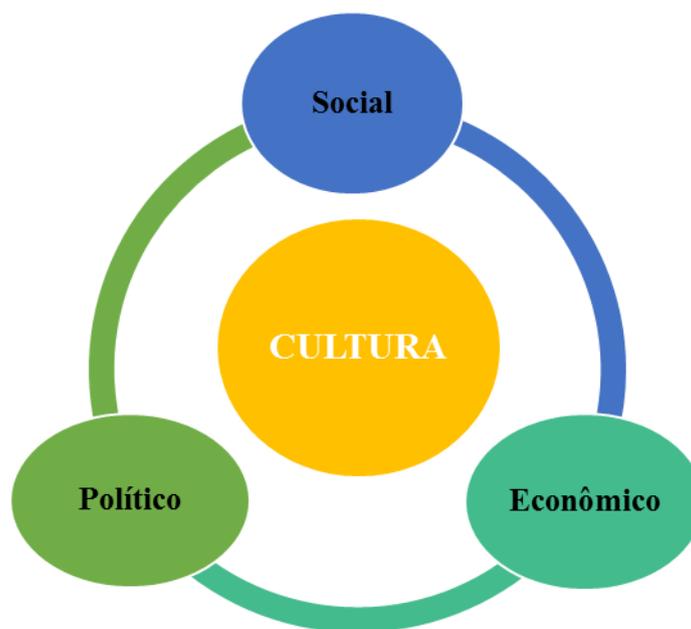
ser demonstrada como qualquer casal recém-casado, transparecendo a reciprocidade nos carinhos, nos abraços e no beijo dos noivos, já que é um quesito avaliado pelos jurados.

Os arraiais, além de transbordar amor em cima do tablado, revela amor presente em todos os seus espaços, já que é uma festa de família. A festa junina, além de muito amor agregado, traz também muitos investimentos econômicos, gerando rendas extras à população, como complementa o tópico a seguir.

### 3.2.2 Geração de renda

Falar de arraial e não falar de sua importância econômica é deixar de contemplar toda uma produção envolvida para realização da festa e das apresentações das quadrilhas. O Boa Vista Junina, no que diz respeito à economia, gera renda extra a muitas famílias roraimenses. Além dos empregos indiretos gerados pelas quadrilhas, percebe-se um grande fluxo econômico que movimentava a cidade nessa época do ano. Nos anos de 2015 e 2016, período de realização da pesquisa, observa-se que a cultura é patrocinada pelos poderes políticos, econômicos e sociais (FIG.16), por isso essa estreita relação entre ambos, pois depende deles se cultura será mantida ou não a partir de sua relevância com esses poderes.

**Figura 16** – Cultura e suas relações.



**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra, 2016.

A relação da cultura com esses elementos supracitados na imagem possibilita entender que a mesma tem grande influência desses fatores para sua permanência no meio social, são eles que valorizam ou não a mesma. Pois uma cultura só permanece sendo revitalizada/mantida quando esta tem algum significado para os poderes político, social e econômico. É nesse ponto econômico que se direciona essa discussão.

As festas juninas são uma geração de renda, pois, nessa época, muitas famílias ganham licitações para venderem algo no arraial (comidas, brinquedos e acessórios diversos). Gerando, então, mais de 3 mil empregos diretos e indiretos, segundo a FETEC, 2016. Uma simples visualização ao tablado pode-se imaginar como geram essa renda extra.

O tablado é o palco para notar toda essas dimensões que estão inseridos na cultura, principalmente o econômico, no que se refere a incentivar, apoiar, e investir nos grupos de quadrilhas. Essa dinâmica econômica passa a ser vista nos meses de março, abril, maio e junho quando começa a florescer esse movimento, envolvendo outras pessoas na organização. O que antes era só o grupo ensaiando nos meses de janeiro e fevereiro, os meses seguintes iniciam um processo de geração de renda.

Vamos reconstruir a dimensão econômica dentro da cultura. Uma determinada quadrilha procura uma senhora dona de casa e costureira para produzir as roupas da quadrilha, Dona Maria<sup>21</sup>, que só vive de suas costuras, recebe a proposta para fazer 30 vestidos (17 a 54, estes são os números mínimo e o máximo de casais que as quadrilhas levaram ao tablado no último BVJ 16), e o valor cobrado foi de 6 mil reais, valor este que dona Maria não recebe nem em três meses trabalhando direto.

Pelo tempo e a quantidade a mesma paga mais duas costureiras, mesmo sendo de forma temporária, configurando-se como emprego indireto (FIG. 17) e gerando renda extra para mais duas pessoas.

---

<sup>21</sup> Maria Da Solidade Dutra Silva (57 anos), dona de casa e costureira, residente no bairro Caranã.

**Figura 17** – Produção dos vestidos das quadrilhas.



**Foto:** Glauciene Dutra, 2016.

Fora as produções das roupas há as construções das alegorias, contratando uma equipe da área específica, outro emprego temporário. Outro exemplo de empregabilidade é a música da quadrilha, sendo um dos itens julgados, levando à contratação de músico para compor a letra, gravar e pagar o estúdio. Isso nos bastidores de um único grupo de quadrilha, sendo 24 no total, ou seja, uma época do ano que consegue alavancar a economia temporária para muitas famílias de Boa Vista.

E nos dias dos festejos (que em 2016 foram 19 noites seguidas, com a junção das festas promovidas pela prefeitura e pelo estado não havendo um espaço de tempo de um para outro), vendedores ambulantes (comidas, milho, algodão doce, pipocas, brinquedos, balões, entre outros), barracas de comida de restaurantes conhecidos na cidade, lojinhas de roupas, bijuterias e acessórios, que também são populares na cidade, que aproveitam o arraial como uma ‘arena de vendas’, ou seja, uma festa com grande dimensão econômica em várias categorias.

O comércio junino também se configura dentro e fora do estado, isso porque muitas quadrilhas principalmente do grupo especial buscam algumas de suas mercadorias em outros estados por não encontrar os produtos em Boa Vista. A rigidez de um figurino mais desenhado e elaborado leva esses grupos a procurar o melhor. Basta observar o brilho com que os vestidos são apresentados. Isso faz do arraial uma festa de economia criativa (FIG. 18) e as quadrilhas,

por sua vez, ganham patrocínio de empresas e apoio tanto político quanto econômico e o resultado disso além de circulação de renda, é proporcionar a cultura para população local, sem contar dos entretenimentos com shows de bandas da regionais e nacionais.

**Figura 18** – Dinâmica do arraial.

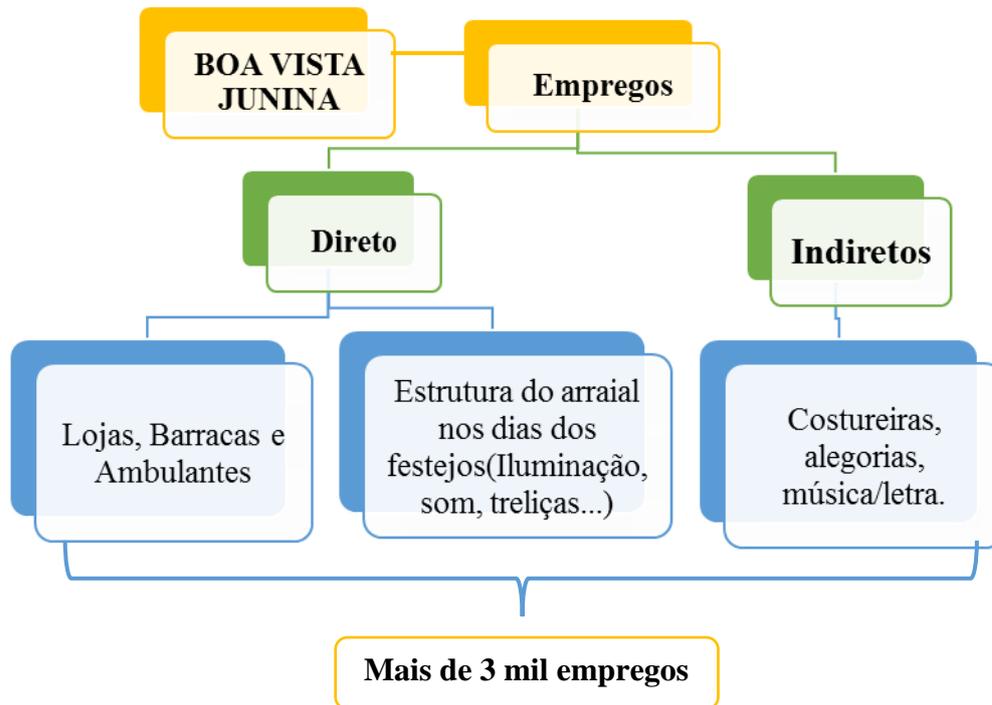


**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra, 2016.

Essa dinâmica do arraial desenvolve a base econômica de muitas famílias. Segundo a FETEC, são em torno de 3 mil empregos diretos e indiretos que a festa junina desenvolve. Tendo em vista que os empregos indiretos são gerados pelos grupos de quadrilhas, tudo que é levado para o tablado é articulado, produzido pelas quadrilhas, estas geradoras de renda temporária.

Os empregos diretos estão na construção do arraial, mais precisamente em sua estrutura. São empresas que a Prefeitura juntamente com a FETEC contratam para ornamentar todo espaço. As barracas, ambulantes, lojas que estão nos dias dos festejos, também se configuram nos empregos diretos, como mostra a Figura 19.

**Figura 19** – Dinâmica do Boa Vista Junina na empregabilidade.



**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra, 2016.

Essa configuração de empregos é vista por todos os espaços onde a festa é realizada. O lugar torna-se um espaço ‘luminoso’ na cidade, devido a seu destaque. O olhar de toda a população volta-se para ele, o que configura um movimento econômico em cerca de 10 milhões de reais, conforme a FETEC, 2015.

Segundo a Revista Anarriê (2016), o maior Arraial da Amazônia fomenta a economia local, gerando empregos diretos e indiretos durante as noites juninas, uma vez que a prefeitura oferece oportunidade para os comerciantes venderem alimentos e bebidas. Em 2015, cerca de 10 milhões foram movimentados e mais 200 mil pessoas passaram pelo local nas noites de arraial, o que faz o ser o maior da região norte, resultando num espaço próprio para sua realização.

O Boa Vista Junina em relação ao seu espaço pensado e planejado, conta com uma estrutura ampla, tendo espaço para as barracas, parques e ambulantes, que por sua vez também são inseridos na Avenida Ene Garcez (mais precisamente na Praça Fábio Paracat), sendo aberto um lado da avenida durante dia para o fluxo de carros e às cinco horas é fechado. Já o lado onde ficam as organizações públicas como Controladoria da República e Câmara dos vereadores permanece fechado durante todas as noites.

Há toda uma estrutura, um planejamento da área onde é realizada a festa junina, sendo reservado um lado da avenida para concentração das alegorias dos grupos de quadrilhas, outro lado somente para barracas e ambulantes. É o reflexo de uma festa apoiada pelo social, quando a população não se preocupa em mudar sua rota devido às interdições no trânsito. Fica nítida a aceitação social fazendo dessa festa uma organização também popular e se destacando como a melhor festa popular de Boa Vista/RR.

Destacar-se como a melhor festa está também em criar novas *performances* para fazer parte desse festejo, configurando como única, ou seja, ter aquela expectativa que, ‘só acontece no Boa Vista Junina’, assim ganhando destaque nacional. Com foco nisso, o Boa Vista Junina apresentou, pelo segundo ano consecutivo (2015 e 2016), a distribuição da maior paçoca do mundo, como mostra a figura 20.

**Figura 20** – Distribuição da maior paçoca do mundo.



**Foto:** Prefeitura de Boa Vista, 2016.

Vale destacar que a paçoca que é distribuída é a regional, com farinha e carne de sol, uma característica da culinária roraimense. Foram 500 quilos de paçoca no primeiro ano, e 700 quilos (50% de carne seca, 40% de farinha mandioca torrada, 7% de cebola e os 3% de óleo vegetal, totalizando os 700 quilos) em 2016, quase uma tonelada. Esse acontecimento está no livro dos recordes (*Guinness Book*), conforme a Revista Anarriê, 2016.

### 3.3 A POLÍTICA E OS MOVIMENTOS CULTURAIS

A política tem uma relação bastante estreita com os movimentos culturais, pois há um interesse por parte dos poderes políticos em manter essa cultura junina. Segundo a FETEC, este interesse da festa é prioritário. Preservar a cultura local através das quadrilhas roraimenses é uma forma de permanecer com a cultura ‘viva’, sendo esta cultura que marca a identidade de Roraima quando se fala em festa popular. Trata-se da única festa que consegue abranger um número significativo de pessoas no local, isso porque a política inserida consegue manter essa festa como algo prazeroso.

De princípio, vale lembrar que a palavra político vem do grego *politikos*, que significa ‘cívico’, termo que originou de *polis*, que por sua vez é traduzido como ‘cidade’<sup>22</sup>. Dessa forma, a política é um campo que trabalha com os cidadãos, o que resulta numa escolha de um político, ou seja, uma pessoa pública que possa trabalhar para atender as necessidades dos cidadãos de uma cidade.

Assim, a política inserida na festa junina é simples de compreender, quando esta festa consegue atender às necessidades da população em possuir uma identidade cultural e ao acesso à cultura. De acordo com a Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011, no inciso IV do artigo 3º, diz que, fomento ao desenvolvimento da cultura de transparência na administração pública. Dessa forma, cabe à política apresentar e desenvolver hábitos culturais dentro de uma sociedade de forma que abranja o todo, com transparência em prol da população.

Dessa forma, a relação do arraial com as questões políticas está em atribuir cultura à população, quando esta passa ter uma identidade valorizada, o que influencia na economia e no social, ou seja, são três dimensões que estão inseridas dentro da cultura. Quando o arraial atende a essas três dimensões (política, econômica e sociocultural), tem-se um movimento popular bem estruturado e organizado, pensando satisfazer às três dimensões.

A dimensão política está quando o poder público começa a dar valor em uma determinada manifestação cultural, e quando esse movimento percebe a significância que ganhou por parte do poder político. As políticas públicas passam a promover as quadrilhas em nível nacional, quando cria a revista das quadrilhas juninas e das festas juninas de Boa Vista/RR, promovendo e editando as músicas dos grupos para arraiais de outros estados brasileiros, isso é política dentro da cultura.

---

<sup>22</sup> Acessado no dia 25/07/2016, as 10: 45, disponível no <http://www.dicionarioetimologico.com.br/politico/>.

Outra forma de como a política está inserida na cultura, é quando remete à imagem de quem está no poder e consegue passar uma opinião favorável à população por ter realizado uma festa de grande relevância, com estrutura e organização que deixa a sociedade satisfeita. Não há como negar que a relação política nesse contexto é bastante visível. Por exemplo, o Boa Vista Junina foi criado no mandando da Teresa Surita, que na época tinha o sobrenome Jucá, o que resultou numa imagem política favorável à atual prefeita de Boa Vista, isso devido ao fato de o nome do Boa Vista Junina permanecer o mesmo, até quando ela não está no poder.

O que caracterizou essa festa ser atualmente um “patrimônio imaterial” pela sociedade, apenas na consideração social, pois não é tombado pela prefeitura. Uma outra característica política, é a forma como a prefeitura usa o arraial como divulgação do estado, quando cria e amplia a economia e a cultura. Em pesquisa de campo foi possível diagnosticar que uma minoria da população, ver a festa como uma forma de alienar a população ao “curral eleitoral”<sup>23</sup> por conta da prefeitura usar a festa como sua propaganda.

Não coube a esta pesquisa analisar o comportamento político das atuais administrações e tampouco usar sua imagem como referência de boas políticas. Porém, uma pessoa pública que está no cargo político, cujas tomadas de decisões em prol da sociedade será sempre visível, o que corresponde a uma série de críticas tanto negativas quanto positivas, sendo sempre vista como aquela famosa frase “pura propaganda política essa festa”. Há quem aprecie a festa de maneira positiva e negativa, a crítica negativa é em relação a estrutura do arraial, como sendo investimento desnecessário.

Dessa frase caberia uma outra discussão, talvez no campo filosófico, em trabalhar as práticas do que seria ou não uma política. Mas, voltando à frase “pura propaganda política essa festa”, essa afirmação deve ser analisada de forma que, tudo que é pensado e executado por um político é atividade política, e que nada mais é que uma espécie de propaganda, para se manter no poder.

A mesma forma são as ações políticas, a partir do momento que estão sendo feitas e se tornam visíveis, isso é propaganda. “O importante é o princípio ativo da política. É saber que a política é sempre o modo pelo qual chega-se a decidir algo que não é particular, mas que diz respeito a toda uma coletividade, algo que é público<sup>24</sup>”.

Então, a política é um produto de propagandas, isso porque trabalhar com a coletividade faz com que a imagem dessa seja boa ou ruim. Política também é divulgação, o

<sup>23</sup> Uma expressão utilizada para se referir pessoas que são alienados a um político, por conta de benefícios pessoais, o que leva a manter seus votos.

<sup>24</sup> RODRIGUES, A. T. **O que é política** (2001). Disponível: <http://portal.filosofia.pro.br/o-que--politica.html> acessado em 25/07/2016, as 12:19.

que leva alguém a se manter ou não no poder. Dessa forma, política é poder e que serve para organizar uma sociedade e quem está no poder tem como obrigação organizar os campos econômicos, sociais e culturais.

A política dentro da cultura é forma de fazer cidadãos valorizados culturalmente a partir do contexto inserido. No caso da política na cultura junina, estão voltados para trabalhos em conjuntos (administrativos, políticos e com os grupos de quadrilhas) que têm o mesmo objetivo, divulgar os grupos como uma forma de marcar uma identidade simbólica de Boa Vista a partir dessas quadrilhas, já que estas criaram uma simbologia de pertencimento com a região e a valorização dos grupos quadrilheiros.

A política está inserida para o desenvolvimento e valorização da cultura, com a presença do apoio, e iniciativas de fazer das quadrilhas algo de valor que ganhe destaque nacional e internacional. Como o foi caso das quadrilhas de Boa Vista representarem a identidade quadrilheira em Nova Iorque, em 2013. Isso é a relação da política dentro da cultura, promovendo e incentivando.

Incentivar é cuidar de cada detalhe para que os grupos quadrilheiros possam representar o estado em outras localidades. Assim, o apoio e investimento por parte do poder público demonstram um sentimento de satisfação, para que se permaneça ‘viva’ a cultura junina dentro no estado.

Uma outra relação política bem nítida na cultura junina são as pessoas envolvidas com os grupos de quadrilhas em cargos de vereadores. Uma relação bem mais estreita da cultura com o poder político, até mesmo como forma de ter esse ‘poder’ para apadrinhar o grupo, mas favorecer no sentido de divulgar e obter apoios, o que resulta em quadrilhas mais populares no meio social ou até mesmo mais estruturadas, apresentando um verdadeiro *show* no tablado, devido a esses investimentos. Já as quadrilhas sem apoio ou investimentos apresentam-se apenas com a verba repassada prefeitura.

No que se refere ao apoio dado pela prefeitura é um investimento repassado às quadrilhas. Trata-se de um valor de aproximadamente 25 mil reais, segundo a FETEC (2016). Mas, atualmente os grupos estão adotando novas políticas dentro da própria quadrilha. Uma nova regra é que os brincantes paguem uma quantia para obter seu figurino, isto se configura apenas nos grupos especiais, não em todos, por conta que os grupos estão levando para o tablado uma apresentação cada vez detalhada nos figurinos e alegorias, o que requer um investimento a mais.

Esse valor agregado pelos brincantes ajuda o grupo a se organizar e investir em suas produções e com isso ganham destaque e despertam o olhar da população, com frases de

satisfação que são ditas por quem prestigia, “nossa essa quadrilha veio arrebetando em sua caracterização”. Essa transformação é a presença da política dentro da quadrilha, no momento em que os grupos se modificam de acordo com suas atuações.

Os grupos de quadrilhas necessitam de valor maior para inovar. Quando isso ocorre, os grupos criam ainda mais uma identidade com essa dança. O que não falta é a questão identitária por conta do processo de povoamento tendo contribuição da cultura nordestina, que se enraizou em Roraima, o que resulta em toda essa política sociocultural.

Falar de política remete também às políticas públicas, que por sua vez estão presentes dentro do festejo junino, refletindo nos fatores sociais e econômicas. Na dimensão social, é percebida no momento em que a festa junina passa pela transversalidade das políticas públicas (saúde, educação, trânsito, entre outros), local de amamentação, projeto família que acolhe (projeto que acompanha a criança desde do ventre até seus 6 anos, em consultas e apoio aos estudos da criança). Todos eles presentes dentro da manifestação cultural dando visibilidade em todos os campos sociais, como mostra a figura 21.

**Figura 21** – Transversalidade na festa junina (A, B, C, D, E, e F).



Organização e elaboração: Glauciene Dutra, 2016.

Com brincadeiras infantis (pinturas e recreações), em educação do trânsito, orientação sexual (grupo de palhaços que trabalham com essa temática para menores), espaço para amamentação e fraldários, o que leva a pensar que a festa junina é realmente a festa da família.

Além disso, a família encontra-se presente nesse movimento, seja para prestigiar alguém da família na quadrilha, seja para prestigiar a cultura local e provar das comidas típicas como uma forma de diversão tranquila para as famílias, nas noites de arraiais. São dez noites de arraiais, e de mobilização social, de entretenimento das famílias/amigos. Por conta da valorização social, a festa junina é um momento de recreação que é um auge da sociedade. Sendo assim, o poder político não deixa de realizar a festa junina, visto que a sociedade já apoderou-se dessa festa.

Cria-se a expectativa na população desde o momento da construção da estrutura que vê sua festa nascer do chão, pensando, “olha já estão arrumando o arraial”, “será que vai dar tempo até o dia”, ou seja, é a torcida social para que tenha tempo suficiente de organizar, já que é a festa de todos, sendo a única festa que não tem segregação de classe social, conforme dito por um dos prestigiadores do arraial “esta é uma festa que não se percebe as diferenças de classes, não tem lugar dividido para quem tem condições ou não, não existe aqui o que pode pagar mais, ou ter benefícios em algo, uma festa com uma só “cara” do povo de Boa Vista”. Deixando de ser a festa da prefeitura para ser a festa da população de Boa Vista com diversão para todas as idades, por conta disso o arraial tenta abranger todas as faixas etárias.

Outra forma de perceber o social inserido nessas políticas públicas está no campo do envolvimento com quadrilha junina, isso quer dizer que além de ser uma cultura valorizadora pelo social, também envolve os brincantes, pois muitos deles que estão em situação de risco. Muitos grupos de quadrilhas acabam resgatando meninos ou meninas que não estão em nenhuma ocupação, muitas desses sem até mesmo estudarem, dando a oportunidade de realizar algo.

Essa oportunidade deixa os jovens ativos, tendo entretenimento em algo prazeroso, tirando esses meninos de possível mundo da criminalidade. Nas pesquisas em campo, foi possível perceber que muitos jovens usam a quadrilha como uma saída para uma conduta melhor. Vale lembrar que muitas dessas observações foram diagnosticadas em grupos de quadrilhas de acesso.

Por conta disso, os organizadores/presidentes e até mesmo o próprio animador procuram envolver o máximo os brincantes e os incentivarem a estudar para poder participar do grupo, buscando o melhor para imagem da quadrilha. Por mais que essa preocupação seja pela quadrilha, isso não deixa de ser relevante no momento em que estes (as) meninos (as) tentam se dedicar por um grupo que só tem a contribuir na sua vida pessoal, sem precisar ter a ‘diversão das ruas’.

As quadrilhas também têm normas e disciplinas para os brincantes, claro que nem todas, porém, muitas já estão buscando um comportamento saudável para os brincantes para

manter um grupo com imagens que lhe sejam favoráveis até mesmo por conta de serem valorizados pelo social.

Outra política pública inserida está nas contribuições turísticas que o festejo promove. Nessa época do ano já consegue mobilizar os olhares de algumas cidades como Manaus, trazendo turistas amazonenses para Boa Vista por conta do arraial.

Nas pesquisas realizadas nos dias da festa junina, uma parceria da prefeitura com acadêmicos da UFRR, UERR e o IFRR, foram constatadas muitas pessoas de fora que estavam prestigiando a festa junina. É a imagem do Boa Vista sendo transmitida para as demais regiões brasileiras, ganhando ênfase nessa época do ano por conta de uma manifestação cultural.

Há turistas não só de outros estados, mas dos próprios municípios de Roraima que vêm somente para prestigiar a festa, sem contar que pessoas de outros países estão vindo para Boa Vista pelo arraial (ainda é um pequeno número, mas já há essa porcentagem por conta da festa). Isso chegou a outros países, pela iniciativa da organização do Boa Vista Junina que fez a famosa “fofoca” através da revista Anarriê que é distribuída no Aeroporto Internacional de Boa Vista Atlas Brasil Cantanhede, para quem sai e chega a Boa Vista/RR.

Trata-se de uma forma de divulgar a festa junina de Boa Vista, despertando o interesse por parte de quem visualizou a revista, a conhecer a cultura do maior arraial da Amazônia. Isso é ampliação do turismo de Roraima, expandindo através da divulgação.

Isso fez com que quadrilhas de Manaus procurassem os organizadores do Boa Vista Junina para participarem das apresentações em Roraima, por conta de ser o estado da região norte que possui as mais belas quadrilhas. Roraima destacando-se por conta das quadrilhas, assim como o Amazonas destacou-se por conta do Boi-Bumbá. Os organizadores de quadrilhas de Manaus definem as festas de Boa Vista como ‘tablado sagrado das quadrilhas juninas da Amazônia’, isso mostra o respeito que eles têm pelo movimento da região e sua organização.

Essa organização é realizada pela prefeitura juntamente com a FETEC. Porém, a FETEC monta a estrutura e a programação, tendo como parcerias as Secretarias Municipais da Saúde, da Educação, SMTRAN, PM, DETRAN, Bombeiros, Polícia Civil e Juizado da Infância e Juventude.

Outras parcerias são das empresas que oferecem as estruturas do arraial, (som, palco, tablado, arquibancada, barracas, iluminação). São realizados processos licitatórios para empresas para prestarem serviços. Mais uma vez percebe-se a fluxo econômico inserido na festa. Não há como negar que a cultura envolve um campo vasto das relações econômicas e políticas.

São essas relações que faz nascer, todos os anos, com o maior arraial da Amazônia, o Boa Vista Junina, que tem apresentações belíssimas das quadrilhas roraimenses. O próximo capítulo a seguir traz as três quadrilhas que foram objeto de estudo e, assim, iniciando a caracterização dos grupos.

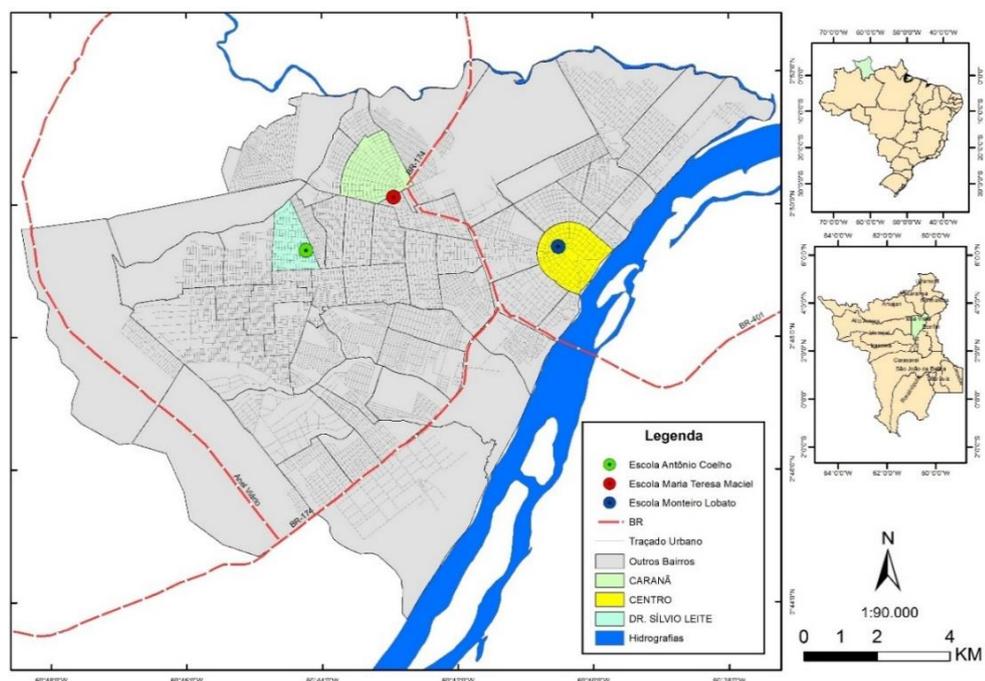
## 4 “ANARRIÊ SÔ, QUE A FESTAÇÃO VAI COMEÇAR!”

### 4.1 DISTRIBUIÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DAS QUADRILHAS DE BOA VISTA/RR

Os grupos quadrilhas estão distribuídos por todo espaço urbano de Boa Vista/RR. Ocupando-se das quadras esportivas das escolas estaduais e municipais. Esses locais de ensaios são fixos, sendo transferível caso o grupo perceba a falta estrutura, ou seja, muitos desses locais por ausência de manutenção, acaba não oferecendo suporte como, iluminação, ou mesmo energia nas quadras, já que os muitos desses ensaios iniciam no fim da tarde e se estende até a meia noite. Quando aproxima o dia da apresentação esses ensaios costumam ser o dia todo, com direito a café da manhã, almoço e lanche.

Por iniciativa própria, os grupos concertam os defeitos da quadra para acontecer os ensaios. O local é pensado conforme as localidades dos brincantes, assim sendo um ponto estratégico para facilitar o deslocamento dos quadrilheiros. As três quadrilhas em estudo têm seus locais de ensaios fixos há mais de 4 anos, conforme a figura 22.

**Figura 22** – Localização dos grupos em estudos.



Fonte: Filipe Brito/ UFRR, 2016.

A Quadrilha Zé Monteiro (representado pelo ponto azul), tem seus ensaios na quadra da Escola Monteiro Lobato, localizado no centro da cidade. A Escola Maria Tereza Maciel (demarcado pelo ponto vermelho) situado no Bairro Caranã, encontra-se a Quadrilha Eita Junino, e na quadra da Escola Antônia Coelho no Bairro Dr. Silvio Leite tem-se a quadrilha Explosão Caipira (ponto verde). As três quadrilhas são do grupo especial tanto na categoria da prefeitura quanto na estadual. E as duas esferas públicas apoiam as quadrilhas disponibilizando uma verba para suas despesas.

As quadrilhas ganham um investimento pela prefeitura de 25 mil para o grupo especial e 20 mil para o grupo de acesso. Vale lembrar que esse valor vem variando, porém, como forma de valorização apenas aumenta. Já no estadual o investimento é cerca de 20 a 30 mil.

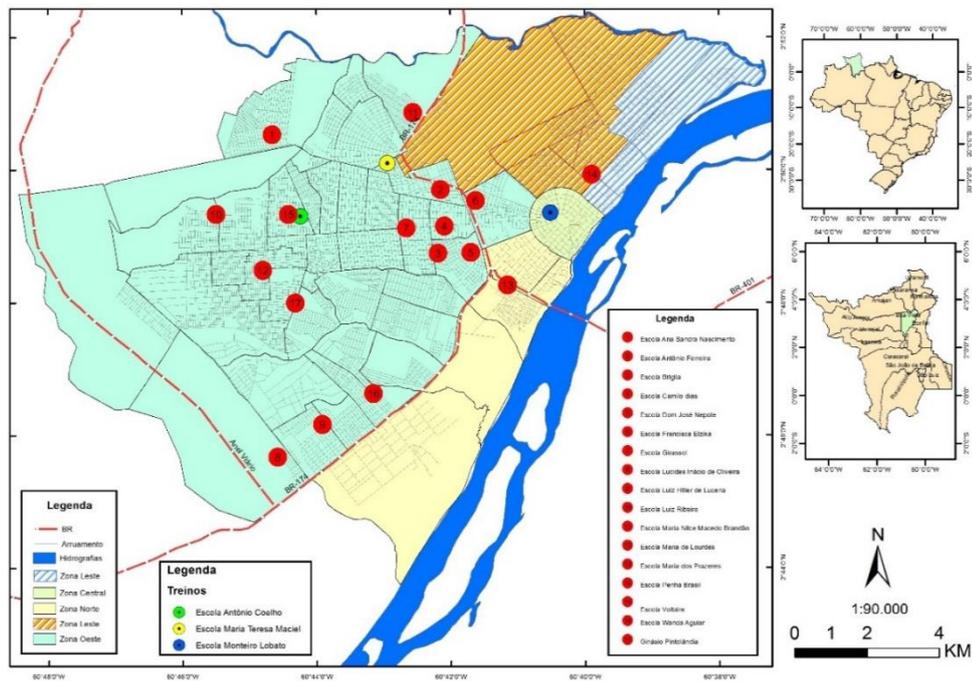
Dessa forma, para cobrir suas despesas que vão de 60 a mais de 80 mil reais, os grupos recebem apoio de empresas e lojas, além de realizarem arrecadações com feijoadas, bingos e rifas. Uma outra característica do grupo especial que vem se configurando desde 2013 é que cada brincante deve custear suas roupas e, caso queiram ficar com as roupas o valor aumenta (é uma espécie aluguel ou compra). Além disso, os mesmos pagam sua maquiagem, cabelo, meias, acessórios e sapatos de suas apresentações.

Assim, em média, um brincante querendo ficar com sua roupa gasta em torno de oitocentos a mil reais. Caso optem a não ficar, o custo baixa para quatrocentos a quinhentos reais por brincante, uma maneira que cobre as outras despesas da quadrilha, com as alegorias.

Vale lembrar que essa forma de trabalhar está sendo aplicada apenas com o grupo especial, porém nem todos. Todos os grupos de quadrilhas têm o apoio de muitas escolas/comunidades, no qual cedem as quadras das escolas para seus ensaios independentemente de serem especial ou de acesso.

O mapa a seguir mostra a distribuição por zona de como os grupos configuram o espaço geográfico da cidade. A figura 23, mostra as localizações dos grupos que ensaiam apenas em Boa Vista, porém, tem aqueles grupos que se localizam em outros municípios do estado e que apresentam-se no BVJ.

**Figura 23** – Localização dos grupos de Boa Vista/RR por Bairro.



Fonte: Filipe Brito/ UFRR, 2016.

Conforme a imagem supracitada, percebe-se que os grupos de quadrilhas estão distribuídos em todo o espaço urbano da cidade, prevalecendo grande maioria na zona oeste. A quadrilha é um movimento que integra os moradores próximos das escolas, de modo que o grupo passa a ser formado pelos moradores residentes dos bairros.

A zona leste é a única zona que não apresenta nenhum grupo de quadrilha. Essa é uma das áreas nobres da cidade, mas, isso não quer dizer que moradores desses bairros não participam, pelo contrário, muitos moradores desse bairro são encontrados nos grupos de quadrilhas, fato identificado nos questionários aplicado aos brincantes, porém essa ausência de grupo nessa área é devido a sua localidade, o que dificulta o acesso.

Algumas informações coletadas nos questionários pelos brincantes, possibilita um conhecimento de quem são esses brincantes. A grande maioria deles encontram-se na faixa etária de 16 a 25 anos, e os que apresentam uma idade entre os 26 e 30 anos, são os que já tem mais de 10 anos de dança, o que significa que muitos já passaram por diversos grupos, e que mesmo havendo uma transição por outras quadrilhas, o brincante sempre retorna ao grupo onde iniciou sua trajetória de quadrilhas.

Quanto à escolaridade, os brincantes oscilaram do ensino fundamental ao superior e com especialização. Seguindo a ordem dos questionamentos, os brincantes estão distribuídos

geograficamente em todos os bairros de Boa Vista/RR, exercendo diversas profissões, tais como: professor, lojista, empresário, vereador, advogado, servidor público, dona de casa, cabelereiro, estudantes, auxiliar de serviços gerais, odontologista, entre outros. Uma dança que une diferentes classes trabalhistas, como os próprios brincantes dizem, “aqui só tem uma profissão, a dos quadrilheiros, que trabalham pelo amor à dança junina”.

Ao serem questionados sobre o valor simbólico desse festejo, muitos citam que, “nação quadrilheira, é um trabalho de seis meses, competindo com respeito e muito brilho, mesmo competindo a regra é que nenhum quadrilheiro deve ‘zoar’ com outros grupos, e o que nos faz uma nação é justamente a compreensão e respeito em ajudar se for preciso o adversário, pois a campeã está na forma como os brincantes se dão em cima do tablado, e não aqueles que se apresentam melhor por ter isso ou aquilo em seu figurino ou ornamentação”.

Assim, a ‘nação quadrilheira’ está no amor pela dança, sendo essa a razão para continuar na quadrilha, pela paixão por esse estilo de dança, o rodado da saia que envolve a mulherada e enlouquece a macharada, apegando-se ainda mais ao grupo.

Muitos sentem apego por seus grupos, pela forma de trabalho, mostrando esforço, garra e dedicação para manter viva a fogueira de São João na quadrilha. O grupo se mantém através dos brincantes, eles são os agentes responsáveis de manter acesa a ‘fogueira’ para que todo ano eles possam brincar, pular e se divertir nas festas juninas.

Cada grupo possui suas características distintas, seja na forma de dançar, de contracenar nas músicas ou até mesmo pelo que leva ao tablado. Muitos envolvem as técnicas da globalização, outros mantêm-se conservadores, já outros misturam os diferentes ritmos, mas o principal motivo que os diferenciam são as suas *performances* em cima do tablado, onde não existe a melhor nem a pior, apenas aquela que se deixou levar pela emoção da noite de sua apresentação na grande festa de São João. O que faz desse brincante ser o protagonista da festa, por isso, eles entendem que tem uma identidade própria.

Ser apenas participante ou possuir uma identidade quadrilheira? Os dois, pois há aquele brincante “turista”, como eles mesmo apontam, dançando apenas um ano e aqueles que já são fixos na quadrilha. Muitos afirmam que possuem identidade quadrilheira, por serem os diferentes. Nessa época do ano, eles que são o foco das atenções, o público espera pelos quadrilheiros, então, eles apresentam identidade cultural/simbólica, sendo que a festa junina possibilita que eles sejam diferentes. E a população reconhece esse trabalho e prestigia suas apresentações, isso é valorização de uma cultura, na qual os brincantes se comportam com uma identidade temporária e única naquele momento.

Ao participarem do grupo de quadrilhas juninas, os brincantes se sentem orgulhosos de serem do estado de Roraima, por ter o maior festejo junino da Região Norte, e eles recebem esse carinho quando representam o estado em outras regiões.

Assim, o sentimento dos brincantes que prevalece é o desejo em cultivar a tradição da dança, muito mais do que competição, a competição é apenas um “tempero” a mais para dançarem, tirando qualquer opinião de preconceitos formados por parte de quem brinca.

Quanto à visão antes e depois de participarem desse movimento cultural, alguns dos brincantes pensavam de acordo com a população, como sendo ‘falta de ocupação’. Muitos brincantes tinham essa visão, “vou dançar esse ano só por curtição”, e acaba fazendo parte do grupo mais que um ano, como planejou. Na convivência percebem que não é falta de ocupação e sim uma prática cultural, até mesmo como atividade física, como alguns adotaram a dança para praticarem exercícios físicos.

O que inicia numa brincadeira torna-se uma paixão, fazendo parte dos seus planos anual. Essa paixão é visível nos olhos de muitas brincantes que por motivos de gravidez e outros motivos pessoais acabam não dançando, porém, acompanham os ensaios com brilho nos olhos e a tristeza de não estarem dançando. Muitos ficam felizes em ver sua quadrilha dançando e encantando de acordo com as mudanças temporais. Mudanças essas, que muitos brincantes acompanham, tanto que sempre estão relembrando os anos de suas apresentações, e como eles mesmo dizem, “cada ano tem algo diferente e encantador”, dedicando-se cada vez mais ao grupo.

Quanto à disponibilidade de dias e horários, tudo é pensado para que todos possam se organizar. Nos meses iniciais, os ensaios acontecem apenas nos finais de semana às dezoito horas, o que não dificulta a ida dos brincantes por conta de trabalho ou estudo, assim conciliando o tempo com a família e a rotina de trabalho.

Somente nos últimos meses que os grupos marcam horários diversos nos dias úteis, sem necessidade de todos estarem presentes. Eles aparecem de acordo com suas disponibilidades, o que não impede de os grupos ensaiarem sem os pares completos. Essa é uma dinâmica que ocorre durante toda a semana para deixar uma apresentação digna de perfeição, e sofisticação, como eles colocam, ‘que seja na altura da expectativa do público’. Resulta, assim, em grandes apresentações em cima do tablado, como é o caso das três quadrilhas que serão caracterizadas nos tópicos a seguir.

#### 4.1.1 Ecoou um Canto Norte, e Dançou a Eita no Arraiá! Quadrilha Eita Junina

“Ecoou um Canto Norte, e Dançou a Eita no Arraiá”<sup>25</sup>, letra da música da Quadrilha Eita Junina 2016, grupo marcado pelo brilho e *glamour* que leva para tablado de Boa Vista. Uma quadrilha que tem como características a inovação em seus passos, em suas alegorias e adereços, levando o público ao impacto de surpresa pelo que montam no tablado. Vale destacar que esses sub tópicos foram descritos conforme as coletas de dados em campo, com depoimentos de brincantes, organizadores, coordenadores e pela população.

A quadrilha Eita Junino que encanta pela sua seriedade e compromisso com a cultura junina sempre com companheirismo dos brincantes. Um grupo ligado a ações sociais, o que faz esse grupo ter um comportamento diferente de ser um quadrilheiro. Vale lembrar que esse grupo é a junção de cultura e da política uma vez que, um dos componentes é uma figura política de Boa Vista/RR.

Por conta disso, as ações sociais tornam-se algo indispensável ao grupo. Uma forma de manifestar-se a favor da população sem que seja nos dias de arraial e manter o grupo unido durante todo o ano. Uma união que muitos grupos ainda precisam manter. E essa união é apresentada pela força que seu mascote ganhou dentro a cultura quadrilheira (FIG.24).

**Figura 24** – Mascote da Quadrilha Eita Junina.



**Fonte:** Arquivo pessoal do grupo.

<sup>25</sup> As informações descritas nos sub tópicos 4.1.1, 4.1.2 e 4.1.3 foram de fontes pessoais de cada de grupos. Os grupos forneceram dados de suas participações no Boa Vista Junina.

Dessa maneira, o grupo Eita Junino vem configurando-se no âmbito social como brincantes de quadrilha que trabalham o ano todo, o que faz despertar ainda mais importância de marcar uma identidade simbólica, pelas ações em conjuntos que os mesmos vêm realizando. Ações essas em que são levadas o símbolo da quadrilha ou melhor o seu mascote em cada atividade realizada, a quadrilha passa a despertar ainda mais o valor social, onde bonequinho é o símbolo do grupo, no qual já identificado pela população como, “eles são da Eita” o que marcam uma forma de identificação do grupo em tempos sem festejo.

O mascote acompanha a quadrilha junina em diversas atividades, tais como: limpezas de igarapés da cidade, campanha de arrecadação de roupas e alimentos para doações, e campanhas ao meio ambiente, com mostra a figura 25, fazendo esse grupo ganhar destaque no meio social, pois muitos levam isso não apenas como entretenimento, mas ações mínimas de fazer o diferentes, buscando socialização com o próximo. Resultado disso é a população boavistense ter a quadrilha como sua preferida.

**Figura 25** – Ações sociais do grupo Eita Junina (A, B, C e D).



Foto: Arquivo pessoal do grupo. Adaptado: Glauciene Dutra, 2016.

São muitas as ações realizadas por esse grupo, e uma das mais esperadas é o dia de sua apresentação. No ano de 2016, o grupo levou ao tablado, o tema ‘Dança e canta e Roraima’ tendo como letra a música, “Tom de boça roraimeira”, que concorreu a melhor música 2016

**Tom de boça roraimeira (Compositor: Ronalson Cavalcante).**

*Macunaima, Macunaimera, Macunaima*

*Ritmando o São João.*

*Roraima som roraimeira,*

*De versos quebrando no ar.*

*Batida de nossa boça,*

*Da teia, do fio, do lugar.*

*Do sal com pimenta na areia,*

*Do ninho dos tracajás.*

*Saberes de nossa oca,*

*Dos campos e buritizais.*

*Ecoou um canto norte*

*E dançou a Eita no arraiá.*

*Não dá, não dá. Não dá sem a Eita não dá.*

*Não dá pra apagar o sol.*

*Não dá pra parar o tempo.*

*Não dá pra contar as estrelas,*

*Que brilham no firmamento.*

*Não dá, não dá. Não dá sem a Eita não dá*

Música tema, que fez da quadrilha ter o 4º lugar no Boa Vista Junina. A música é o único critério de desempate, a quadrilha que obtiver a maior pontuação nesse quesito leva a colocação maior. O grupo tem as seguintes características atualizada no ano de 2016, conforme a tabela 4.

**Tabela 4 – Estrutura do grupo Eita Junina.**

<b>Nome oficial</b>	<b>Grupo Folclórico Eita Junina</b>
<b>Tema da quadrilha 2016</b>	Eita Junino Canta e Dança Roraima.
<b>Casal de Noivos</b>	Larissa Thuany e Miguel Oliveira
<b>Rei e Rainha</b>	Pollyana Camila e Régis Braga
<b>Casais:</b>	54 casais
<b>Presidente:</b>	Elyzarda Byanca Figueira

<b>Animador:</b>	Sandro Baré
<b>Data de Fundação:</b>	01/04/1998
<b>Local de ensaio</b>	Escola Maria Teresa Maciel (Bairro Jardim Floresta)

**Organização/elaboração:** Glauciene Dutra, 2016.

A Quadrilha Eita Junino já obteve outras premiações fora do estado, tendo o título de melhor quadrilha nacional em 2015, como mostra a figura 26. Melhor narrador, casal de noivo, e suas rainhas e reis sempre estão em entre os premiados. Nas premiações individuais, a quadrilha Eita Junino sempre está dentre umas dessas conquistas.

**Figura 26** – Premiação de campeã nacional da Quadrilha Eita Junino.



**Foto:** Arquivo pessoal do grupo.

Este prêmio orgulha os brincantes e reforça ainda mais a identidade quadrilheira deles. Mesmo não sendo uma cultura de origem brasileira, as quadrilhas já apresentam características únicas do povo brasileiro, isso é uma grande satisfação para os brincantes poderem contribuir para cultura popular, apresentando uma fisionomia mais regional, no qual os levou ao título de campeã nacional.

Hoje o grupo caracteriza-se como uma família unida pelo ‘sangue’ da cultura junina. Tanto que o grupo preocupa-se em incentivar a vida profissional dos brincantes, apoiando aos estudos. Essa preocupação é tanto para a imagem do grupo quanto para o bem dos brincantes.

Logo, tem-se amor pelo grupo, é claro que esse amor está entre os brincantes. Eles se colocam como a família com sobrenome Eita. E falar de família, a Quadrilha Eita Junino, foi fundada por três irmãos e seus pais, inclusive, conheceram-se através da quadrilha junina, o que resultou na sequência dessa paixão por quadrilhas.

A Quadrilha Eita Junino tem como compromisso levar aos tablados um tema que possa representar o cotidiano da sociedade, seja ele, local, regional ou nacional. Os temas surgem conforme as experiências e vivências por parte dos responsáveis/diretores dos grupos. Essa decisão é apenas dos diretores e depois repassada aos brincantes. Assim, surgiram os temas que foram apresentados pela quadrilha:

**2006** – “Eita volta gostosa com angu de cultura em festa roraimense”.

**2007** – “Que paixão! O caipira dança os anos 60”.

**2008** – “Hô Hô ou Anarriá? Fiquei confuso nesse arraial! Não sei se como peru ou mungunzá.”

**2009** – “O canto do negro ecoou, chegou ao meu São João”.

**2010** – “Nesse Arraial, vir bater um bolão. Uma Paixão nacional”.

**2011** – “Parixara no Arraial”.

**2012** – “Centenário de Luiz Gonzaga”.

**2013** – “Baile de Debutantes”.

**2014** – “Brincando de criança no São João”.

**2015** – “O Cangaço dos meus sonhos”.

**2016** – “Eita Junino canta e dança Roraima”.

Os temas que são populares e que se tornam um espetáculo em cima dos tablados. Os brincantes inspiram-se e contracenam com seus parceiros. Para uma brincante do grupo fazer parte da quadrilha Eita Junino, é “ser diferente, não desmerecendo nenhum grupo, mas acreditamos sermos diferente pela forma como cada brincante se doa para quadrilha, não vejo nenhuma reclamação nos ensaios, seja qual for os horários a família Eita está lá, temos uma identidade coletiva”.

Dessa maneira, a identidade é algo que, constrói-se de acordo com seu meio social, tendo a identidade coletiva como algo que esteja ligado à globalização, que só existe devido ao

processo de transformação da cultura globalizada, o que cabe entender que a identidade grupal apresentada pelos brincantes pode ser interpretada como identidade simbólica em relação ao social e identidade territoriais sobre as demais quadrilhas, pois está sendo retratada como a forma como eles demarcam sua diferença diante do contexto quadrilheiro, através de suas características específicas, marcando sua diferença sobre os outros grupos nas noites da fogueira de São João. O que remete a pular da “fogueira” Eita a Explosão.

#### 4.1.2 Muito prazer sou Explosão! Quadrilha Explosão Caipira

A quadrilha Explosão Caipira foi criada em dezembro de 2000, em Boa Vista/RR, sendo sócia da LIQUAJUR-GF (Ligas das quadrilhas Juninas e grupos Folclóricos do Estado de Roraima). Participou de todos concursos do Boa Vista Junina, obtendo três títulos de campeã. Seu último título foi no ano em que o grupo completou 15 anos de fundação, levando uma “princesinha” ao tablado o que lhe garantiu o título de campeã. E no arraial do estado possui um único título de campeã. O Grupo que se apresenta fora do estado, já se consagrou campeão também longe de casa, sendo o campeão do Arraial da Alvorada em Manaus em 2014.

O grupo também desenvolve temáticas diferenciadas o que lhe cabe uma identidade simbólica, pois o que faz surgir essa identidade é a forma como os próprios brincantes e organizadores contextualizam o cultural. O grupo busca inspirações na cultura sertaneja, na cultura local, indígena, no cinema mundial e entre outros, ultrapassando o limite de um grupo de quadrilha apenas com o tradicional. Trata-se de um grupo organizado em sua estrutura, conforme a tabela 5.

**Tabela 5** – Estrutura do grupo Explosão Caipira.

<b>Nome Oficial</b>	<b>Grupo Folclórico Quadrilha Explosão Caipira</b>
<b>Tema da quadrilha 2016</b>	Meu São João é assim
<b>Casal de Noivos</b>	Rodrigo Guivara e Kelhy Fernandes
<b>Rei e Rainha</b>	Francisco de Assis e Jaciene da Silva
<b>Casais:</b>	41 casais
<b>Presidente:</b>	Joelcimar Rodrigues da Silva
<b>Animador:</b>	Ítalo Fernandes

<b>Data de Fundação:</b>	1º de dezembro de 2000
<b>Tesoureiro</b>	Rodrigo Guivara
<b>Criação temática e composição</b>	Comissão de arte
<b>Direção de eventos</b>	Bruno Mendonça, Paula Lemos, Jailsom Oliveira
<b>Cenografia e arte plásticas</b>	Rinaldo Noronha
<b>Local de ensaio</b>	Escola Antônia Coelho (Bairro Silvio Leite)

**Organização/elaboração:** Glauciene Dutra, 2016.

A estrutura do grupo é mantida desde a sua criação, modificando apenas os casais de rei e rainha que é obrigatório caso algum deles venha a ganhar o título do arraial, o narrador e casal de noivos, quando necessário. Uma equipe que trabalha para colecionar títulos, uma tarefa para a qual eles não medem esforços, e sempre com apoio dos brincantes. Segue o histórico temáticos e de títulos da Quadrilha Explosão Caipira.

**2001** – Vou explodir de alegria nesse arraial.

- Campeã BVJ e vice-campeã no Arraial do Anauá.

**2002** – Homenagem às Quadrilhas Juninas do Brasil.

- Não houve concurso no BVJ e campeã do Arraial do Anauá

**2003** – Roraima tem tradição, ritmo e emoção.

- Vice-campeã BVJ.

**2004** – Do Caburaí ao Chuí 100% São João.

- 3ª colocada no BVJ e Arraial no Anauá.

**2005** – 5 anos de Explosão Caipira.

- Campeã do BVJ e 5ª colocada no Arraial do Anauá

**2006** – Roraima, encantos, sonhos e magias.

- 4ª colocada no BVJ.

**2007** – A Dádiva do rio Branco.

- 5ª colocada no BVJ e 3º lugar no Arraial do Anauá

**2008** – Da magia de Oz, à terra de Macunaíma.

- Vice-campeã do BVJ e 3º lugar no Arraial do Anauá

**2009** – Luiz Gonzaga, o poeta do sertão.

- 5ª colocada no BVJ e 9º lugar no Arraial do Anauá

**2010** – Nos dez anos da Explosão a Disney faz a festa.

- 3º lugar no do BVJ e vice-campeã no Arraial do Anauá

**2011** – Alegria! Alice no São João das Maravilhas.

- 5ª colocada no BVJ e 6º lugar no Arraial do Anauá

**2012** – Da palha ao ouro no São João revela o seu tesouro.

- 5ª colocada no BVJ e 7º lugar no Arraial do Anauá

**2013** – Caprichando e garantindo, um centenário de tradição.

- 6ª colocada no BVJ e 5º lugar no Arraial do Anauá

**2014** – Luz, câmera, Explosão!

- 5ª colocada no BVJ.

**2015** – 15 anos, festa encantada!

- Campeã no BVJ e 4º lugar no Arraial do Anauá.

**2016** – Meu São João é assim!

- 3ª colocada no BVJ e 7º lugar no Arraial do Anauá.

A quadrilha cria sua história dentro das festas juninas de Boa Vista, reinventando-se de acordo com as novas mudanças, cujos os temas estão relacionados conforme a dinâmica sociocultural. E em 2016, teve como tema, “Meu São João é assim”, no qual a letra da música que concorreu ao título foi: “Meu São João é assim”.

### **Meu São João é assim**

*Era uma vez*

*E pra sempre será*

*A mais bela do tablado*

*Vou me apresentar*

*Podem falar*

*Muito prazer sou Explosão*

*Meu são João é assim*

*Assim é meu São João*

*Uma sanfona enluarada*

*Na beira da fogueira*

*Fiquei apaixonado  
É taca na bananeira (bis)*

*Canjica, milho assado, mungunzá e pamonha  
O vestido gira, vira carrossel  
Isso é coisa de quem sonha  
Olhando pro céu*

*Anavantú, Anarriê  
Sou quadrilheiro êo êo  
E mando beijo pra você! (bis)*

Os compositores são Chiquinho Santos, David de Paulo, André de Paiva, Irlan Guimarães, e como intérprete, Edilson Santana. Com o tema pontuaram o terceiro lugar no Boa Vista Junina, no qual teve empate com a Quadrilha Amor Caipira, e o critério de desempate é justamente a música, o que deu o título de segundo lugar a Amor Caipira.

Em um dos seus trechos da música, “*o vestido gira, vira carrossel, isso é coisa de quem sonha olhando pro céu*”, é justamente para simbolizar que o Estado de Roraima é conhecido nacionalmente pelo rodado da saia da mulherada, uma característica dos vestidos longos, que dá o movimento e o giro do “carrossel”. Porém, muitas quadrilhas estão adotando o vestido curto para se adequar às quadrilhas de outros estados em concursos nacionais, o que possivelmente os grupos roraimenses percam essa originalidade, como ilustra a figura 27.

**Figura 27** – Rodado da saia, ‘giro da mulherada’.

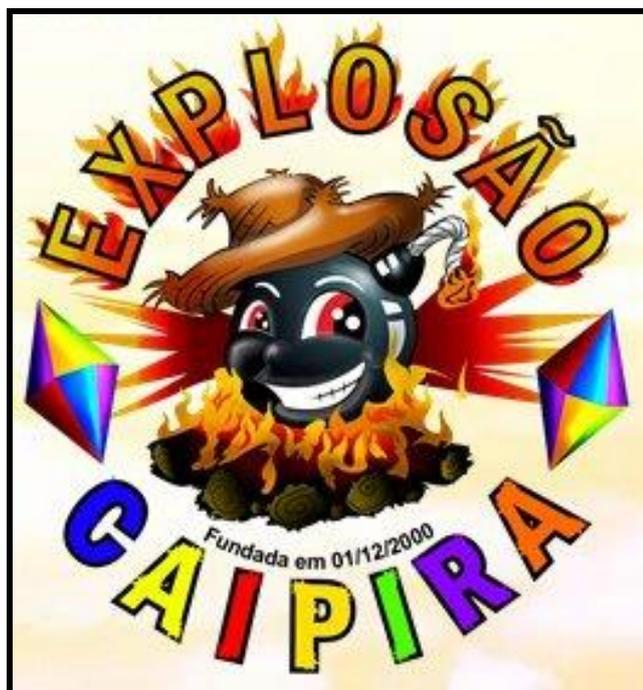


**Foto:** Glauciene Dutra, 2016.

A saia rodada é um dos momentos mais desejado pelo público, deixando-o admirado com o talento de muitas brincantes terem a prática e domínio do giro da saia. A Quadrilha Explosão Caipira foi a campeã no ano de 2015, destacando-se com várias apresentações em diversos lugares, como: Arraial do Thianguá, Arraial da Parada Obrigatória, Arraial do São Bento, e tendo até turnê em Manaus, chegando a três apresentações por noite. Alguns dos locais da Cidade de Manaus foram: Parque 10, Arraial do Shopping Via Norte, Festival do Penarol, Arraial do Ipase, Festival da Hileia e na quadra da Unidos do Alvorada.

Os grupos de quadrilhas de Roraima só ganharam mais destaque, por isso os grupos do estado vizinho se sentem privilegiados ao participarem da festa junina de Boa Vista/RR e de recebê-los em suas festas. O grupo Explosão mostrou todo seu talento e fez jus ao seu símbolo (FIG. 28) que representa uma verdadeira explosão das fogueiras de São João. Uma Quadrilha que encanta em suas *performances*, a garantindo uma explosão de sentimentos por parte dos brincantes.

**Figura 28** – Mascote da Quadrilha Explosão Caipira.



Fonte: Arquivo pessoal do grupo Explosão Caipira.

O símbolo/mascote das quadrilhas juninas é uma forma de divulgação do grupo, mostrando uma identificação que agrega um sentimento de pertencimento ao grupo ou ao nome da quadrilha junina. Os grupos que apresentam um mascote são geralmente do grupo especial, por apresentar uma produção de *marketing* da quadrilha. E para finalizar as descrições dos grupos, resta a pioneira do Boa Vista Junina, a Quadrilha Zé Monteirão.

#### **4.1.3 A mais matuta desse arraial! Quadrilha Zé Monteirão**

O grupo Zé Monteirão é uma das pioneiras do Boa Vista Junina, com 27 anos. O grupo conta com a participação de 41 casais. No ano de 2016 levou ao tablado o tema: Esperança, fé, paixão e guerra no arraial de Canudos. Uma história que aconteceu no sertão da Bahia, em meados do século XIX. A quadrilha conta o relato de uma família que tenta fugir da seca e por uma vida mais digna. São histórias reais abordadas pelos grupos de quadrilhas, que buscam ter conhecimento das histórias do povo brasileiro para representar através da dança e da dramatização juntando em uma só manifestação, esse no caso, a dança quadrilha. Tendo como estrutura as características apresentadas na tabela 06.

**Tabela 6** – Estrutura do grupo Zé Monteirão.

Nome Oficial	Grupo Folclórico Quadrilha Zé Monteirão
<b>Tema da quadrilha 2016</b>	Esperança, fé, paixão e guerra no arraiá de Canudos.
<b>Casal de Noivos</b>	Douglas Rafael e Adrienny Santos
<b>Rei e Rainha</b>	Caio Guimarães e Caroline Rodrigues
<b>Casais:</b>	41 casais
<b>Presidente:</b>	Raricilene Barros dos Ramos
<b>Animador:</b>	Frank Guedes
<b>Data de Fundação:</b>	27 de Abril de 1989
<b>Local de ensaio</b>	Escola Estadual Monteiro Lobato

**Organização/elaboração:** Glauciene Dutra, 2016.

Pioneira do BVJ, a quadrilha Zé Monteirão é um dos grupos das três estudadas em que houve mais transição de brincantes, por conta do seu tempo de existência. A quadrilha possui brincantes com mais de 10 anos no grupo. O grupo tornou-se uma família unida pelo amor junino, por terem um mesmo sentimento pela dança, pois cada brincante que permanece no ano seguinte, é motivo de satisfação, de trabalho realizado com sucesso, e como resultado e permanência dos brincantes no grupo, e com isso criando um sentimento ainda mais forte. “Eu sou Zé”, expressões de quadrilheiros apaixonados pelo o que fazem e pelo grupo que é tão experiente no ramo junino.

Esse amor pelo grupo pode ser visto a partir desse depoimento publicado em uma das redes sociais do grupo Zé Monteirão, onde fica nítido essa paixão cultural, a mesma paixão por uma escola de samba, time de futebol, grupo de Boi-Bumbá, entre outras paixões. Depoimento de um dos brincantes:

Oi Zé, como você está linda, olha só como você cresceu, lembra Zé que sempre te disse que tu és a menina dos meus olhos e realmente é **quadrilha junina Zé Monteirão**, os meus olhos brilham ao te ver, para eu sempre a mais bela, mais esse ano não é só por amor, esse ano realmente a minha Zé acordou de vez o gigante que sempre teve nela e que eu sempre enxerguei existe e estava aí, a minha Zé de 27 anos de história está rescrevendo a sua. O Zé eu descobrir que meu amor é imensurável, esse ano eu não dancei, até mesmo passei com você situação complicada e dolorosa pra mim. Em 2015 me fizeste sofrer e dentro de mim joguei que ali tinha acabado, o meu ciclo se encerrava, procurei outro lar a qual nunca foi minha casa, me fez

decepcionar, e me acharem até chata, porém Zé eu sempre quis o teu melhor te ver linda e ter ver assim grande, esse ano me afastei e tava decidida só vou ver no tablado mais não conseguir e dentro de quadra o orgulho foi muito mas muito mais muito maior, parabéns tia Raris Barroso, saiba que por sua luta e seu amor. Hoje nossa Zé canta e encanta! Parabéns por não desistir e amar muito a nossa Zé a ponto de errar querendo acertar! Parabéns pela guerra e toda dedicação saiba que dá onde o Nego estiver ele está com orgulho de nós. O caminho tava correto, Douglas Rafael, obrigado por tanta dedicação a minha Zé a menina dos meus olhos que acende fogueiras não mais verdadeiros fogos de artifício no meu coração, foi lindo que presente em Zé sempre eu te amo Zé e descobrir esse amor é realmete surreal e incontrolável e incomparável, eu Sou Zé, quadrilha Zé Monteirão.

O amor pelo grupo se renova a cada ano, principalmente dos brincantes mais antigos. Muitos fazem transições por outros grupos até encontrarem aquela que realmente despertem esse carinho, ou voltam com a certeza que era lá que esse amor florescia como quadrilheiro. Como os próprios brincantes comentam, *‘se for pra ser Zé que seja de verdade’!* Foi esse amor pela quadrilha que surgiu com o símbolo da quadrilha, representado pelo coração (FIG. 29).

**Figura 29**– Mascote da Quadrilha Zé Monteirão.



**Fonte:** Arquivo pessoal do grupo Zé Monteirão.

A quadrilha teve com música em 2016, a composição/interprete de Rainey Prestes. Sob o título: “Guerra sem mares”, o tema que lhe rendeu o oitavo lugar no BVJ, e o segundo lugar no arraial do estado. Jurados diferentes, em que cada um deles apresenta um olhar diferenciado sobre as produções juninas levadas pelas quadrilhas, pois sempre há oscilação das colocações de um arraial para outro.

**Guerra sem mares**

*No sertão a seca castigava,  
Fome morte, desolações,  
Raízes secas retorcidas,  
Testemunhas de um povo sofrido,  
Ignorados pela pátria sem coração.*

*Em guerra na Bahia,  
Surge um homem de valor,  
Beato Antônio Conselheiro  
Cabra macho sim senhor*

*O governo marcha com armas nas mãos,  
Pra guerra sem mares no meio do sertão.*

*Outras vezes derrotados*

*O povo de Belo monte tinha Deus no coração,  
De fé em fé, nascido na vila Quixeramobim,  
Nossa quadrilha vem contar a sua história,  
Grandes lutas que ficaram na memória,  
Antônio Conselheiro, um brasileiro que lutou até o fim.*

*Bate, bate na palma da mão,  
Aplaudindo Conselheiro, chegou a Zé Monteirão,  
Animando nossa festa,  
Nessa noite de São João.*

*Somo de um Brasil festeiro oh oh oh  
Só alegria e orgulho no peito  
Somos quadrilheiros de paixão  
Eu sou Monteirão sou Zé Monteirão.*

O interessante que em todas as letras dos grupos sempre aparece o nome da quadrilha, como uma identificação no ato da dança. A quadrilha, em 201,6 no Boa Vista Junina, recebeu os prêmios de melhor casal de noivos (FIG. 30) e melhor padre.

**Figura 30** – Casal de noivos da Quadrilha Zé Monteiro.



**Foto:** Arquivo pessoal do grupo.

Essa imagem é jus à frase utilizada pelos brincantes, “*se é pra Zé que seja de verdade*”, percebendo a entrega de corpo e alma por eles em cima do tablado, demonstrando ao público e aos jurados a veracidade no sentimento pelo grupo e com a encenação.

Os grupos encantam com suas performances em cima do tablado, sendo muito aplaudidos e admirados pela população. Há um grande sentimento de satisfação social pelos grupos de quadrilhas. Esta é a razão para se identificarem como quadrilheiros e a representação de identidade será abordada no próximo capítulo.

#### 4.2 A METAMORFOSE CULTURAL DAS QUADRILHAS JUNINAS COMO UMA REPRESENTAÇÃO DE IDENTIDADE

A quadrilha é uma dança de origem europeia e que ainda prevalece na sociedade industrializada/mundializada. Uma dança que passa de geração a geração, o que resulta no ganho de novas fisionomias. A metamorfose cultural das quadrilhas deixou um legado tanto afetivo quanto patrimonial, por isso Vigna menciona que a:

A quadrilha sofreu um processo de proletarização. Era, infalivelmente, encontradas nos bailes de roça, em que a marcação conservava algo da terminologia francesa. A dança de quadrilha teve origem na Inglaterra, por

volta dos séculos XIII e XIV. A guerra dos Cem anos entre a França e Inglaterra, serviu também para promover uma transferência cultural entre esses países. A França adotou a quadrilha e levou-a para os palácios, concertando-a, assim, numa dança nobre. Rapidamente se espalhou por toda a Europa e, dessa maneira tomou-se uma dança presente em todas as festividades da nobreza (2012, p.10).

Isso reflete diretamente na forma como sociedade amplia suas produções culturais. O Brasil apoderou-se dessa dança criando características brasileiras, como é possível perceber na produção junina dos arraiais em todas as regiões. A festa e a quadrilha junina deram ao Brasil o título da maior quadrilha do mundo, destacado pelo Instituto de Rank Brasil, que declarou a quadrilha de Campina Grande a maior quadrilha junina do mundo, com 746 pares, este recorde superado pela mesma visto que, em 2014, dançaram com 716 pares. A cidade conta com esse recorde desde 2013 quando dançou com 628 pares<sup>26</sup>, um verdadeiro quadrilhão brasileiro.

O que move a quadrilha é o amor pela dança, este quadrilhão é a junção dos principais brincantes de Paraíba, tendo como incentivo a Secretaria de Esporte, Juventude e Lazer (SEJEL), do Desenvolvimento Econômico (SEDE) e da Coordenadoria Municipal de Turismo (CODEMTUR), de Campina Grande.

A quadrilha é uma cultura que ultrapassa seus próprios limites, é um movimento sem muitas exigências, porém, é organizado e com qualidade. O movimento polarizou-se e ganhou mais destaque em todos os campos sociais.

A quadrilha não só se popularizou como dela apareceram várias danças derivadas. Assim surgiram a quadrilha caipira, no interior paulista (e de Minas), o baile sifilítico na Bahia e Goiás, a saruê (deturpação de *soirée*) no Brasil central e, talvez a mais interessante de todas elas, a mana chica e suas variantes. Várias danças do fandango usam marcação de quadrilha, da mesma forma que o pericom e outros bailes guascos da companhia no Rio Grande do Sul (VIGNA, 2012, p. 11).

Uma dança que deu origem a muitas outras. Vigna (2012, p. 13) menciona como “uma dança nascida no meio do povo há seis ou sete séculos e que voltou ao povo em outro país e outra etnia, mas, praticamente, conservando a mesma função antropológica, social e cultural”. A dança é resultado da Guerra dos Cem Anos entre a França e Inglaterra, o que levou a *country dance* para França. Esse conceito afrancesou-se, transformou-se em *contredance*, danças em pares e que executavam a coreografia frente a frente ou *vis-a-vis*. A *contredance* aportuguesou-

---

<sup>26</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/sao-joao/2016/noticia/2016/06/homem-mais-alto-do-brasil-ajuda-quadrilha-bater-recorde-na-paraiba.html>. Retirado em 22/06/2016, as 12:34.

se como contradança, e a quadrilha implicou a formação dos pares em elas opostas conforme Vigna (2012, p, 11).

A quadrilha passa por muitas modificações isso é fato, sendo inserido na mudança as novas influências sociais, que de uma festa rural torna-se uma festa urbana de grande porte que reproduz os espaços urbanos, influenciando na empregabilidade. Entre essas análises é que a geografia cultural volta sua linha de estudo, sobre a junção do social com cultural, analisando seus resultados, o que interfere diretamente com o espaço urbano, que por sua vez mudam a qualquer manifestação cultural, um exemplo, é a festa dança junina. Essa mudança se deu:

Em dois séculos, a contradança perdeu aquela característica camponesa e rural para retornar-se a dança nobre por excelência, conquistando, primeiramente, a corte francesa e, em seguida, todas as cortes europeias, incluindo a portuguesa. Chegou-se ao ponto de, de abertura dos bailes da corte. A medida que foi se popularizando, principalmente no Brasil e em Portugal, o nome quadrilha começou a ser usado seguindo a terminologia utilizada na Espanha e na Itália, onde identificava a contradança, dançada por quatro pessoas. Dessa “quadrilha de quatro” de derivou a “quadrilha geral” (VIGNA, 2012, p, 12).

Com a chegada da quadrilha no Brasil, no século XIX, com a vinda da família real, a dança caiu na rotina do povo e que passou ser vista com uma festa popular, sendo introduzida e aceita pelas regiões brasileiras. Com o passar dos anos, foi ganhando características próprias. Por isso, segundo as pesquisas com a população que estava nas noites de arraial, muitas acreditavam que a festa junina era de origem brasileira, mas não é. Ela se popularizou tanto que os compositores brasileiros adotaram esse gênero musical, em composições bem nacionais, com vários atributos brasileiros.

Atualmente as festas juninas no Brasil são cenários de muitas comemorações, totalmente planejadas no que tange à estrutura social a estrutura da quadrilha. A estrutura requer uma ênfase de como ocorreu a metamorfose dessas quadrilhas em Boa Vista/RR, que inicia com um tablado construído para as apresentações. O tablado mede 20 x 25m, sendo um espaço que abrange em torno de 54 casais (número máximo de casais que uma quadrilha levou para tablado), cobrindo toda a arena junina.

O tempo estimado para cada apresentação são de trinta minutos cronometrados, sendo um dos critérios que o grupo pode vir perder pontos se caso ultrapasse o tempo limite, e se fizer menos que vinte e cinco minutos. Se ultrapassar ou não atingir o tempo mínimo será perdido 0,1 décimo por cada minuto a menos ou mais. São oferecidos dez minutos para cada grupo colocar e retirar seus cenários no tablado (podendo perder ponto se ultrapassar). Mesmo que a quadrilha não apresente nenhum cenário, esse tempo não pode ser atribuído para apresentação.

Conforme o regulamento da FETEC, 2016, o término da apresentação só será considerado quando no tablado não estiver mais o animador, qualquer brincante ou figurante, assim o cronômetro pode encerrar a apresentação (FIG. 31).

**Figura 31** – Tempo cronometrado.

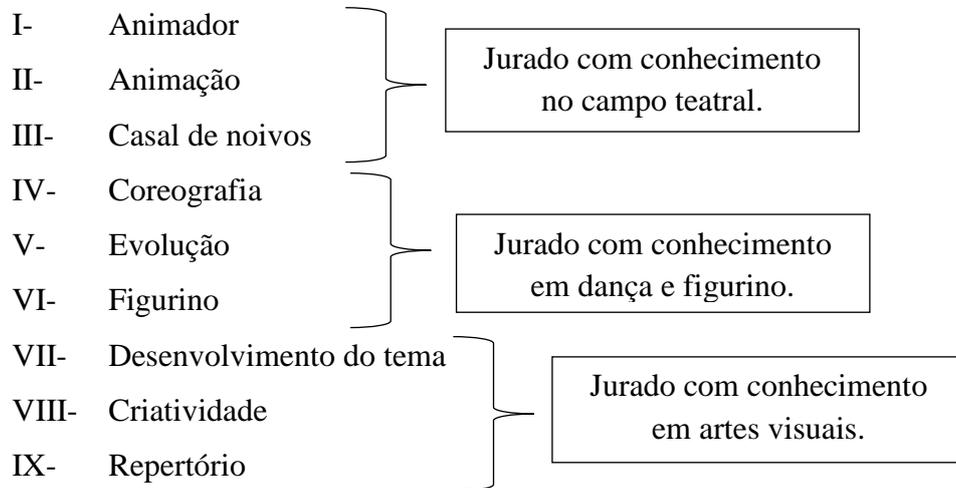


**Foto:** Glauciene Dutra (2016).

As quadrilhas são avaliadas segundo uma série de critérios durante as apresentações, que são julgados por pessoas que entendam da temática. Assim, o conjunto das quadrilhas está caracterizado pelos seguintes elementos, conforme a FETEC, 2016.

- I- Animador: figura (humana) que comanda e anima a quadrilha.
- II- Brincante: figura (humana), que faz parte de um par e que dança durante toda a apresentação da quadrilha.
- III- Figurante: figura (humana) que participa apenas da entrada ou de uma alguma encenação, sendo crianças ou homenageados.
- IV- Alegoria: figura (cenográfica), móvel ou imóvel usada em determinados momentos da apresentação.
- V- Adereços: figura (cenográfica), móvel usada em determinados momentos da apresentação pelos brincantes, animador ou figurantes.

As quadrilhas devem dançar pelo menos uma música dos anos anteriores do seu próprio grupo ou de outros. E ter uma música tema inédita. A música-tema é um dos critérios avaliados, entre elas estão outras categorias para serem julgadas, que são:



Essa avaliação deve ser analisada com uma nota de 7 a 10 pontos em cada quesito. A liderança e a empolgação dos brincantes em cantar todas as músicas, inclui no item de animação. O casal de noivo deve interagir com o público, as coreografias devem estar em harmonia com a música e com a uniformidade dos passos. As roupas são um capricho até em seu acabamento, atribuindo o uso das cores, dos brilhos conforme a temática e a funcionalidade do figurino com a coreografia.

O desenvolvimento do tema remete à adequação do figurino, com repertório, com a cenografia, tudo deve estar na *performance* com o tema. Quanto à criatividade, é tudo que a quadrilha utiliza em sua apresentação nas alegorias e adereços. E as músicas devem estar dentro do eixo proposto temática da quadrilha, sendo avaliado no repertório.

#### 4.3 IDENTIDADES QUADRILHEIRA/REPRESENTAÇÃO CULTURAL

A forma como a festa junina desenvolveu-se ganhou uma nova forma de exposição, com isso criando inúmeras interpretações culturais. O festejo que ocorre no Estado de Roraima e, principalmente, na capital Boa Vista, tornou-se um “patrimônio imaterial cultural”, que foi trazido da região nordestina, ganhando relevância local pela política, pelo social e pelo econômico, já que na Região do Nordeste esse movimento cultural prevalece com maior

significância, sendo transportada pelo processo migratório, criando toda uma estrutura na Região Norte.

De forma geral, é construída a partir das influências sociais na formação dos sujeitos, ou seja, a identidade dependerá do lugar, da forma como é interpretada e como esta seria compartilhada de acordo com seus interesses. Sendo assim, uma identidade só é percebida a partir da convivência com outra cultura.

Por isso, que na antropologia não há um conceito definido por se tratar de um tema que varia de acordo com as percepções de sociedade. Segundo Woodward (2009, p.14) a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença são estabelecidas por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades.

Seguindo nessa temática, o que faria esses grupos possuírem uma identidade quadrilheira seriam as suas características distintas dos demais movimentos culturais. As quadrilhas modificam-se e não apenas cultivam uma tradição. Cada grupo mantém uma marca diferencial e que também é permanente.

As festas juninas passaram por uma reconstrução simbólica, no que se refere a sua importância para sociedade, sendo uma festa que continua a produzir algum tipo de bem, não mais apenas as boas colheitas. Com isso as quadrilhas ganharam mais relevância, no sentido de terem o reconhecimento como cultura popular.

A partir dessa discussão e com depoimentos dos brincantes em estudos esse valor simbólico para Boa Vista/RR, serviu ainda mais para fortalecer suas identidades culturais apresentados pelas quadrilhas.

Há depoimentos que fizeram entender como esta dança tradicional ganhou destaque e tornando-se 'patrimônio imaterial' e símbolo para apresentar uma identidade para os brincantes. Esses grupos possuem identidades distintas, identidade no sentido em que cada um desses grupos tem uma maneira assinalada de produzir-se sua dança, ou seja, cada grupo tem uma maneira diferenciada de inovar a dança sem perder sua tradição. Por tanto ficam conhecidos pelas suas marcas diferenciadas da relação do EU e do OUTRO.

Os grupos de quadrilhas passam a ser vistos como movimentos sofisticados<sup>27</sup>, esses movimentos populares culturais são transformados pela dinâmica social, conforme a sociedade moderna vai modificando-se. Segundo Stuart Hall (2001, p. 15), as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedade de mudanças constante, rápida e permanente.

---

<sup>27</sup> Um novo termo utilizado pelos antropólogos presente no livro: Cultura Populares em meio urbano. Edua. Manaus, AM. 2012.

Contudo, as quadrilhas têm uma identidade que só ganham sentido para a sociedade apenas na época dos arraiais. Essa cultura floresce no festejo junino e com ele a “nação quadrilheira” torna-se um valor simbólico no contexto social, sendo criando símbolo do arraial.

No campo antropológico esse modelo de símbolos se apresenta como significado e significância. Assim, de acordo com essa abordagem no sentido de relacionar com as quadrilhas, o significado está no festejo junino como objeto, ‘a coisa’. Sendo assim, a festa tem um significado tanto para os quadrilheiros quanto para a sociedade, porém com interesses diferentes.

Já a sua significância é o valor de representar uma dança cultural, ser quadrilheiro é o marco diferencial nos arraiais. O que cabe aos grupos de quadrilhas fazer com que a sociedade entenda as formas como eles agem, quanto a sua importância em manter essa cultura e o resgate do valor desse patrimônio cultural. Quanto ao que seria ser nação quadrilheira, os brincantes dos grupos apontam como:

“Cultura de povo acolhedor”. “Pessoas que são quadrilheiros por paixão”. “Uma grande família unida por uma dança tradicional”. “Dançarinos, admiradores e organizadores que fazem um espetáculo no tablado”. “Uma família unida pela cultura popular”. “Um grupo formado para prestigiar a cultura e que amam dançar quadrilha”. “Todos os brincantes de unidos pelo amor a quadrilhas festejando essa época maravilhosa, são quadrilheiros apaixonados pelo São João”. “Um grupo de pessoas envolvidas em prol da cultura e tradição junina”. (Depoimentos dos brincantes das quadrilhas, Eita Junina, Zé Monteiro e Explosão Caipira, 2015).

Com essas expressões sobre o que vem ser uma nação quadrilheira, os próprios brincantes das quadrilhas manifestaram-se sempre relacionados ao sentimento de pertencer ao um grupo e que diferenciam por apresentar um anseio pela dança tradicional, por tratar-se de um conjunto floresce todos os anos, tendo um trabalho de seis meses, de preparação e ensaios. O que fazem desses brincantes, um grupo de quadrilheiros.

Quanto a quem seriam esses quadrilheiros, pode-se afirmar que são pessoas comuns inseridas no contexto social. Esses brincantes possuem uma diversidade em suas formações profissionais, onde as classes sociais não prevalecem. Todos juntos em um só assunto, a dança, ou melhor, a quadrilha. Tanto que muitos argumentam que nos ensaios não existem um advogado ou um autônomo que participa da quadrilha, apenas quadrilheiros.

Essas quadrilhas juninas enquanto produtoras de cultura estão sujeitos às transformações de modo que os agentes responsáveis não deixam de mostrar seu significado para o meio social, o que cabe entender que cultura é uma relação direta com o contexto social, e que este está em constantes transformações. E devido a isso, as culturas modernas

preocupam-se em manter tradição sem deixar de inovar com intuito de despertar o interesse social em prestigiar a dança, com a qual todos possam aculturar-se. Vale mencionar que a Região Amazônica é completamente aculturada, segundo Cunha<sup>28</sup>, resultando nessa diversidade cultural. O que acaba reformulando cada vez mais o conceito de cultura, que segundo Geertz, (2011, p.57).

As reformulações do conceito da cultura e do papel da cultura na vida humana, surge, por sua vez, uma definição do homem que enfatiza não tanto as banalidades empíricas do seu comportamento, a cada lugar e a cada tempo, mas ao contrário, os mecanismos através de cujo agenciamento a amplitude e a determinação de suas reais realizações.

Segundo o autor, interpretar a cultura torna-se complexo, pois, envolve vários fatores concretos como costumes, tradição, religião, e que o homem é uma o agente responsável por controlar essa dinâmica comportamental, através desses fatores.

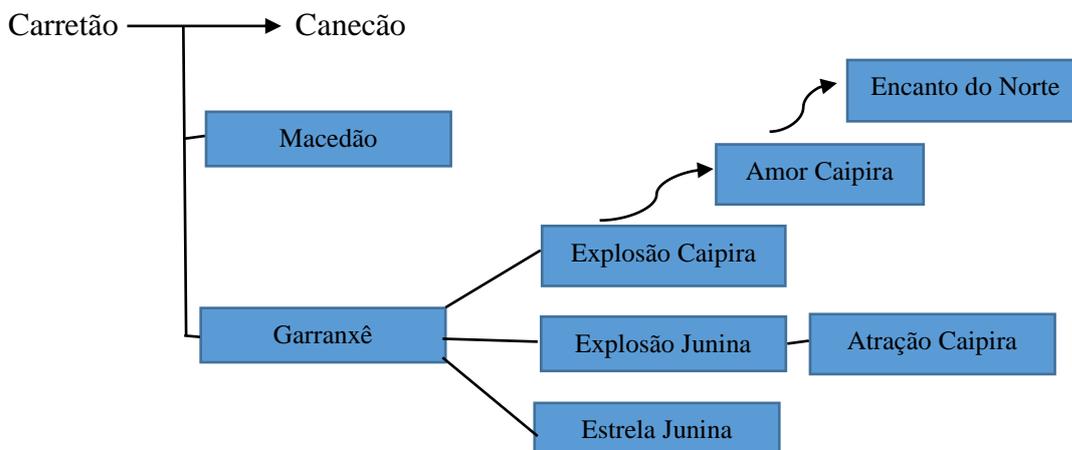
E dessa maneira, a festa junina é uma forma concreta que envolve uma pluralidade desses mecanismos tantos concretos quanto empíricos, e que o homem é responsável por apresentar um sentido às essas festas.

No que se refere à identidade simbólica, isso depende como esta será representada no meio social de forma que apresente uma diferença dos demais movimentos culturais. Assim, identidade só terá sentido a partir do reconhecimento do outro, ou seja, quando demarca uma diferença no campo social. Quando não há diferença não há porque existir uma identidade simbólica/cultural dentro de um mesmo contexto.

Identidade é representada para marcar uma diferença é apresentar uma característica própria. No que diz respeito a uma identidade geral dos grupos de quadrilhas, Albuquerque (2013, p. 90 e 91), traça um perfil da genealogia das quadrilhas, o que não deixa ser o início da construção das identidades quadrilheiras. Pois foram as próprias quadrilhas de Boa Vista que deram origem às demais. Conforme a autora, as quadrilhas foram se construindo a partir do esquema a baixo (FIG.32):

---

<sup>28</sup> Entrevista da Antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, professora aposentada da Universidade de Chicago (EUA), atualmente integrante do Conselho de Administração do Museu da Amazônia (Musa), proferiu palestra sobre seu último livro, "Cultura com aspas", na Universidade Federal do Amazonas -UFAM no dia 08/04/2010.

**Figura 32** – Genealogia das quadrilhas.

**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra, 2016, com base em Albuquerque (2013).

Essa genealogia possibilitou a criação de vários outros grupos de quadrilhas, já que segundo Albuquerque (2013), os demais grupos deram-se a partir de outras duas genealogias no qual atualmente totalizam 24 quadrilhas, sendo que em toda região do estado os números ultrapassam as vinte e quatro quadrilhas que dançam no BVJ. Configurando-se dessa maneira: o grupo que tem a última colocação no grupo de acesso, fica sem dançar o ano seguinte dando vaga a quadrilha que não se apresentou no respectivo ano. Dessa maneira, dos 15 anos (pois, houve um ano que não houve concurso) do Boa Vista Junina 8 quadrilhas já levaram o título de campeã do arraial, conforme a tabela 7 com as campeãs de cada ano.

**Tabela 7** – Quadrilhas Campeãs do Boa Vista Junina.

Ano	Quadrilha Campeã
2001	Explosão Caipira
2002	Não houve concurso
2003	Garranxê
2004	Zé Monteião
2005	Explosão Caipira
2006	Arrastão Caipira
2007	Arrastão Caipira
2008	Eita Junino

<b>2009</b>	Coração Caipira
<b>2010</b>	Coração Caipira
<b>2011</b>	Amor Caipira
<b>2012</b>	Eita Junino
<b>2013</b>	Eita Junino
<b>2014</b>	Coração Caipira
<b>2015</b>	Explosão Caipira
<b>2016</b>	Gonzagão

**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra, 2016.

A tabela mostra que alguns grupos de quadrilhas mantêm uma aproximação de títulos, o que explica a rivalidade para a conquista do prêmio de melhor quadrilha. Essa rivalidade, é em virtude da competição, o que é natural. É interessante que, quando trata-se de ‘nação quadrilheira’, os brincantes esquecem de qual quadrilha fazem parte. É comum perceber uma quadrilha dando apoio nas apresentações da quadrilha concorrente.

Em campo, quando um dos integrantes foi questionado o porquê da ajuda ao concorrente, o mesmo respondeu:

Tem alguns grupos que não veem a concorrência no outro grupo, e sim, no próprio grupo em mostrar o seu melhor. Ajudar na apresentação significa companheirismo da nação quadrilheira. Aqui o que cabe é cada um mostrar o que pode fazer, a gente faz com gosto e os jurados decidem, a nossa ajuda não interfere no resultado final. É uma competição com rivalidade, mas o que fala mais alto é o espetáculo de todos darem certo” (Brincante da Zé Monteirão, no Boa Vista Junina 2016).

E esse amor pela dança quadrilha que fez surgir a ‘nação quadrilheira’. A quadrilha foi criada em Paris no século XVIII, “quadrille” era dançada nos salões mais luxuosos e tinha quatro casais apenas, e foi adquirida pelos brasileiros em meados de 1830<sup>29</sup>, tornando-se popular no século XIX.

Enraizando-se nas manifestações religiosas e culturais do Brasil, o que era uma dança dos salões nobres, o brasileiro criou novas características mais matutas, por ser uma forma de agradecimento as boas colheitas de quem viviam de suas produções, uma população rural.

<sup>29</sup> Disponível: Portal EBC <http://www.ebc.com.br/cultura/2013/06/saiba-de-onde-vem-a-quadrilha-danca-tipica-das-festas-juninas>. Acessado em 05/07/2016, as 15: 45.

As transformações ocorridas na dança é algo que acontece naturalmente conforme passava a fazer parte da cultura brasileira, o que resultou no aumento dos números dos casais, saindo dos passos franceses e passando ao passo mais caipira. Outra característica brasileira foi o casamento na quadrilha, no qual eles contavam muitas histórias que ocorriam de moças que se entregavam antes do casório, e a família realizava um casamento nas azáfamas e forçado. Essa encenação é que levava o público ao riso, com a fuga do noivo e a noiva desesperada para casar.

A dança transformou-se, porém, as heranças francesas ainda estão presentes, quando na quadrilha ainda permanece o animador. Ele comanda a quadrilha, avisando a hora de mudar os passos. Do francês ao brasileiro essas pronúncias estão presentes nos gritos das quadrilhas como mostra a figura 33.

**Figura 33** – Palavras herdada da quadrilha francesa.

Soirée	Ao	Saruê	= Reunião social noturna, uma ordem para se juntarem no centro do salão.
Em Arrière	Ao	Anarriê	= Para trás
Em Avant	Ao	Anavã	= Para frente

**Organização e elaboração:** Glauciene Dutra, 2016.

Vale lembrar que esses gritos são a marcação dos passos, que por sua vez, também transformaram-se, hoje os grupos usam seus próprios gritos ou cacoetes. Uma brincadeira em que o que vale é transformar sem perder sua originalidade, apesar que muitos afirmarem que isso não é mais quadrilha junina tradicional. Nenhuma sociedade conserva-se intacta, sem nenhuma mudança, o que cabe dizer que a quadrilha é vivida por uma sociedade mais que está em constante dinâmica de transformação, pessoas com valores diferentes, e de um tempo em que inovar é para preservar uma cultura tradicional.

Tanto que essa tradição não fica apenas nos meses de junho e julho, muitos grupos levam a sério a ‘brincadeira’ e fazem da quadrilha um grupo de apresentações viajando para várias regiões. Em Brasília, por exemplo, a festa ocorre no mês de agosto. E segundo

o Portal EBC<sup>30</sup>, há quadrilhas que vivem da dança, colecionando títulos, organizando-se como uma entidade, a Liga Independente de Quadrilha do Distrito Federal e Entorno (LinqDFe).

Eles se apresentam anualmente no circuito junino em dez cidades, ou mais. Criada em 2000, o grupo conta com 62 grupos filiados, tendo apoio da Confrebraq. Hoje, o quadrilheiro é um dançarino profissional, que se submete às regras e exigências para acompanhar a agenda lotada de apresentações.

Isso é evolução dos brincantes de quadrilhas que hoje configura como empregabilidade, tendo seu dia no calendário de comemorações. Os quadrilheiros hoje são protagonistas de uma cultura popular que é representada em todo o Brasil. É isso que as quadrilhas de Boa vista/RR vêm realizando, transformando-se e tomando seu lugar como protagonistas da cultura local, fazendo ecoar seu canto ultrapassando seus limites regionais.

---

<sup>30</sup> Sites de notícias da Capital brasileira, acessado dia 15 de Outubro de 2016, as 15:12.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trabalhar os grupos de quadrilhas, através do olhar geográfico no aspecto Cultural, chega-se a ideia que, o conhecimento só é conhecimento quando é vivido e experimentado. Pois, é através da experiência que podemos formar nossos conceitos sem pré-conceitos existente do fato.

Este pré-conceito esteve presente no início da pesquisa, quanto à insatisfação com o tema, ou medo do tema ser questionado, qual a importância disso no meio de tantas outras indagações científicas? Porém, com bases nas leituras entende-se que essa temática é bem mais ampla e tão importante quanto qualquer outro tema de humanas. O que reflete bem que as críticas só podem valer a partir do momento que há domínio do conhecimento.

Assim, as indagações foram sendo respondidas em cada leitura e análise dos dados coletados no campo. O conhecimento foi ampliando, tornando-se interessante, desejável de se pesquisar. Vindo o primeiro aprendizado: conhecer para julgar e conhecer para ser crítico. A cada leitura, a estrutura da dissertação foi sendo construída, com base na Geografia Cultural, Cultura Popular, e as dinâmicas das festas juninas.

Algumas considerações estão voltadas para o valor que o arraial ganhou em Boa Vista/RR, no qual tornou-se para população um movimento de suma importância. E que seria interessante que os poderes públicos municipais tombassem oficialmente os festejos juninos de Boa Vista como patrimônio imaterial cultural, com base ao Decreto Nº 3.551, de 4 de agosto, que indica qualquer manifestação tais como: dança, comida, festa e culinária como patrimônio imaterial cultural.

Já que a festa em Boa Vista ganhou um espaço mais estruturado para sua realização, nada mais justo que ser reconhecido com o tombamento, caracterizando um patrimônio imaterial da cidade, o que levaria ainda mais a valorização dos brincantes de quadrilhas e com a imagem favorável do estado, em produzir festas que legalmente seria reconhecido como patrimônio cultural.

Dessa forma, tudo que está inserido no meio social e consegue modificar o espaço urbano por conta de sua existência/permanência é porque tornou-se típico e característico da história local. Como é o caso da festa junina que consegue reproduzir os espaços urbanos para manter-se viva na cultura boa-vistense, uma vez que a cultura também faz parte do saber, da integridade, do conhecimento que precisa ser despertada e aplicada na população. E a forma como é aplicada essa cultura, é que pode-se chegar a ser um patrimônio cultural intangível, pela

notoriedade que ganhou. O Boa Vista Junina é um exemplo satisfatório, pela sua popularidade e a sua estrutura de festa de grande porte.

Esse possível tombamento das festas juninas contribuiria para os campos, político, econômico e sociocultural. Pois, como mostram os resultados da pesquisa são elementos que estão estreitamente ligados, onde um complementa o outro.

Esse complemento se deu pelo fato de que as festas juninas ganharam uma nova característica, uma imagem mais mercantilista, com a produção de toda a estrutura do local, das quadrilhas e o fluxo de comércio que concentra nas noites do evento.

Para os campos político e econômico, esse tombamento aumentaria ainda mais as relações do estado com outras regiões, tornando-se visível no comércio cultural, e essas articulações contribuiriam para o crescimento do turismo regional. E, além disso, sendo reconhecida nacionalmente por produzir esse patrimônio imaterial.

No que se refere ao sociocultural, os ganhos são os mesmos. A população terá uma festa ainda mais organizada, com isso valorizando os quadrilheiros por ser parte da sua história, sem ter aquele velho preconceito de quem dança quadrilha são “pessoas sem ocupação”. Os resultados da pesquisa apontam que os brincantes são pessoas que exercem diferentes funções públicas, tirando apenas um tempo para dedica-se à dança.

A população costuma apresentar comportamentos de julgar sem conhecer, por isso que muitos dos grupos de quadrilhas são vistos com uma imagem tão desfavorável. Talvez, quando o dia do quadrilheiro passar a ser conhecido por todos, essa forma de pensar possa mudar por parte da população, passando a prestigiar ainda mais esse trabalho. Há que se considerar que a quadrilha é uma cultura popular como qualquer outra, uma dança que foi implantada no Brasil, mas que ganhou características com a ‘cara’ do povo brasileiro, dando mais ritmo e harmonia com a música, devido às mudanças sociais.

Vale lembrar que a cultura é ‘viva’ e se reconstrói de acordo com seu momento. Toda essa discussão pode ser analisada com bases no primeiro capítulo, concluindo em parte que (já que nas áreas humanas nada pode ser visto como acabado), as relações humanas são resultado da cultura. A Geografia Humana tem um campo amplo de temáticas, mas, no caso desta pesquisa que teve como objeto de estudo a festa junina, pode considerar que ela é agente urbano que modifica um espaço e com isso criando suas particularidades, ou seja, suas territorialidades nas formas como é apresentada e se diferenciando uma das outras, criando uma identidade simbólica.

E quanto a essa identidade, os grupos de quadrilhas possuem sim uma identidade simbólica, pois, são o símbolo do arraial e são eles os diferentes dentro desse contexto, sendo

cada grupo marcado por comportamentos culturais/históricos, que fazem sentido existir nesse movimento.

Já no segundo capítulo, com a construção das festas do ONTEM e do HOJE, foi possível perceber o quão importante é preservar e manter uma cultura, que foi herdada da cultura europeia e que se modifica sem perder sua essência. Os brincantes passam a ter um amor, justamente por ser uma dança que se inova. Nenhuma cultura é obrigada a permanecer a mesma para não deixar de ser importante, pelo contrário, deve inovar para se fazer presente em uma sociedade globalizada. Em que muitos conceitos são deixados para trás e agregando os novos.

No último capítulo, as quadrilhas mostram o verdadeiro significado das festas juninas, sendo a união e companheirismo. Mesmo se tratando de uma competição, esse sentimento não é mais forte que a parceria com o grupo adversário, claro que todos querem ter o título de campeã, mas sem deixar de ser solidário com outros quadrilheiros.

Contudo, o movimento das festas juninas floresce a cada ano, e sempre com uma proposta que encanta o público, por isso deve ser respeitada, já que fazem um trabalho voltado para comunidade, devendo ter o apoio de todos (políticos, econômicos sociais e culturais), pois são os grupos de quadrilha que mantêm acesa uma determinada cultura. E quando uma sociedade tem cultura, esta se torna mais culta, sabendo respeitar os diversos elementos culturais praticados por um povo. E tornando-se ciente que a cultura vai de acordo com que cada grupo de pessoa vive, uma vez que a cultura muda de um local para outro. Assim, a tendência da quadrilha junina é se inovar cada vez mais, e isso continuará sendo quadrilha, tendo apenas o retoque de cada momento social.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, T. K. A. **As quadrilhas e suas transformações culturais nos festivais folclóricos em Boa Vista – Roraima (2001-2011)**. Manaus, 2013.
- AMARAL, R. C de M. P. **Povo-de-santo, Povo-de-festa**. Um estudo antropológico do estilo de vida dos adeptos do candomblé paulista. Dissertação (Mestrado em Antropologia). São Paulo - PPGAS/USP, 1998.
- ARANTES, A. A. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 14<sup>o</sup> ed.1990.
- ASSIS, C. L. e NEPOMUCENO, C. M. **Cultura popular: o ser, o saber e o fazer do povo**. Campina Grande: UEPB/UFRN, 2008.
- BARROS, A. de. J. P. de; LEHFELD, N. A. de S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BERDOULAY, V. Espaço e Cultura. In: **Olhares Geográficos: modos de ver e viver no espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BEZERRA, A.C.A. **Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro: UERJ, 2008.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. IN: Rosendahl, Z. Corra, R.L. (org). **Geografia Cultural: Um século (3)**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.
- BOSSI, C. **Cultura de massa e cultura popular**. Petrópolis: Vozes, 10<sup>a</sup> edição, 2000.
- BRAGA, E. MORELLI, G. e LAGES, V.(org.). **Territórios em movimentos: Cultura e identidade como estratégia de integração de inserção competitiva**. Brasília: Relume Dumará, 2004.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937**. Diário oficial da República Federativa do Brasil. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1937.
- \_\_\_\_\_. **Decreto nº. 3.551, de 4 de agosto de 2000**. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Diário oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 4 de ago. de 2000.
- \_\_\_\_\_. **LEI** Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5o, no inciso II do § 3o do art. 37 e no § 2o do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei no 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei no 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências.
- CAPONERO, M.C. e LEITE, R. **Inter-relações entre festas populares, políticas públicas, patrimônio imaterial e turismo**. Patrimônio: Lazer & Turismo, v.7, n. 10, abr.-mai.-jun./2010, p. 99-113.

CARLOS, A. F.A. **A (Re) produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 2008.

CARLOS, A. F. A. SOUZA, M. L. e SPOSITO, M. E. B (org.). **A reprodução do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHO, L. Patrimônio imaterial e cultural popular no Brasil: intercâmbios conceituais e políticas públicas. IN: BRAGA, S. I. G. **Culturas Populares em meio urbano**. Manaus: EDUA, 2012.

CASTRO, I. E.de. GOMES, P.C. da .C. e CORRÊA, R.L. **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil., 2012.

CASTRO, J. R. B. de. **Dinâmica territorial das festas juninas na área urbana de Amargosa, Cachoeira e Cruz das Almas - BA: espetacularização, especificidades e reinvenções**. 2009. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – UFBA, 2009.

\_\_\_\_\_ **A espetacularização das festas juninas no espaço urbano como estratégia política-administrativa de promoção do turismo cultural no Recôncavo Baiano**. Facom-UFBA, Salvador, 2010.

CHAMON, C. M. **O cenário da festa: Festa Cívica em Minas Gerais no Século XIX**. Varia Historia, Belo Horizonte, nº 19, Nov/98, p.183-204.

CHIANCA, L. de. O. **A festa do interior: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX**. Natal, RN: EDUFERN – Editora UFRN, 2006.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 10ª edição, 2009.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006. 175 - 237.

CLAVAL, P. **A geografia Cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

COSTA, E. B. **A dialética da construção destrutiva na consagração do patrimônio mundial**. São Paulo: Humanitas, 2011.

CORRÊA, R. L. Geografia Cultural: passado e futuro - uma introdução. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestações da cultura do espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 49 – 58.

CUCHE, D. **A noção de culturas nas ciências sociais**. São Paulo: EDUSC, 2ª ed. tradução Viviane Ribeiro, 2002.

CUNHA, M. C. da. (Org.). Patrimônio imaterial e biodiversidade. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.32, 2005.

CUNHA, M. C. da. **Cultura com aspas: e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

\_\_\_\_\_. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico e Nacional: Patrimônio imaterial e biodiversidade.** Brasília, Revista nº 32, 2005.

DANTAS, E. M; MORAIS, I. R. D. **Território e territorialidade:** abordagens conceituais (parte II). Rio Grande do Norte: Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Universidade Estadual da Paraíba, 2008.

DANTAS, M. **Dança o enigma do movimento.** Porto Alegre: UFRGS, 1999.

DEL PRIORE, M. **Festas e Utopias no Brasil Colonial.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

DUVIGNAUD, J. **Festas e civilizações.** Tradução de L.F Raposo Fontanelle. Fortaleza, edições Universidade Federal do Ceará. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

FÁVERO, O. (org.). **Cultura popular educação popular memória dos anos 60.** Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FERREIRA, L. F. **O lugar festivo – a festa como essência espaço-temporal do lugar.** Espaço e cultura. Rio de Janeiro: UERJ, n. 15, p. 7-21, jan./jun. 2003.

FERREIRA, L.M. **O espaço urbano como suporte para a arte. Programa de Pós-graduação em Geografia - IGC/UFGM.** Londrina: Departamento de Geociências, 2005.

FETEC, Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura de Boa Vista. **Inventário do Patrimônio Cultural de Boa Vista.** Boa Vista/RR Gráfica Íóris, 2011.

FRANCO, S.C. **Cultura inclusão e diversidade.** São Paulo: Moderna, 2010.

FUNARI, P. P. e POLEGRINI, S.C.A. **Patrimônio Histórico e Cultural.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GARNIER, J. B. **Geografia Urbana.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas. 6ª ed. 2012.

GODÓI, E. P. **O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí.** Campinas, Ed: UNICAMP, 1999.

GREGORY, D. Teoria social e geografia humana. 90-122. IN: GREGORY, D; MARTIN, R; SMITH (Org). **Geografia Humana: Sociedade, Espaços e Ciência Social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1996.

HAESBAERT, R. Concepção de território para entender a desterritorialização. In. **Território territórios.** Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em geógrafa Universidade Federal de Fluminense, 2002.

HALL, D. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro, 11º ed. DP&A editora, 2011.

KUPER, A. Cultura, diferença, identidade. In cultura: **A visão dos antropólogos**. Bauru: Editora Edusc. 2002. P. 285-310.

ITANI, A. **Festas e Calendários**. São Paulo: UNESP, 2003.

LARAIA, R.D.B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 24<sup>a</sup> ed. 2009.

LEITE, F.T. **Métodos e técnicas de pesquisa**: Monografias, Dissertações, Teses e Livros. São Paulo: Ideias e Letras, 2008.

LEMO, C.A.C. **Patrimônio Histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

MAIA, C. E. S. **Vox populivox dei**: a romanização e as reformas das “festas de santo” (implicações nas práticas espaciais das festas do Divino Pai Eterno de Goiás). Espaço e cultura, UERJ, RJ, n.17 -18 p.89-106, jan./dez.2004.

MALANSKI, L. M. **Geografia Humanista**: percepção e representação espacial. Revista Geográfica de América Central. Nº 52. ISSN 1011-48X, enero-junio 2013. p. 29-50.

MARCONI, M. de. A. LAKATOS, E. M. **Fundamento de metodologia científica**. 6<sup>o</sup> ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, R. L. **Geografia Humana Econômica**. Curitiba: IESDE, 2010.

MCDOWELL, L. A transformação da Geografia Cultural. In. GREGORY, D. MARTIN, R e SMITH, G. **Geografia Humana**: Sociedade, Espaços, Ciência Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MINAYO. M. C. de. C. (Org.) **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: 2003.

MIRANDA, E. O. SILVA, S. M. H. **Des-territorialização e Festa**: A mercantilização do espaço público na Micareta de Feira de Santana. III Encontro Baiano de Estados em cultura.

MIGUEZ, P. **O carnaval da Bahia**: Um desafio para as políticas culturais. Repertório, Salvador, nº 19, p.136-138, 2012.

MOREIRA. R. **Para onde vai o pensamento geográfico?** Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2011.

MORIGI, V.J. **Imagens recortadas, tradições reinventadas**: as narrativas da festa junina em Campinas Grande-Paraíba. 2001. Tese (doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo) – USP, 2001.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 9<sup>a</sup> ed. 1997.

- OLIVEIRA, A. N. de. CALVENTE, M. del C. M. H. **As múltiplas funções das festas no espaço geográfico**. Campo Grande: Intervenções, v.13, n.1, p. 81 -92, jan./jun. 2011.
- OLIVEIRA, F.J P. (org). **A Viagem da volta etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena**. Mana. Vol. 4. nº 1, 1999 - p.47 -77.
- POLLAK, M. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos históricos. Nº 3. Revista dos Tribunais. São Paulo, 1988.
- PANIAGO, M. do. C. T. **Viçosa-tradição e folclore**. Minas Gerais: UFV, 2º ed. 1983.
- QUAINI, M. **A construção da geografia humana**. Paz e Terra. São Paulo, 1992.
- RIBEIRO JR, J.C.N. **A festa do povo: pedagogia de resistência**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- REVISTA. **ANARRIÊ**. Boa Vista: Gráfica Ioris, Ed: 2010, 2011, 2013, 2015 e 2016. Anual.
- SANCHES, C. **Fundamentos da Cultura Brasileira**. Manaus: Travessia, 1999.
- SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Edusp, 2012.
- SILVA, L. C. da. **Os festejos Juninos e a reinvenção das Identidades Culturais no contexto paraibano**. Campina Grande: PA, 2006.
- SILVA, T. T. da; LOURO, G. L. (Tradução) HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: De Paulo Editora, 2006.
- SMITH, G. Teoria política e geografia humana. 65-89. IN: Derek Gregory, Ron Martin, Graham Smith (Org). **Geografia Humana: Sociedade, Espaços e Ciência Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- SODRÉ, N. W. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.
- SOUZA. M. J, L de. O território: sobre o espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da. C; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: 15º ed. Bertrand Brasil, 2012.
- UNESCO. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. IN: **Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage**. Paris, 17 October 2002. Documento originalmente publicado pela UNESCO. Tradução feita pelo Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 2006.
- VANNUCCHI, A. **Cultura brasileira: o que é, como se faz**. Loyola. São Paulo. 1999.
- VIGNA, M.B. C. **Folclore**. Ed. Didática paulista, 2012.
- WOODWARD, K. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ. 9ª ed. Ed. Vozes, 2009.

## APÉNDICE

**METAMORFOSE DO BOA VISTA JUNINA E CONSTRUÇÃO DAS QUADRILHAS  
EM ESTUDOS**



Foto: Prefeitura de Boa Vista, adaptado por Glauciene Dutra, 2016.

\* Estrutura do Boa Vista Junina.



Fonte: Prefeitura de Boa Vista, 2016.

\* Congresso técnico, onde inicia o processo de demonstração do que as quadrilhas vão apresentar no tablado, seria uma espécie de conhecimento prévio do que será apresentado.



**Foto:** Glauciene Dutra, 2016.

\* Ensaio da Quadrilha Eita Junino.



**Foto:** Arquivo pessoal do grupo.

\* Reconhecimento do Tablado do Boa Vista Junina, Quadrilha Eita Junino.



Foto: Arquivo pessoal.

\* Cartaz marketing do grupo Eita Junino, uma forma de divulgar a data e o dia que o grupo se apresentará.



Foto: Arquivo pessoal do grupo.

\* Apresentação da Quadrilha Eita Junino, 2016.



**Foto:** Glauciene Dutra, 2016.



**Foto:** Glauciene Dutra, 2016.



**Foto:** Glauciene Dutra, 2016.

\* Ensaio da quadrilha Explosão Caipira.



**Foto:** Arquivo pessoal do grupo.

\* Apresentação da Quadrilha Explosão Caipira, 2016.



**Foto:** Glauciene Dutra, 2016.



**Foto:** Glauciene Dutra, 2016.



Foto: Glauciene Dutra, 2016.

\* Campanha da quadrilha Explosão Caipira para arrecadar dinheiro para as viagens do grupo, quando se apresentam fora do estado.

**SORTEIO DIA 12 DE JULHO ÀS 21H**  
**Praça Germano Sampaio**

# Rifa da EXPLOÇÃO

*Sua contribuição nos ajudará  
a representar Roraima  
no estado do Amazonas*

**R\$ 5,00**

- 1 aparelho de DVD
- 1 Liquidificador
- 1 Sanduicheira
- 1 Colar de prata
- 1 Cafeteira
- 1 Book fotográfico
- 1 Ferro de passar
- 1 Transformação de beleza
- 2 Kit's oficial da Explosão Caipira



www.explosaoaipira.com + informações: (95) 99127-5887 / 99152-1424

Fonte: Arquivo pessoal do grupo.

\* Ensaio da quadrilha Zé Monteirão.



**Foto:** Arquivo pessoal do grupo.

\* Apresentação da Quadrilha Zé Monteirão, 2016.



**Foto:** Glauciene Dutra, 2016.



Foto: Glauciene Dutra, 2016.



Foto: Glauciene Dutra, 2016.

\* Camisetas são confeccionadas para venda ao público em forma de arrecadar dinheiro a Zé Monteiro, 2016.



Fonte: Arquivo pessoal do grupo.

\* Feijoadas são realizadas para arrecadar dinheiro das dispersas do grupo Zé Monteiro, 2016, em apresentações fora do estado.



Fonte: Arquivo pessoal do grupo.

\* Apresentação da quadrilha do projeto municipal Cabelos de Prata.



**Foto:** Prefeitura de Boa Vista.

\* Brincantes respondendo aos questionários.



**Foto:** Glauciene Dutra, 2015.

\* Entrevistas informal com representantes das quadrilhas em estudos.



**Foto:** Kely Pinheiro, 2015.

\* Apuração dos votos das quadrilhas.



**Foto:** Glauciene Dutra, 2015.

\* Disponibilidade para traslado dos carros nos dias do festejo.



Praça Fábio Paracat nos dias do Boa Vista Junina.

A faixa sentindo os bairros fica fechado durante todos os dias de arraial devido ser uma área para concentração das quadrilhas, no quais deixam suas alegorias.



Praça Fábio Paracat nos dias do Boa Vista Junina.

A faixa do lado direito sentindo centro da cidade fica disponível durante o dia até as cinco horas para fluxo de transito.

**Foto e organização:** Glauciene Dutra, 2016.

\* Praça Fábio Paracat sem e com ornamentação da festa junina



Praça Fábio Paracat sem o Boa Vista Junina.

A área é utilizada para recreação, corridas, entre momentos de lazer pela população.



Praça Fábio Paracat nos dias do Boa Vista Junina.

A área fica disponível apenas para realização da festa junina.

**Foto e organização:** Glauciene Dutra, 2016.





UFRR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E FRONTEIRA  
 MESTRADO EM SOCIEDADE E FRONTEIRA

Pesquisa:

**“O maior arraial da Amazônia”:**

**Um olhar geográfico sobre a dinâmica dos Festejos Juninos  
 em Boa Vista/RR**

**QUESTIONÁRIO AOS PARTICIPANTES DAS QUADRILHAS**

**Mestranda:** Glauciene Dutra Silva

**Orientador:** Antonio Tolrino de Rezende Veras

**Co-orientadora:** Leila Adriana Baptaglin

- 1- Faixa etária: ( ) 12 a 15 ( ) 16 a 20 ( ) 21 a 25 ( ) 26 a 30 ( ) mais que 30
- 2- Escolaridade: \_\_\_\_\_
- 3- Bairro: \_\_\_\_\_
- 4- Sexo: \_\_\_\_\_
- 5- Profissão: \_\_\_\_\_
- 6- Tempo que dança: \_\_\_\_\_

7- Qual o valor simbólico desse festejo para você?

---



---

8- O que seria para você “nação quadrilheira”?

---



---

9- Quais os motivos que levam a participar desse grupo folclórico?

---



---

10- O que diferencia esse grupo folclórico dos demais?

---

---

11-Você se sente apenas participante ou possui uma identidade quadrilheiro? O que representa ter uma identidade quadrilheira?

---

---

12-Ao participar desse grupo folclórico você se sente orgulhoso do Estado de Roraima, por ter o maior festejo junino da região norte?

---

---

13-O que prevalece em você enquanto participante desse grupo, o desejo em cultivar a tradição dessa dança ou por simples fato em competir?

---

---

14-Qual sua visão antes e depois de participar desse movimento cultural?

---

---

15- Você percebe as influências sociais modernas nas reconstruções desses valores tradicionais?

---

---

16- Como se dão os preparativos antes da apresentação e a relação com a disponibilidade aos ensaios, e envolvimento com a família?

---

---



UFRR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E FRONTEIRA  
 MESTRADO EM SOCIEDADE E FRONTEIRA

Pesquisa:

**“O maior arraial da Amazônia”:**

**Um olhar geográfico sobre a dinâmica dos Festejos Juninos  
 em Boa Vista/RR**

**ROTEIRO DA ENTREVISTA**

**Mestranda:** Glauciene Dutra Silva

**Orientador:** Antonio Tolrino de Rezende Veras

**Co-orientadora:** Leila Adriana Baptaglin

**PATRIMÔNIO IMATERIAL CULTURAL COMO PRODUTOR DO ESPAÇO URBANO**

1. Quais as funcionalidades da festa junina para o município de Boa Vista?
2. Qual a principal dinâmica cultural popular que se concentra no ‘Boa Vista Junina’?
3. Valor simbólico/construção de uma identidade por manter esse movimento cultural?

**DO ÓCIO ÀS RELAÇÕES COMERCIAIS**

4. Como se dá o processo de organização do festejo junino, em relação:
5. Ao Tema do Boa vista o Boa Vista Junina;
6. Ao Regulamento;
7. Aos Concursos das quadrilhas,
8. Aos Jurados;
9. Ao Tema da quadrilha:
10. À Letra da música;
11. À Estruturas dos grupos culturais;

12. Às políticas públicas inseridas nos movimentos culturais
13. Às festas e suas relações comerciais.
14. Às Contribuições turísticas
15. À participação social nos movimentos culturais
15. Às empresas envolvidas na construção do arraial
16. Aos Empregos diretos e indiretos.
17. Por que se configura como o maior arraial da região norte?

#### IPHAN

1. Como são vistos os movimentos culturais no Estado de Roraima, como produção cultural?
2. O que se destaca no estado como patrimônio imaterial?
3. O prevaleceu para o festejo junino em Boa Vista se caracterizar um patrimônio cultural imaterial?



UFRR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E FRONTEIRA  
MESTRADO EM SOCIEDADE E FRONTEIRA

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, da pesquisa - **“O maior arraial da Amazônia”: Um olhar geográfico sobre a dinâmica dos Festejos Juninos em Boa Vista/RR**

No caso de você concordar em participar, por favor, assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória, mas importante para tornar esta pesquisa científica.

Você receberá uma cópia deste termo, no qual constarão o telefone e endereço do pesquisador principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

**NOME DA PESQUISA:**

Um olhar geográfico sobre o Patrimônio Imaterial dos festejos juninos em Boa Vista-RR: uma representação de territorialidades do ócio as relações comerciais.

**PESQUISADOR RESPONSÁVEL:**

Glauciene Dutra Silva

**ENDEREÇO:**

Rua SDPM Damião Gentil de Góes, 577 – Caranã.

**TELEFONE:**

(095) 99144-8068/98105-8303

**OBJETIVO:**

Analisar, por meio de entrevistas, o papel dos agentes responsáveis pelos movimentos culturais, no caso, O Boa Vista Junina. Como estes se tornaram ‘patrimônio cultural’ para o município e os diferentes interesses envolvidos. No que se refere às narrativas e os

questionários com os participantes dos grupos culturais é compreender os desejos e emoções que influenciam a participar desses movimentos.

### **Objetivos específicos:**

- Com as entrevistas analisar as relações políticas e econômicas que se apresentam dentro desses festejos;
- As narrativas e questionários: reproduzir as dinâmica cultural dos festejos juninos que se desenvolvem na Capital de Roraima, a partir dos dados relatados em relação ao envolvimento dos grupos culturais.
- Identificar e analisar a identidade cultural e o preconceito ao habituar-se “quadrilheiro”.

### **PROCEDIMENTOS DE ESTUDOS:**

Se concordar em participar da pesquisa, você gravará uma entrevista por meio de gravador digital, narrando os desejos e as motivações que influenciam em fazer parte dos grupos de quadrilhas juninas. Nas entrevistas relatar questionamento que contribuam para entender como se deu o processo dos festejos juninos no município de Boa Vista-RR e como estes se tornaram de grande relevância para economia e para cultura local.

### **RISCOS E DESCONFORTO:**

Considera-se que essas entrevistas, narrativas e questionários dos participantes em nenhum momento serão utilizados de forma que venha promover ou denegrir a imagem dos grupos culturais, dos participantes ou de quem que seja. Esta é uma pesquisa científica no qual seu interesse é abordar metodologicamente como esses movimentos acontecem.

### **BENEFÍCIOS/CUSTO PARA PARTICIPANTE**

Trata-se de uma pesquisa sem fins lucrativos, cuja pretensão maior é analisar as dinâmicas que os festejos juninos produzem em Boa Vista-RR. Não há gastos decorrentes da sua participação, e os tratamentos deverão ser totalmente gratuitos, não recebendo nenhuma

cobrança com que será realizado por meio do resultado final da pesquisa, tais como: utilização em dissertação, tese apresentação em seminários e/ou divulgação através de publicação.

### **CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA:**

A pesquisa tem caráter científico, desse modo, será mantido total sigilo sobre os dados pessoais que venham ser fornecido pelo participante. Lembrando que as narrativas, entrevistas e questionários são os suportes para o desenvolvimento da pesquisa.

---

Glauciene Dutra Silva  
CPF: 004.772.982-12  
(095) 99144-8068



UFRR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E FRONTEIRA  
MESTRADO EM SOCIEDADE E FRONTEIRA

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA  
PESQUISA**

**“O maior arraial da Amazônia”:**

**Um olhar geográfico sobre a dinâmica dos Festejos Juninos  
em Boa Vista/RR**

Eu, \_\_\_\_\_, portador do  
CPF \_\_\_\_\_, reside à \_\_\_\_\_, declaro que li e estou  
ciente das informações contidas no documento **Termo de consentimento Livre e Esclarecido**  
– **TCLE**, sobre o qual fui devidamente informado pela pesquisadora GLAUCIENE DUTRA  
SLVA, por exemplo, dos procedimentos que serão utilizados, riscos, e desconfortos,  
benefícios/custo dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em  
participar da pesquisa. Foi-me garantindo o uso dessas informações apenas como trabalho  
científico. Declaro, ainda, que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

Boa Vista, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

\_\_\_\_\_  
Nome e Assinatura



UFRR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E FRONTEIRA  
 MESTRADO EM SOCIEDADE E FRONTEIRA

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA  
 PESQUISA**

**“O maior arraial da Amazônia”:**

**Um olhar geográfico sobre a dinâmica dos Festejos Juninos  
 em Boa Vista/RR**

**CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE ENTREVISTAS GRAVADA EM  
 ÁUDIO/VÍDIO**

Eu, \_\_\_\_\_, portador do CPF \_\_\_\_\_, reside à  
 \_\_\_\_\_, declaro ceder  
 GLAUCIENE DUTRA SILVA (pesquisadora e aluna regular do programa de Pós-Graduação  
 em Sociedade e Fronteira – PPGSOF, da Universidade Federal de Roraima – UFRR), RG  
 338939-8 SSP/RR, sem quaisquer restrições quanto aos feitos patrimoniais e financeiros, a  
 plena propriedade e os direitos autorais da entrevista gravada em gravador digital que prestei ao  
 pesquisador acima citado.

A entrevista foi gravada no dia \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_, com uma média de duração de \_\_\_ minutos na  
 cidade de Boa Vista, Estado de Roraima.

O pesquisador fica, conseqüentemente, autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins  
 culturais e científicos, a mencionada entrevista, no todo ou em parte, editados ou não, bem  
 como permitir a terceiros o acesso a ela para fins idênticos com a ressalva de preservar a  
 integridade da fonte.

Boa Vista, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

**Pesquisador:** Glauciene Dutra Silva

**Profissão:** Pesquisadora e aluna regular do Programa de Pós – Graduação em Sociedade e Fronteira – PPGSOF. Matrícula número 201513708.

**Área de pesquisa:** Movimentos culturais. Identidade Cultural. Políticas Culturais.

**Contatos – fone/e-mail:**

Fone: (095) 99144-8068/ E-mail: [glaucy\\_silva17@hotmail.com](mailto:glaucy_silva17@hotmail.com)

